



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

EVELYN DE SOUZA MAYER

**O *FACEBOOK* E O CONSERVADORISMO BRASILEIRO NA  
*INTERNET*:  
DISCURSO E IDEOLOGIA**

---

Londrina  
2018

EVELYN DE SOUZA MAYER

**O *FACEBOOK* E O CONSERVADORISMO BRASILEIRO NA  
*INTERNET*:  
DISCURSO E IDEOLOGIA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado.

Londrina  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Mayer, Evelyn de Souza.

O Facebook e o conservadorismo brasileiro na internet: discurso e ideologia / Evelyn de Souza Mayer. - Londrina, 2018.  
167 f. : il.

Orientador: Rosemeri Passos Baltazar Machado.  
dissertação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.  
Inclui bibliografia.

1. Discurso Conservador - . 2. Condições de Produção - . 3. Formação Discursiva - . 4. Formação Ideológica - . I. Machado, Rosemeri Passos Baltazar. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

EVELYN DE SOUZA MAYER

**O *FACEBOOK* E O CONSERVADORISMO BRASILEIRO NA  
*INTERNET*:  
DISCURSO E IDEOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL, Turma 2016/1, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosemeri P. B. Machado.  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosane Suely Álavares Lunardelli  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabel Cristina Cordeiro  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 13 de novembro de 2018

*Ao meu Bernardo,  
e a todos que são fortes, como um urso, e valentes, como um guerreiro.*

## AGRADECIMENTOS

A decisão em falar sobre esse tema não veio somada à coragem: analisar um pensamento no atual momento histórico que passamos pode ser mais desafiador que se imagina. Vivemos uma polarização de ideias: com a simbiose do ‘homem-máquina-real-virtual’, não se enxerga mais o cinza em meio ao *black or white*, e não se aceita o meio termo. Também não se percebe a degeneração que essa ação traz. Realmente, tocar neste assunto não é, nem de longe, um ato corajoso, mas uma necessidade de análise, uma súplica que roga não ignorar este tema tão importante e necessário. É um apelo ao fim dos revisionismos discursivos e históricos.

Não foi fácil chegar a esta página. O caminho não foi linear. Muitas coisas se perderam, mas, acima de tudo, o máximo desta dissertação foram os ganhos. Inúmeros!

A tudo isso, sou grata! À vida, àqueles que me apoiaram, duvidaram, não creram. Àqueles que seguraram a minha mão até o final, bem como os que a soltaram. Agradeço a esse mundão de meu Deus por cada experiência, cada átimo de segundo em prol desta pesquisa. Aos meus familiares, aos amigos e à minha orientadora, à banca e aos colegas desta jornada. A todos que conheci, que passaram, que foram e que ficaram. Muito obrigada! Sem vocês, nada disso teria sido possível.

Avante, pois!

*Agir e criticar é fácil; difícil é pensar.*

Gilbert K. Chesterton

MAYER, Evelyn de Souza. **O Facebook e o conservadorismo brasileiro na internet: discurso e ideologia.** 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## RESUMO

O trabalho apresenta a análise realizada a respeito do discurso conservador brasileiro na mídia social *Facebook*, sob a ótica da Análise de Discurso (de linha francesa), a partir da averiguação das condições de produção (CPs), da formação discursiva (FD) e da formação ideológica (FI), e da observação de como tais discursos, considerando o aspecto sócio-histórico, são construídos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, por meio de um levantamento teórico acompanhado de análise de corpus. A fim de refletir a respeito do discurso conservador, foram analisados, também, discursos que refletem outras ideologias, outros posicionamentos. A seleção do corpus ocorreu a partir da realidade política apresentada nessa ferramenta social no momento atual. As imagens selecionadas são consideradas ‘memes’ (termo grego que significa *imitação*) e utilizadas neste meio a fim de ‘viralizar’ informações, sátiras, posicionamentos. Foram quatro os memes escolhidos de diferentes páginas, sendo dois que refletem o discurso conservador e dois de outras ideologias. Ao final da análise, observou-se que a ideologia conservadora e seu discurso, na ferramenta *Facebook*, apresenta pluralidade discursiva, não havendo neutralidade ideológica. Questões ligadas à educação dos filhos, papel da mulher, legalização da venda de armas, contrariedade às ideologias revolucionárias e questões ligadas a gênero, bem como posicionamentos políticos ligados à ideologia religiosa e ao discurso de ódio também foram percebidos. Todas as reflexões levantadas ao longo do trabalho não fomentaram interesse em ajuizar valores aos variados discursos propagados nas redes, mas animaram o debate a respeito dos revisionismos histórico e discursivo, sobre o futuro acerca da noção de liberdade, sobre o que outrora falou Althusser a respeito dos Aparelhos Ideológicos e Repressores do Estado, sobre a persuasão discursiva e como a visão política atual está atrelada à tecnologia, ao conservadorismo, bem como à ‘construção de verdade’ por meio das *fake news* nas mídias sociais.

**Palavras-chave:** Discurso conservador. Condições de Produção. Formação discursiva. Formação ideológica.

MAYER, Evelyn de Souza. **The *Facebook* and the brazilian conservatism on the *internet*: discourse and ideology.** 2018. 167 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

### ABSTRACT

This summary presents the analysis about the Brazilian conservative discourse on the social media Facebook, from the perspective of French Discourse Analysis, from the investigation conditions of production (CPs), the discursive formation (DF) and of the ideological formation (IF), and the observation of how such discourses, considering the social-historical context, are constructed. Therefore, a bibliographical work was carried out through a theoretical survey accompanied by corpus analysis. In order to reflect on the conservative discourse, discourses that reflect other ideologies and several positions, were also analyzed. The selection of the corpus came about from the political reality presented in this social tool at the present time. The sorted images are considered "memes" (A Greek term that means "imitation") and are used in this medium in order to "get viral" information, satire, positions. There were four memes chosen from different pages, two reflecting the conservative discourse and two referring to no conservative ideologies. After the analysis, it was observed that the conservative ideology and its speech on Facebook tool, presents discursive plurality, there was no ideological neutrality. Issues related to the education of children, the role of women, legalization of arms sales, contrariness to revolutionary ideologies and issues related to gender, as well as political positions linked to religious ideology and hate speech were also perceived. All the reflections raised throughout the paper did not foster interest in judging values to the varied discourses propagated in the internet, but they encouraged the debate on historical and discursive revisionism, on the future about the notion of freedom, about what Althusser once spoke about Ideological Apparatus and State Repressors, on discursive persuasion and how the current political vision is tied to technology, conservatism, as well as the build of truth from the fake news on social media.

**Keywords:** Conservative speech. Production conditions. Discursive formation. Ideological formation.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1-</b>	5.1 Meme página <i>Garota Conservadora</i> .....	40
<b>Figura 2-</b>	Publicação do meme na página <i>Garota Conservadora</i> .....	41
<b>Figura 3-</b>	Categoria denominada <i>sobre</i> da página <i>Garota Conservadora</i> .....	42
<b>Figura 4-</b>	5.2 Meme página <i>Quebrando o tabu</i> .....	75
<b>Figura 5-</b>	Publicação do meme na página <i>Quebrando o tabu</i> .....	76
<b>Figura 6-</b>	Categoria denominada <i>sobre</i> da página <i>Quebrando o tabu</i> .....	76
<b>Figura 7-</b>	5.3 Meme página <i>Fanpage Apoio Policial</i> .....	89
<b>Figura 8-</b>	Publicação do meme na página <i>Fanpage Apoio Policial</i> .....	90
<b>Figura 9-</b>	Categoria denominada <i>sobre</i> da página <i>Fanpage Apoio Policial</i> .....	91
<b>Figura 10-</b>	<i>Layout</i> da página <i>Fanpage Apoio Policial</i> no <i>YouTube</i> .....	91
<b>Figura 11-</b>	5.4 Meme página <i>Cartazes &amp; Tirinhas LGB</i> .....	117
<b>Figura 12-</b>	Publicação do meme na página <i>Cartazes &amp; Tirinhas LGBT</i> .....	118
<b>Figura 13-</b>	Categoria denominada <i>sobre</i> da página <i>Cartazes &amp; Tirinhas LGBT</i> .....	118

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Associação Cristã de Moços
AD	Análise de Discurso
AIE	Aparelhos Ideológicos de Estado
ARE	Aparelhos Repressores de Estado
CCJ	Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CONIB	Confederação Israelita do Brasil
CP(s)	Condição (ções) de Produção
DEM	Democratas (partido político)
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DSI	Doutrina Social da Igreja Católica
EUA	Estados Unidos da América
FD(s)	Formação (ções) Discursiva
FI(s)	Formação (ções) Ideológica
FIBA	Federação Internacional de Basquete Amador
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
LGBTQ	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Queer.
ONU	Organização das Nações Unidas
PATRI	Patriota (partido político)
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PODE	Partido Podemos, anteriormente denominado Partido Trabalhista Nacional
PSD	Partido Social Democrático
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
URSAL	União das Repúblicas Socialistas da América Latina
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>ANÁLISE DE DISCURSO: BREVE PANORAMA HISTÓRICO</b> .....	<b>21</b>
2.1	OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PELA ANÁLISE DE DISCURSO.....	25
<b>3</b>	<b>SUJEITO E IDEOLOGIA</b> .....	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>FACEBOOK E MEME</b> .....	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DE CORPUS</b> .....	<b>40</b>
5.1	MEME PÁGINA GAROTA CONSERVADORA.....	40
5.2	MEME PÁGINA QUEBRANDO TABU.....	75
5.3	MEME PÁGINA FANPAGE APOIO POLICIAL .....	89
5.4	MEME PÁGINA CARTAZES & TIRINHAS LGBT .....	107
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>130</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>138</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Em suma, a moral não basta à virtude;  
são necessárias também a inteligência e a lucidez.”*  
André Comte-Sponville.

As mídias sociais avançam em larga escala desde a sua criação. Como uma ferramenta importante de comunicação, elas servem, também, de instrumento de análise, principalmente no que se refere a averiguar os deslocamentos de sentidos presentes em diferentes gêneros, inclusive os digitais.

É fato que as mídias transformaram as formas de interlocução e interação, atravessando os sujeitos com novas formas discursivas. É possível conjecturar que esse tipo de gênero digital, por exemplo, tenha se tornado um espaço onde o sujeito é, claramente, assujeitado a uma série de aspectos relacionados às condições de produção (CPs)<sup>1</sup> e, conseqüentemente, ao aspecto sócio-histórico. Conforme Dias (2018, p. 44),

O que significa pensar a tecnologia em sua condição de produção? Significa “devolvê-la à história” ou “considerá-la em sua historicidade” procurando compreender seus efeitos. Parece que temos invertido essa situação, ao considerar a história um produto de tecnologia e não a tecnologia um produto histórico. Tudo isso deriva do sentido de transparência da tecnologia. E dele o sentido do desaparecimento do sujeito mediante a máquina.

Observamos, pois, que o sujeito é atravessado discursivamente pelo sócio-histórico. Os discursos têm, por meio das mídias sociais, clivado os sujeitos que delas participam, incorporando os processos ideológicos a eles. Desidério (2013, p. 122) aponta que

O sujeito está intimamente ligado às formações discursivas, como um processo advindo das formações ideológicas. O sujeito, portanto, é o indivíduo interpelado pelas formações ideológicas. O sujeito se “assujeita” ao processo-discurso, operacionalizado por processos ideológicos e materializados na linguagem.

Sendo assim, as redes permitiram ao indivíduo experimentar uma forma diferenciada de participar do universo ideológico e discursivo sobre determinados assuntos, e por meio deles, criar grupos acerca dos mais variados temas. Conforme Narciso (2015, p. 10), “não é exagero tratar a rede como uma matriz discursiva que implica a formulação de novos

---

<sup>1</sup> A AD possui conceitos próprios de sua teoria, que serão explicados no decorrer desta dissertação.

paradigmas de conhecimento.” Por ser um espaço de criação e deslocamento de sentidos, as CPs, as formações discursivas (FDs) e ideológicas (FIs) prosseguem constituindo os sujeitos, os quais, conforme Narciso (2015, p.10), são “imersos nos extratos digitais, direta ou indiretamente, qualificam o projeto da rede, o instituem, ao passo que também são determinados por ela.”

Dada a sua vastidão, a *internet* proporciona um universo de assuntos para diferentes contextos. Entre eles, está o pensamento conservador. Segundo Oakeshott (2012, p. 4), “ser conservador significa uma inclinação a pensar e a comportar-se de determinada forma; é preferir certas formas de conduta e certas condições das circunstâncias humanas a outras; é dispor-se a tomar determinadas decisões.”

Para Silva (2010, p. 5), “o conservadorismo está ligado à pretensão de manter intacta a tradição, de conservar, portanto, de rejeitar o novo e o apelo à mudança, vistos como riscos à ordem instituída.” Afirma, ainda, que tal pensamento expressa determinada alternativa à modernidade e/ou pensamento progressista graças às suas origens, constituindo, inclusive, uma resposta à modernidade, que se afasta do que é, por eles, considerado tradicional e natural ao homem.

Para o conservador, o pensamento revolucionário pretende mudar o que é imutável à condição humana ou o homem, enquanto sujeito social. É um pensar que luta contra o caos, a reforma, a mudança de paradigmas. Parte desse pensamento atribui-se ao fato de que o conservadorismo é fortemente ligado às questões metafísicas e religiosas, sendo visto, por alguns, como um pensamento doutrinador.

Cabe lembrar, entretanto, que o pensamento conservador não é homogêneo, assim como não o são os outros tantos pensamentos dos mais variados grupos, dentro ou fora da *internet*. Existem, conforme afirma Silva (2010), pensamentos liberais, tradicionalistas, paternalistas, românticos, conservadores e de nova direita, obtendo todos sua origem na ideologia conservadora. Vale ressaltar, também, que o pensamento conservador nasce da intenção de se opor ao pensamento iluminista francês. É verdade que no século XVI, com o surgimento do Humanismo, o pensamento antropocêntrico começou a ser cogitado, mas foi no século XVIII, com o Iluminismo, que as mais diferentes vertentes filosóficas e antropocêntricas afastaram-se do pensamento conservador. Por esse distanciamento do pensamento outrora vigente, o conservadorismo passou a agir na sociedade como um retorno às origens.

Segundo Orlandi (2009), o lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Isso quer dizer, por exemplo, que o discurso do indivíduo enquanto médico terá uma

conotação diferente da do paciente, dado o lugar de fala que o médico ocupa. Nessa perspectiva, podemos conjecturar que o discurso do sujeito-virtual é constitutivo apenas para o ambiente virtual e, em alguns casos, dificilmente poderá averiguar se, de fato, aquele que discursa é como se apresenta, já que o ambiente tecnológico permite a liberdade de criação de sujeito (ele pode passar-se por alguém que não é, com a intenção de agregar valor e/ou legitimidade ao discurso que profere). Não se pode atestar que aquele que se diz médico, na *internet*, o é de fato.

Quando se pensa a ideologia e o seu sentido, Orlandi (2009) afirma que a Análise do Discurso, de orientação francesa (doravante, AD), tem a noção dada à ideologia ao considerar a linguagem. Essa é uma definição discursiva de ideologia, já que, para a autora, compreendê-la é a condição que constitui o sujeito e os seus sentidos. Para a Filosofia, ela é um conjunto de ideias ou pensamentos ligados às mais diferentes ações sociais do homem como indivíduo em um grupo social. Para Pêcheux (2015), a ideologia é fixada na construção discursiva e legitimada pelo local e meio. Já para Kirk (Cruz, 2015), o conservadorismo não é uma ideologia ou religião, pois os princípios que norteiam tal pensamento valem-se da ordem natural das coisas, opondo-se ao caos e à desordem.

Em um olhar global, o pensamento conservador está sendo retomado na sociedade, por isso a seleção da AD como respaldo teórico para este trabalho se fez tão importante, pois é nas práticas sociais que os discursos são construídos e os sujeitos constituídos. Nos últimos anos, países como França, Reino Unido e Alemanha mostraram ao mundo um expressivo grupo de extrema-direita ascendendo durante as eleições; a Austrália elegeu o 28º primeiro-ministro da ala conservadora em 2013, conforme *O Globo* (2013); nas eleições de 2014, o brasileiro elegeu o congresso mais conservador, segundo o *Carta Capital* (2017); vimos Donald Trump ser eleito presidente dos EUA, em 2016, e Antonio Tajani presidente do Parlamento europeu em 2017, segundo o *Globo* (2017). O governo húngaro, liderado pelo primeiro-ministro Viktor Orban, recebeu uma punição por violar o Artigo 7 da União Europeia (que fala sobre a importância em respeitar os Direitos Humanos, liberdade de expressão e igualdade de direitos, por exemplo) e poderá perder direito a voto, bem como vir a ser desligado pela sua política ultranacionalista (*Terra*, 2018). Pesquisa realizada pelo *site Poder 360*, no auge da greve dos caminhoneiros, em maio deste ano, e noticiado pelo *O Povo* (2018), mostrou Jair Bolsonaro, da extrema-direita brasileira, como o candidato com maior intenção de votos para o cargo máximo do País quando da impossibilidade do ex-presidente

Lula, preso pela *Lava-Jato*<sup>2</sup> em segunda instância em abril deste ano, candidatar-se novamente. Em todas as pesquisas realizadas até agosto, o petista liderava a corrida eleitoral, conforme *Exame* (2018). Houve, segundo o *Rede Brasil Atual* (2018), uma renovação de 53,4% dos deputados nas eleições, garantindo que, em 2019, o Brasil conheça novos rostos na política, muitos deles, jovens entre 20 e 40 anos. Contudo, essa juventude, em sua maioria, representa partidos conservadores e liberais, é apoiada por grandes empresários, tem notoriedade nas redes sociais e não sinaliza discutir temas relevantes, como ações afirmativas e regulamentações que podem coibir a violência contra as minorias, tributação de grandes fortunas e reforma agrária. Só o partido de Bolsonaro conseguiu 52 candidaturas, tornando-se a segunda bancada mais expressiva, bem como consolidando o conservadorismo no corpo político brasileiro de forma mais significativa do que havia sido em 2014.

Em entrevista ao *site Nexo*, Carlos Gustavo Poggio (2017) considerou que o avanço do pensamento reacionário<sup>3</sup> não aconteceu repentinamente, mas por algumas motivações pontuais. A princípio, a retórica contra a imigração e a integração comunitária europeia, fazendo com que os ingleses votassem favoráveis ao *Brexit*<sup>4</sup>, reiniciou o interesse mundial por essa visão à direita, pois, para Poggio (2017), existe um desconforto com a modernidade presente nesses grupos, permitindo, assim, uma maior adesão a esse pensamento. Para Bauman (2007), a efervescência capitalista colaborou com o que chamou de “industrialização de refugiados” que, expulsos de seus países, tornaram-se uma massa escorraçada mundo afora; na ânsia por se repatriarem, acabam sofrendo represálias por grupos nacionalistas, inflamando – situações como essa – ainda mais o interesse da população por uma ideologia conservadora. Poggio (2017) apontou também a transformação econômica em países desenvolvidos nos últimos anos, desaparecendo o número de empregos para quem tivesse um menor grau de instrução, permitindo, assim, um distanciamento econômico e cultural no que chamou de “pirâmide social”; sendo outro fator para que houvesse um apreço ao discurso de extrema-direita. A esse respeito, Bauman compreendeu que (2007, p. 92)

À medida que a polivalidade e a variedade cultural do ambiente urbano na era da globalização se estabelecem, com a probabilidade de se intensificarem, e não se atenuarem, com o decorrer do tempo, as tensões nascidas da perturbadora/confusa/irritante estranheza do ambiente provavelmente continuarão estimulando impulsos segregacionistas.

---

<sup>2</sup> Iniciada em 2014, a operação *Lava-Jato* “é a maior iniciativa de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história do Brasil.”, segundo informado pelo Ministério Público Federal em seu *site* (p. 144 das referências).

<sup>3</sup> Contrário a qualquer mudança social, política; que reage às mudanças.

<sup>4</sup> Do inglês *British* (Britânica) e *exit* (saída). (Tradução nossa).

A baixa taxa de natalidade desses países desenvolvidos, somada ao grande índice de imigrantes, provocou, na visão de Poggio (2017), um processo de transição demográfica que compactuou com discursos anti-imigrantistas. Por fim, considerou que (2017) “[...] a ascensão das redes sociais e de novas formas de consumo e de produção de informação, [...] permitiu a difusão de ideias que de outra forma seriam bloqueadas pelos canais de comunicação tradicionais.”

Assim, entendemos a necessidade de discutirmos, nos meios acadêmicos (mas não só), uma realidade que se enuncia, pois há uma adesão ao pensamento conservador, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Para Sousa Santos (2010, p. 76-77),

No paradigma emergente [sic] o conhecimento é total, [...] Mas sendo total, é também local. [...] O conhecimento pós-moderno [...] é um conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da acção humana projectada no mundo a partir de um espaço-tempo local.

Portanto, para a AD, que compreende ser (o discurso) uma reformulação de outros discursos, que se atravessam e trazem uma ‘nova roupagem’ à medida que se constituem sócio-histórico e ideologicamente, percebe a relevância sobre a discussão desse tema na atualidade, refletindo a respeito do ser humano que, clivado por essa ideologia, em meios virtuais, depreende ‘novos’ efeitos de sentido em torno do sujeito e sua díade<sup>5</sup> – é o sujeito real? Virtual? Ou os dois? Desde o fim do regime militar, o Brasil não conviveu com o aumento da violência em período eleitoral, como o que ocorreu neste ano, segundo Capanez (2018). Para Militão (2018), os eleitores trouxeram para o segundo turno dois candidatos de posicionamentos ideológicos diferentes, porém réus por ações penais e improbidade administrativa. Isso nunca havia acontecido na história da redemocratização brasileira, o que levanta reflexões sobre o discurso anticorrupção como o principal recurso eleitoral utilizado por ambos, discurso que ganhou notoriedade a partir da *Lava-Jato*.

Conforme o TSE (2018), integrantes do *Conselho Consultivo sobre Internet e Eleições* discutiram, em 10 de outubro de 2018, os impactos que as *fake news*<sup>6</sup> geraram nas eleições, bem como refletiram medidas para combater esse ato. Conforme pesquisadores de universidades estadunidenses (CNseg, 2018), grupos conservadores e extremados são os mais propensos a crerem em fatos inverídicos veiculados em mídias sociais. Para Becker e

---

<sup>5</sup> Grupo de dois, par. Na dialética, díade expressa dualidade.

<sup>6</sup> Notícias falsas (Tradução nossa). Essa expressão é utilizada para justificar textos que trazem conteúdos inverídicos.

Gortázar (2018), o *Facebook* foi o espaço em que o presidenciável da extrema-direita brasileira cresceu e desenvolveu toda a sua campanha, evitando debates, mas realizando *lives*<sup>7</sup> para se comunicar com o seu eleitorado. Mesmo com o fechamento de 69 páginas da plataforma citada (*El País*, 2018) acusadas de propagarem *fake news*, o líder do PSL possui 8 milhões de seguidores nesta rede, e obteve 46,23 % dos votos válidos no primeiro turno e no segundo turno com pouco mais de 55%, vindo a ser eleito presidente do Brasil.

Também é o momento em que a díade direita *versus* esquerda ganha mais força, propiciando a produção de notícias falsas. Segundo o *Relatório sobre Notícias Digitais* (ABI, 2018), o Brasil é o país mais preocupado com as *fake news*, seguido de Portugal, Espanha, Chile e Grécia. Para os pesquisadores desse relatório, a polarização política é um dos principais fatores para a disseminação de inverdades.

Como forma de tentar compreender essa dicotomia de ideias nesse jogo de polarização política, recorremos a Bobbio (1995, p. 45), que explica: “Em um universo no qual duas partes contrapostas são interdependentes, no sentido de que uma existe se também existe a outra, o único modo de desvalorizar o adversário é o de desvalorizar a si mesmo.” Logo, nessa cena enunciativa pautada pela polarização, as *fake news* realizadas durante a corrida eleitoral de 2018 como recurso para a desvalorização do outro estão na tela, ou seja, em mídias de relacionamento. Assim, o título desta dissertação **O *Facebook* e o conservadorismo brasileiro na internet: discurso e ideologia** é, também, um olhar ao avanço tecnológico *versus* discurso avesso às mudanças; é uma análise política: afinal, o sufixo grego *-ismo* no substantivo ‘conservadorismo’ exprime ideias de sistema político e movimento ideológico. Logo, conservadorismo traz em si a concepção de movimento de ideias, de política e de poder. Essas concepções podem ser verificadas ao longo da história, inclusive nas redes sociais. O adjetivo ‘brasileiro’, no título, remonta à origem, ao lugar e ao sujeito em que o discurso conservador se instala e se constitui. Considerar o que formou o brasileiro culturalmente, seu passado colonial, seus aspectos religiosos, influências linguísticas e a forma como usa e atua nas mídias são imprescindíveis para compreender o que é ser conservador, o que é ser brasileiro e como ser brasileiro e conservador neste ciberespaço. Apesar de parecer um ‘pleonasma’, o uso das palavras *Facebook* e *internet* não o são. O *Facebook*, por ser uma plataforma digital, depende da rede para existir, de modo que o contrário, não procede: a *internet* já existia muito antes dessa mídia social. Contudo, esse

---

<sup>7</sup> *Live* (viver, no literal) é um recurso que o usuário desta rede pode utilizar para transmitir vídeos ao vivo.

espaço de interação social movimenta a *web*, o que a torna ainda mais requisitada, seja como fonte de pesquisa, seja para motivos outros.

Compreendemos que as plataformas midiáticas são construções tecnológicas que auxiliaram no progresso de várias frentes sociais: colaboraram com o acesso a informações antes restritas a um seleto grupo; proporcionaram contatos outrora impensáveis entre pessoas comuns e midiáticas, entre outros exemplos. Contudo, tais plataformas contribuíram, também, para a disseminação de discursos ligados a pensamentos tradicionalistas, arraigados em concepções contrárias às causas sociais, como: direitos às minorias, liberdade de gênero e justiça social. Assim, analisar o discurso conservador brasileiro no *Facebook* é uma forma de compreender o que ele é, como foi constituído e como se prolifera nas redes, recriando conceitos e ‘redesenhando’ sentidos, neste momento histórico. Para Pêcheux (2014, p. 150), “as palavras, expressões e proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas.”

Partindo dessa afirmação de Pêcheux, reconhecemos, nesta dissertação, a significativa importância da AD nos mais diversos campos linguístico-textuais que se apresentam nas mídias sociais. Para tanto, apresentamos neste trabalho, no primeiro capítulo, explicações sobre o que seja a AD, quais métodos utiliza para a análise, bem como uma breve contextualização histórica (como surgiu, quais são suas fases, etc.). No segundo capítulo, falamos sobre o conceito de *Sujeito e Ideologia* para a AD, bem como na visão conservadora e o que se depreende acerca do sujeito virtual, homem-máquina, para os dias atuais. Discutimos o quanto a tecnologia colabora com a nova conceituação de sujeito, e como a AD compreende a forma em que são – esses sujeitos – atravessados por discursos conservadores, sócio-histórico e ideologicamente. No terceiro capítulo, tecemos breve explicação sobre o que é a plataforma *Facebook*, como é a interação nesse ambiente, além de abordarmos aspectos referentes ao gênero meme, tão usual nesse ciberespaço. Em seguida, mostramos os resultados das análises dos quatro memes escolhidos para este trabalho. Por fim, mostramos, nas Considerações Finais, quais reflexões essas análises podem nos propiciar.

Compreendemos que o objetivo geral deste trabalho é analisar o discurso conservador em páginas pertencentes à rede social *Facebook*. Por entendermos a vastidão do que seja considerado pensamento conservador, delimitamos investigar o pensamento conservador brasileiro. Assim, nossa análise pautou-se em averiguar as influências e atravessamentos que cindiram o discurso conservador brasileiro, também, nas redes sociais.

Especificamente, para entendermos melhor como os discursos conservadores se constituem nesse ambiente, percebemos a importância de se identificar, em páginas conservadoras e não conservadoras, os discursos disseminados em páginas que se consideram, ideologicamente, diametrais a partir da comparação dos memes postados, já que, para a AD, não existe uma homogeneidade discursiva. Também objetivamos analisar os discursos dos memes selecionados com o intuito de verificarmos o que os formam, quais ideologias os atravessam, em que contexto sócio-histórico se constituem, bem como entender o processo de ressignificação na/pela história. Pensamos, conjuntamente, na importância de, após analisados, refletirmos a respeito da tecnologia e como o avanço dela, bem como das plataformas digitais, colaboram com a constituição de sujeito e de discurso, precisamente do discurso conservador brasileiro.

Como processo metodológico, fizemos uma revisão bibliográfica a respeito da teoria que decidimos utilizar (AD) e da ideologia conservadora (o que ela é, como foi constituída, etc.), e analisamos estudos que se atêm ao universo digital, sobretudo os que compreendem esse tema à luz da AD. Depois, pesquisamos nas páginas conservadoras e não conservadoras memes cujas publicações caracterizassem, ideologicamente, nossa proposta de análise. O meme foi escolhido como suporte de gênero, pois essa plataforma oferece uma variedade de gêneros discursivos e enunciados<sup>8</sup> que, se fôssemos analisar todos, demandaria muito mais tempo que se tem para a realização de uma dissertação.

Dada a vastidão da *web*, decidimos analisar quatro memes, sendo dois de páginas conservadoras e dois de páginas não conservadoras. As escolhas se deram pelo conteúdo publicado, não havendo interesse por uma página em específico. Primeiramente, procuramos por memes de páginas conservadoras para, em seguida, pesquisarmos memes de páginas não conservadoras. Após as escolhas, estabelecemos a importância em delimitar os assuntos que entendemos ser norteadores das páginas, aqueles que notamos ser mais relevantes. Notamos que temas ligados à família, à educação e à segurança são os mais comentados nesse ambiente. Assim, a primeira análise fala sobre a educação dos filhos; a segunda aborda a respeito da justiça popular como forma de manter a ordem e a segurança.

Com a seleção feita, partimos para a verificação dos discursos constantes no material separado. Compreendemos que era importante apurar todos os recursos linguísticos presentes (imagens, cores, textos, feições, entre outros), pois, de acordo com Brandão (2004, p.11), “A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como

---

<sup>8</sup> Mais informações a respeito constam no capítulo *Facebook e Meme*, página 38.

instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, um modo de produção social; [...]” Logo, era necessário analisar o ‘conjunto discursivo’ presente no gênero. E, assim, fizemos. No entanto, por haver vários recursos discursivos próprios da página, como comentários, compartilhamentos, curtidas etc., procuramos focar, com exceção de um meme (5.4), nos discursos presentes no gênero escolhido, cuja legenda servia como complemento. Terminada a análise, observamos os discursos apresentados, os atravessamentos discursivos em sua sócio-historicidade e FIs, e que foram devidamente pontuados ao longo desse trabalho, bem como nas *Considerações Finais*.

As contribuições por que ansiamos com este trabalho são, entre tantas, chamar a atenção da sociedade – em especial, a acadêmica – para um tema importante, afinal, é este um ano eleitoral e, neste contexto histórico, as mídias sociais foram palco para a enunciação dos mais diferenciados discursos, muitos deles embasados em *fake news*, quando da temática política, pendendo – tais discursos – a campos como: ódio, preconceitos de várias formas, xenofobia, misoginia, mixofobia etc., sendo um momento propício para as construções e reformulações parafrásticas de discursos cujos sentidos, em suas contextualizações, se colocam em cena, constituindo sujeitos pelos discursos, ressignificando e sendo ressignificados (sujeitos e discursos).

Assim, esperamos que este trabalho de análise discursiva do pensamento conservador brasileiro na atualidade ajude-nos a compreender os discursos de ódio, contra os direitos humanos, de teores racistas e xenófobos, de apelações religiosas e engajamentos políticos, de justiça popular e imposição ideológica, tão disseminados e valorizados no ambiente virtual, bem como nos auxilie a refletir sobre a maneira como esses discursos foram constituídos e como constituem os sujeitos. Acreditamos, também, que esta dissertação colabore com a compreensão de construção histórica, pois nosso País foi alicerçado em discursos conservadores, colonialistas, escravistas e opressores e os ecos de tais discursos continuam, mas, na atualidade, representados em outra cena discursiva: a *internet*.

## 2 A ANÁLISE DE DISCURSO: BREVE PANORAMA HISTÓRICO

*“Para nosso olho é mais fácil reproduzir uma imagem  
amiúde reproduzida que reter o novo ou diferente de uma impressão [...]”*  
Friedrich Wilhelm Nietzsche.

A AD surgiu na década de 1960, na França, com o filósofo Michel Pêcheux. Conforme Mazzola (2009), ela emergiu em um momento de crise, mais precisamente após os protestos de maio de 1968, quando estudantes das universidades francesas de Nanterre e Sobornne reivindicavam contra o sistema educacional, considerado rígido, recebendo apoio dos trabalhadores que, à época, uniram-se aos estudantes nos protestos.

Conforme Orlandi (2009, p. 19), a AD “se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são, ao mesmo tempo, uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.” Para Mazzola (2009), todas as reconsiderações realizadas nessa época sobre esse tema estão intimamente ligadas à evolução das Ciências Humanas. Para Pêcheux (2014), quando os pesquisadores marxistas decidiram refletir acerca do discurso, precisamente ao “culto da personalidade” que rodeava Stálin, surgiu, então, uma reconciliação entre Marxismo e Semântica por meio do filósofo marxista polonês Adam Schaff, cujo foco era reivindicar

[...] a liberdade de questionar o *oportunismo filosófico* de que se autoriza a atual coexistência “marxista” do pavlovismo, da cibernética, da Semiótica, das aplicações da Lógica Formal à teoria da Linguagem e à Semântica, e *também a liberdade de lutar contra uma concepção stalinista voluntarista da ciência* em que “o marxismo” ditaria, previamente, a uma ciência seus princípios e resultados, em nome do Materialismo Dialético ou das Leis da História.

Mas não apenas os trabalhos de Schaff influenciaram Pêcheux a iniciar tal teoria. Conforme Brandão (2012), já nos anos 1950, o trabalho de Harris sobre as possibilidades de análises além das frases, bem como os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste a respeito da enunciação, já estavam em reflexão no universo científico-linguístico em torno do discurso. E assim, a Linguística começou a se impor às Ciências Humanas, e a visão estruturalista passou a ser revista.

Em 1969, segundo Mazzola (2009), Pêcheux publicou *Analyse automatique du discours*, considerada marco inaugural desse campo. Nessa fase, a AD se preocupava em

compreender os efeitos de sentido a partir do contexto histórico e social (marxismo) realizado por sujeitos (teoria freudiana) por meio da materialidade linguística (teoria saussuriana). Explica-nos Orlandi (2012) que, para a AD, é sabido que: a) a língua é relativamente autônoma, apesar de possuir ordem própria; b) o real histórico é afetado pelo simbólico; c) o sujeito discursivo é clivado de modo inconsciente pela ideologia.

Na perspectiva teórica francesa, para Brandão (2012), ao perceber a polissemia em torno da expressão “análise de discurso”, essa disciplina precisou rever seus critérios em torno do que seria analisar um discurso no viés francês. Visualizando uma nova perspectiva dentro dessa teoria em que se alie o linguístico ao caráter sócio-histórico, Pêcheux – ainda conforme Brandão (2012) –, influenciado pelos trabalhos de Louis Althusser e Michel Foucault, partiu para uma reformulação de conceitos. Orlandi (2014, p. 30) explica o início da AD da seguinte forma:

Nesta conjuntura intelectual do estruturalismo do final dos anos 1960, a Análise de Discurso interroga a relação da estrutura com a história, do indivíduo com o sujeito, da língua com a fala. A ruptura produzida pela Análise de Discurso, por sua vez, (re)trabalha noções como as de sujeito, de indivíduo, de língua, de história, então vigentes, assim como as dicotomias estabelecidas, por F. de Saussure. [...] a Análise de Discurso reúne, deslocando de sua rede de filiação teórica, língua-sujeito-história, construindo um objeto próprio, o *discurso*, e um campo teórico específico, a Análise de Discurso, precisamente.

Essa primeira época da AD (1969-1975) nasceu a partir da publicação de *Analyse automatique du discours* de Pêcheux – que, para Henry (1997), é o momento em que Pêcheux criticou a situação teórica das Ciências Sociais daquele período – e a concepção de ideologia é firmada. Para Pêcheux (1997, p. 313), essa fase

[...] é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as ‘máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas. A existência do *outro* está, pois, subordinada ao primado do *mesmo*.

Na segunda fase da AD, que vai de 1975 a 1980, Pêcheux e Fuchs publicaram *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. Segundo Mazzola (2009), esse texto nasceu da necessidade de rever conceitos ligados à análise automática do discurso. O sujeito continuou a ser visto como interpelado pela ideologia e foi incorporado o

conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), de Althusser, bem como a releitura das FDs de Michel Foucault.

Para Pêcheux (1997), nessa fase, as “relações entre as ‘máquinas’ discursivas estruturais” tornaram-se os objetos de estudo da AD. Tudo porque Pêcheux percebeu que essas relações não são iguais em um processo discursivo. A noção de FD, pensada por Foucault, passou então a ser vista por Pêcheux com um outro olhar: ela não é um ‘lugar fechado’, mas atravessada por pré-construídos e discursos transversos (ou seja: outras FDs). Assim, a noção de interdiscurso foi introduzida na FD e o sujeito do discurso continuou a ser visto como “puro efeito de assujeitamento à maquinaria da FD com a qual ele se identifica” (Pêcheux, 1997, p. 314).

A terceira parte da AD, para Mazzola (2009), ainda não estava bem definida: enquanto que, para Courtine (1981), era considerada entre 1980 a 1983, outros historiadores acreditam que ela permanece até hoje. Para Lima e Santos (2013), a terceira fase foi marcada pelo declínio do estruturalismo e severas críticas às fases anteriores dessa disciplina. Foi o momento em que três linhas de pensamento influenciaram a AD: o dialogismo do círculo de Bakhtin; a teoria do inconsciente lacaniano e as concepções do interdiscurso, pensadas por Dominique Maingueneau. Foi nessa fase que – segundo Lima e Santos (2013) – a ideologia passou a ser vista como condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, não existindo, pois, sujeito sem ideologia. Surgiu, então, a FI.

Para Pêcheux (1997), a terceira fase da AD foi marcada pela acentuação do primado teórico do *outro* sobre o *mesmo*; fim da análise por ordens fixas, por etapas; fim da dissociação da análise linguística *versus* análise discursiva intersequencial; a heterogeneidade enunciativa ganhou cada vez mais força, como o caso da “heterogeneidade mostrada” – “discurso do outro colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como o outro” (Lima e Santos, 2013, p. 316); a insistência de um “além interdiscursivo”, que é a fuga plena da intenção do eu, posto que esse é clivado interdiscursivamente. Essa fase foi, para Mazzola (2009), o momento em que Pêcheux resgatou “outras materialidades da linguagem”, tomando outras formas de enunciação como objetos para a análise, fase em que a AD se aproximou da Semiologia, passando a pensar – a AD – também no aspecto não verbal discursivo.

Atualmente, estamos no que podemos considerar a quarta fase da AD. Com base em Costa (citado por Lima e Santos, 2013, p.191), essa quarta fase dedica-se em restaurar o sujeito “que foi assassinado por várias perspectivas teóricas, inclusive pela própria AD”. Dessa forma, a AD, por ter nascido praticamente dentro do estruturalismo e concebendo, em

certo ponto, a língua como estrutura empírica, permite que ainda haja essas discussões. Para Costa (Lima e Santos, 2013, p. 191),

A prática discursiva é a prática dos sujeitos que só se constituem enquanto tal porque vivem em sociedade; portanto, o primado da prática é também primado do interdiscurso. Os sujeitos não apenas são singulares e sociais, mas também são capazes de intervir no mundo, construindo, destruindo ou lutando para manter as instituições. O estudo da discursividade deve perseguir a articulação radical entre uma prática enunciativa e lugar social dos sujeitos dessa prática. Dessa forma, o sujeito pode migrar, romper para outra FD. Por sua vez, ela determina o que pode e deve ser dito; não há sentido em si mesmo, o sentido é determinado pelo lugar social, ou seja, uma FD é tudo o que pode ser dito em uma conjuntura histórica.

Filho (2012, p. 18) aponta que, para Costa (2005), a quarta fase da AD é “um resumo da compreensão de Pêcheux sobre o percurso da AD”, privilegiando quatro pontos para reestruturação: a) as propostas metodológicas; b) a visão de sujeito; c) o fundamento filosófico; d) e as interdisciplinas que são privilegiadas. Reitera que essa quarta fase é conhecida como “o primado da prática”. Filho mostra (2012) que Costa (2005) considera, nessa quarta etapa, a noção de “posicionamento” desenvolvida por Maingueneau (de que os sujeitos não são apenas sociais, mas uma intervenção no mundo por meio do discurso).

Segundo Orlandi (2014), enquanto na Europa existia, no período em que a AD nasceu, um estado democrático de direito, o Brasil vivia o regime militar. No que tange à prática científica, prevalecia o formalismo e o funcionalismo no campo das Ciências Linguísticas. Apesar de a Semiologia e a Semiótica estarem presentes em algumas universidades, como a USP, por exemplo, o estruturalismo era vigente e despertava nos acadêmicos certo interesse à crítica ao sistema. E é nessa conjuntura que – afirma Orlandi (2014) – o Brasil recebeu a AD, nos idos dos anos 1970. E considera (2014, p. 38):

A Análise de Discurso, que se desenvolve no Brasil, com seus deslocamentos, tem seu objeto próprio, o discurso, e é capaz de praticar uma teoria não subjetiva ao sujeito, em que o sentido resulta de processos de significação que não se prendem à literalidade, mas derivam da inscrição de palavras e expressões em formações discursivas que são o reflexo de formações ideológicas. Considera-se que há uma relação constitutiva entre o texto e a situação, suas condições de produção, que incluem também o sujeito. Sai-se do positivismo da estrutura e instala-se em uma posição materialista, a que privilegia a ideia de processo, e de articulação entre estrutura e acontecimento. Em que ganha corpo a noção de funcionamento, de movimento, de práxis teórica.

Após os inícios dos estudos científicos da linguagem em torno da AD, o Brasil começou – em suas universidades e centros de estudos linguísticos – a considerar a importância dos sentidos, a noção de sujeito/autoria, bem como a diferenciação entre discurso e texto. Essas discussões são muito importantes, pois, a partir dessa nova teoria, enxergar o discurso não é mais sinônimo de uma formalidade: passa a ser uma ação.

## 2.1 OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PELA ANÁLISE DE DISCURSO

Mostraremos, nesta subseção, alguns dos procedimentos adotados pela AD em seu processo de análise. Compreender o método de trabalho da AD é imprescindível para entender como a análise acontece, assim como a forma como o analista deve agir durante o processo. Para Alves (2011, p. 221), “[...] a Análise de Discurso pode ser definida como disciplina por sua trajetória de existência, mas também sua definição pode ser dada como um campo de estudo com uma configuração teórica que atende plenamente aos objetivos da interpretação.”

A AD é, sem dúvida, de grande relevância para todos os campos/disciplinas/áreas do saber, pois ela se insere em todos os contextos/esferas (jurídica, humor, religiosa, literária, entre outras). Conforme Oliveira (2013, p. 8), “[...] o discurso é um fenômeno social e político essencial para a construção e desconstrução das relações de poder em qualquer sociedade e, por isso, é um fenômeno que não pode deixar de ser objeto de reflexão[...]” A AD utiliza-se dos seus procedimentos para analisar a si mesma. Os métodos adotados por ela, em resumo, são utilizados para compreender como funcionam os discursos; como os interdiscursos interpelam os sujeitos, clivando-os e constituindo-os conforme suas FDs e suas CPs; o funcionamento dos processos de significação, bem como a linguagem, participam da interação sujeito e discurso através do contexto sócio-histórico.

Conforme Mazière (2007, p. 13), “a AD não trata de coordenação e de suas regras gramaticais, mas pode analisar o sentido e os efeitos das ocorrências [...]” Para Orlandi (2012), a noção de discurso, para a AD, distancia-se do esquema pensado por R. Jakobson (emissor que transmite a mensagem por um canal e um referente ao seu interceptor), pois, nessa disciplina, não se comunga da ideia de ‘transmissão de informação’ com tal linearidade. Afinal, no processo discursivo, as significações entre os partícipes da cena discursiva estão concomitantes ao ato discursivo. Logo, não há, para a AD, uma ‘pausa’ durante o ato (o sujeito A discursa ao sujeito B e, enquanto ocorre esse processo, o sujeito B espera que o

sujeito A discursar para, em seguida, processar os sentidos. Para a AD, no ato discursivo, enquanto o sujeito A está falando, o sujeito B já está processando as significações do que lhe é enunciado). E isso ocorre porque, para a AD, existe uma memória discursiva que está presente nos interlocutores dessa cena discursiva.

Reitera, também, Orlandi (2012) que o discurso não deve ser confundido com fala, pois não corresponde a essa noção. Ou seja: ele não está ‘preso’ à fala. É possível discursar sem que com isso ‘se diga’. É claro que, para a AD (Orlandi, 2012, p. 22),

O discurso não é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos. As sistematicidades linguísticas – que nessa perspectiva não afastam o semântico como se fosse o externo – são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade de discurso.

Para Charaudeau e Maingueneau (2012), o discurso em AD se opõe às noções clássicas já concebidas (Filosofia e Linguística). Assim, o discurso é orientado, pois se desenvolve no tempo; é transfrástico (está submetido a regras, conforme o lugar em que ele se constitui); é uma forma de ação; constitui-se em uma sucessão frasal; não é língua nem fala e está determinado pelas CPs; é interativo, posto que não se discursa “ao vazio”; mostra posicionamentos; tem normas, já que é um comportamento social; é um interdiscurso, pois “um discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho” (Charaudeau e Maingueneau, 2012, p. 172). Para a AD, discurso não é apenas um dizer, mas tudo o que compõe a constituição desse dizer, onde esse dizer se materializa e em que condições se faz.

Para Mussalim (2003, p. 122), “o estudo do discurso [...] inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito.” Para Althusser (apud. Silva, 2013), em qualquer sociedade existe a necessidade de reproduzir suas CPs sob o intuito de manter sua continuidade. É por isso que a AD compreende ser um discurso, uma ação. Não é apenas um enunciado (dizer algo), e sim enunciação. Conforme Alves (2011, p. 221-222), “O que importa é ver a materialidade do discurso verbal ou não verbal e seu contexto social e histórico, em que é possível desvelar o sentido de sua existência. Aqui, o sujeito se revela e mostra-se em seu espaço de ações sociais e ideológicas.”

Conforme Orlandi (2012), a AD é uma disciplina intelectual que se inscreve no espaço em que a Linguística se entremeia entre a Filosofia e as Ciências Sociais, compreendendo que

a linguagem só é linguagem porque faz sentido, e esse sentido só existe porque se desenrola na história. Segundo Bakhtin (2006, p. 97), “[...] se concedermos um estatuto separado à forma linguística vazia de ideologia, só encontraremos sinais e não mais signos da linguagem. A separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato.” Assim, para a AD, a linguagem jamais será vazia de ideologia, justamente porque se constitui na história fazendo e criando sentidos. Para Maingueneau (1997, p. 186), “[...] o sentido e a linguagem não se superpõem às relações econômicas e sociais, mas consistem em uma dimensão constitutiva dessas relações.” Para Foucault (1999, p. 122), a ideologia é “uma linguagem que reduplica em toda a sua extensão o fio espontâneo do conhecimento.” Logo, todo aquele que deseja analisar um discurso deve levar em consideração a sócio-historicidade, bem como a linguagem e a ideologia, pois é nesse tripé que a AD, de linha francesa, se baseia.

Conforme Mazière (2007, p. 13), a AD “dá as suas próprias regras de leitura, visando permitir uma interpretação.” Compreendemos que, para a AD, o foco não está em analisar ocorrências gramaticais – isso seria ligado à Linguística Textual –, mas sim os efeitos de sentido a partir das CPs na conjuntura sócio-histórica apresentada. Se fosse dado à AD analisar efeitos gramaticais, é certo de que a palavra, seja ela escrita ou dita, não conseguiria por si só ‘dizer’ todas as coisas. Cria – a palavra – uma opacidade que, para a AD, é significativa. Para Orlandi (2004, p. 20),

A Análise do Discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica trabalhando a opacidade do dizer e vendo nessa opacidade a intervenção do político, do ideológico, ou seja, o fato mesmo do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. E, conseqüentemente, a necessidade da interpretação.

Para Maingueneau (2015), o discurso é um lugar incerto, pois os sentidos deslizam e são, por vezes, opacos. Contudo, não queremos, com isso, dizer que pode ser qualquer sentido ou que seja possível haver uma espécie de ‘vale tudo’. Os sentidos não são fechados em si mesmos, dependem do aspecto sócio-histórico e do processo ideológico por que passam, criando, recriando e desfazendo sentidos a todo instante. Como pontuou Orlandi (2012, p. 19), “a incompletude é característica de todo processo de significação.” E isso se torna possível devido, entre outros aspectos, ao conceito de memória discursiva, ou seja, ao que está ali, construído, a partir da composição sócio-histórica, constituindo-nos enquanto sujeitos,

formulando e captando (interpretando) sentidos. Com relação a esse processo de interpretação, Orlandi (2012, p. 13) afirma que

[...] na tensão das relações significativas – na memória, onde o sujeito não alcança como os sentidos estão nele – faz-se sentido antes que ele faça sentido, estabelecendo-se um processo em que joga no gesto de interpretação, a formulação. É a esta que temos acesso. Para alcançar o ineditismo da produção discursiva – cada texto é um texto – é preciso não nos iludirmos com o texto enquanto unidade empírica, mas pensá-lo como unidade imaginária, fazendo intervir, na reflexão, a ideologia.

É por isso que, conforme afirmou Mazière (2007, p. 23), “o analista de discurso não é uma pessoa neutra”; essa é uma impossibilidade do próprio discurso e, conseqüentemente, do sujeito. Afinal, se somos sujeitos, somos atravessados, constituídos ideologicamente em nosso caráter sócio-histórico, e é nesse real que nos constituiremos e será a partir dele e suas CPs, bem como em nossa FD e FI, que os efeitos de sentidos serão produzidos. Afinal, conforme Silva (2013, p. 98), “só existe sujeito para e pela sujeição.” Significa que nós, indivíduos, somos o que somos pela sujeição, ou como se diz em AD, pelo assujeitamento discursivo e ideológico na condição sócio-histórica. Como afirmou Guimarães (2011, p. 19), “o homem é um ser simbólico. Suas práticas são assim práticas que significam e que produzem sentidos.” Somos, pois, simbólicos porque produzimos sentidos, e somos constituídos através do discurso.

### 3 SUJEITO E IDEOLOGIA

*“E então Alice começou a se recordar de que era um Peão,  
e que não demoraria muito a lhe chegar a vez de se mover.”*  
Lewis Carroll.

Dedicaremos este capítulo a reflexões a respeito de sujeito e de ideologia, tanto para os conservadores quanto para a AD, bem como a noção de sujeito virtual. Entendemos ser importante explicar a esse respeito, pois compreender como esses campos enxergam sujeito e ideologia é crucial para assimilarmos as possibilidades de sentidos dos memes que aqui foram analisados a partir de suas FDs, FIs e CPs.

Conforme Chauí (1984, p. 16), “somente um sujeito é capaz de reflexão”; pensar a história é pensar a reflexão, pois “o sujeito é interpelado em sujeito pela ideologia [...]”. É – o sujeito – a “interpretação. Fazendo significar, ele significa.” (Orlandi, 2012, p. 22; 46). Já Certeau (1982) afirma que a ideologia não pode ser considerada apenas um ‘epifenômeno social’<sup>9</sup>, mas é necessário reconhecer a manifestação ideológica em todo e qualquer trabalho histórico. Para Orlandi (2004), buscamos pela interpretação daquilo que o outro diz. Esse buscar, para a AD, revela que o sujeito é a interpretação, pois se constitui sujeito por ser afetado ideologicamente “pelo efeito de literalidade, pela ilusão de conteúdo, pela construção da evidência de sentido, pela impressão do sentido-lá” (2004, p. 22).

Para Lynch (2008), conforme houve mutações naquilo que era considerado ideologia conservadora na América Ibérica do século XIX, onde essa era compreendida como discurso político, percebeu-se que esse conceito do político clamava por uma díade (direita *versus* esquerda), depreendendo-se, assim, “as ideologias ou conceitos que orientam os atores políticos também se definam a partir da oposição recíproca, isto é, por aquilo que eles não são relativamente aos seus oponentes” (2008, p. 62). Mas, para Ortega y Gasset (2007, p. 26), “[...] ser da esquerda, assim como ser da direita, é uma das infinitas maneiras que o homem pode escolher para ser um imbecil: na verdade, ambas são uma forma de hemiplegia<sup>10</sup> moral.” Assim acreditava-se, segundo os autores, que “as coisas humanas não são *res stantes*; ao contrário, são coisas históricas, i.e., puro movimento, mutação perpétua” (Ortega y Gasset, 2007, p. 243).

---

<sup>9</sup> Acima ou sobre algo.

<sup>10</sup> Uma espécie de paralisia cerebral que atinge um lado do corpo, deixando-o completamente inerte.

Para Orlandi (2012, p. 104), “a ideologia funciona pelo equívoco e se estrutura sob o modo da contradição”; é a ideologia que “interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (2012, p. 100). É essa mutação, esse equívoco que molda o indivíduo, tornando-o sujeito pelo discurso, de modo ideológico e considerando o aspecto sócio-histórico. Para Chauí (2000, p. 7), “as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica.” Compreendemos, assim, que as ideologias impulsionam os sujeitos discursivamente, a fim de que eles (sujeitos) reescrevam a história sob aquilo que, para a AD, é chamado de paráfrase, ou seja, é um já-dito, mas ‘um dito’ de outra forma, em determinadas CPs.

Henry (1997) afirma que, para Pêcheux, o discurso está ligado à prática política, e tal ligação é fundamentada pela ideologia, tornando, assim, o sujeito, como um “efeito ideológico”. Para Althusser (1985), a reprodução da força de trabalho exige uma reprodução da submissão à ideologia da classe dominante. E é por essa determinação que os ARE e os AIE se mantêm, pois há um grupo majoritário submetido à ideologia dominante. Ou seja: toda formação social traz em si um modelo ideológico dominador. Esse pensamento, conforme Nascimento e Silva (2017), foi fundamentado por Émile Durkheim em *A divisão do trabalho social* (1893), no qual apresentou considerações que concebem a ideia de que há quem mande e quem obedeça dentro da sociedade, sendo endossada pela DSI,<sup>11</sup> que também naturalizou o pensamento acerca das desigualdades sociais (há quem seja superior e inferior). Entretanto, os questionamentos e estudos a respeito do discurso devem ir muito além da divisão entre dominador e dominado. Conforme lembra Ferreira (2013, p. 2),

O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, não é apropriado afirmar que esse sujeito seja mera adição entre essas partes. O que vai fazer diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui.

Se, para a AD, o sujeito só o é pela interpelação da ideologia através da condição sócio-histórica, para o conservadorismo moderno, o sujeito está atrelado – conforme Souza (2015, p. 9) – à autoimagem que se constrói “sobre uma espécie de ‘existencialismo conservador’, com tonalidades irracionistas”. É que, para Souza (2015), os conservadores

---

<sup>11</sup> Doutrina Social da Igreja Católica.

acreditam que o sujeito que sabe bem-manejar o empírico é racional, e, portanto, um bom sujeito. Ou seja: se, para a AD, o que interpela o sujeito é a ideologia, para o conservador, é o agir com destreza, crendo ser isso algo racional. Logo, para um conservador – segundo Souza (2015) – é necessário manter viva uma tradição que permaneça atuante, posto que, se assim ela está, é sinal de que, empiricamente, manteve-se dessa forma e assim deve seguir. Conforme Scruton (2015, p. 85),

[...] a tradição tem um duplo poder. Em primeiro lugar, ela confere razão à história e, portanto, coloca o passado diante de um objetivo atual (assim como toda a história da nação é encenada na cerimônia de coroação). Em segundo lugar, a tradição surge da própria organização da sociedade, não sendo apenas um mero aprisionamento do exercício do poder. As tradições surgem e exigem respeito onde quer que os indivíduos procurem se relacionar com algo transcendente.

Pensando na FD brasileira, o conservadorismo atravessa o sócio-histórico desse País desde a sua descoberta. Para Arretche e Araújo (2017), apesar de haver uma onda conservadora que avança no cenário político brasileiro atual, os eleitores brasileiros não são tão conservadores quando o assunto é o plano econômico. Já para Mitsuko (2015), a constituição de uma ‘vanguarda brasileira’, durante o regime militar, em que os discursos voltados à juventude eram favoráveis ao autoritarismo, todo e qualquer movimento social, especialmente os que fossem liderados por jovens que se opusesse ao regime vigente era rechaçado por um discurso conservador que provinha dos ARE e AIE, como classificou Althusser. Assim, Mitsuko (2015) considerou que, para os autores que se debruçaram sobre o pensamento conservador, muitos desses concluíram que “na visão conservadora, enquanto a história é desprovida de inquietações, há uma estabilidade estacionária entre os agentes da conservação” (2015, p. 4). Para Oakeshott (2016, p. 137),

Ser conservador é, pois, preferir o familiar ao estranho, preferir o que já foi tentado a experimentar, o fato ao mistério, o concreto ao possível, o limitado ao infinito, o que está perto ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a risada momentânea à felicidade eterna. [...] Significa viver dentro dos limites do patrimônio, usufruir dos meios possíveis à riqueza, contentar-se com a necessidade de maior perfeição que é exigida a cada um em cada circunstância.

Comprendemos, então, que o sujeito conservador é aquele que reage ao que pode ‘destruir’ o ordenamento e busca conservar a tradição, pois são essas suas CPs, FDs e FIs. Sua

reação, agora, é – também – em uma plataforma midiática. Assim, a nossa proposta está em analisar o discurso conservador brasileiro no *Facebook*, mídia digital cujo sujeito virtual, conforme Maingueneau (2015), é constituído tecnologicamente por três componentes: iconotextual (as imagens que se constituem na tela em relação ao texto); arquitetural (já que *sites* são redes de páginas); procedural (cada *site* possui instruções próprias aos internautas). Para Dias (2018, p. 44), refletir a tecnologia é pensá-la como um produto histórico “e dele (produto histórico) o sentido do desaparecimento do sujeito mediante a máquina. Embora possamos afirmar que na máquina não há sujeito, é certo que sem sujeito não há máquina”. Para Orlandi (2012, p. 16),

[...] é no espaço da diferença que o sujeito se constitui. Pois bem, hoje eu diria que, no espaço da diferença, é o virtual que se põe, atualmente, como esta diferença que constitui o sujeito em sua realidade, em sua propriedade, em sua individualidade. E aí trata-se de se pensarem os processos de subjetivação desses sujeitos, seus modos de individualização pelos mecanismos institucionais de socialização. Em suma, trata-se de se pensarem os processos de subjetivação e a constituição da realidade desse/para esse sujeito. E aí emerge a noção de *atualização* como a mais relevante.

Conforme Dias (2018), esse sujeito é afetado tecnologicamente, propiciando a nós, atualmente, uma noção de homem-máquina não mais presa a um mundo metálico, e sim a uma relação que constitui os sujeitos através dos efeitos no processo que os interpela, bem como na contradição do sujeito, que é lidar com a falha constitutiva, um atributo ao sujeito real, humano, diferentemente do sujeito máquina que, ao ser programado, não possui falhas. Para Vargas Llosa (2013, p. 191),

Não é verdade que a *internet* é apenas uma ferramenta. É um utensílio que passa a ser um prolongamento de nosso próprio corpo, de nosso próprio cérebro, que, também de maneira discreta, vai se adaptando pouco a pouco a esse novo sistema de informar-se e de pensar, renunciando devagar às funções que esse sistema desempenha por ele e, às vezes, melhor que ele.

Para Narciso (2015, p. 10), “os sujeitos imersos nos extratos digitais, direta ou indiretamente, qualificam o projeto da rede, o instituem, ao passo que também são determinados por ela.” Logo, o discurso que aqui nos propomos a analisar é divulgado nas redes por sujeitos interpelados pelo conservadorismo, tenham eles consciência desse atravessamento ou não, bem como pela tecnologia. Até porque a proposta da AD é analisar o

discurso que interpela os sujeitos, e não os sujeitos propriamente. Ao referir-se à página *Facebook*, Narciso (2015, p. 11) afirma que

Em última instância, qualquer análise sobre a atual disposição imagética do *Facebook* deve considerar a função dos elementos dispostos: acessar, curtir, comentar, compartilhar, sair ou entrar no site, etc., tudo que pode ser clicado estimula uma rede de efeitos que afetam, por exemplo, a disposição visual sobre a qual o usuário emula. Assumindo este raciocínio, a estética do *site*, em que se vê uma gama de elementos em colapso e desequilíbrio, denunciaria por si uma instância discursiva de movimento, fluidez, na qual a perenidade dos conteúdos está diluída. Nesse sentido, a própria constituição do sujeito seria influenciada por essa conjectura proposta pelo *web design*.

Ainda de acordo com Narciso (2015, p. 83), “a constituição de sujeito digital em rede ressalta novos aspectos de análise relativos à heterotopia<sup>12</sup> própria do ciberespaço.” Afirma Melo (2015, p. 12) que

[...] na interação humano-computador-humano sempre consideramos que há, *a priori*, um discurso ao qual os sujeitos se vinculam e que acionar ou ler componentes como botões, *links*, campos de formulário, comentários e postagens está dentro de um conjunto de ações orientadas também para um discurso, seja para defendê-lo, atacá-lo, silenciá-lo ou ressaltá-lo. Portanto, tratamos aqui não de usuários de interação com a interface, mas de sujeitos que procuram se associar ou fugir de determinados discursos ao operacionalizar esta interface. Isso eles só podem fazer se considerarem que há sempre um humano do outro lado que é um sujeito histórico.

Nos memes em análise, é perceptível como essas reações estão postas e o quanto esse sujeito se vale do ambiente virtual para divulgar paráfrases, redizendo o que outrora fora dito, em outro momento histórico, constituindo, assim, novos e importantes efeitos de sentido para o sujeito dentro ou fora do recinto digital.

---

<sup>12</sup> Conceito da geografia humana criado por Michel Foucault usado para descrever lugares e espaços que funcionam em condições desiguais.

#### 4 **FACEBOOK E MEME**

“15% é Google, o resto é Deep Weeb.”  
Criollo.

Dedicaremos este capítulo a uma breve conceituação do que sejam *Facebook* e meme, suporte e gênero que escolhemos para a análise do discurso conservador.

Conforme o *site InfoEscola* (2018), o *Facebook* foi criado em 04 de fevereiro de 2004 pelos estudantes Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, com o objetivo de proporcionar um espaço virtual para o encontro de pessoas. De início, limitava-se apenas aos estudantes de Harvard – local em que os fundadores estudavam –, sendo apenas em 2006 o acesso à página liberado ao restante do mundo. Hoje, o *Facebook* está em 1º lugar em acessos, contando com mais de 540 milhões de internautas.

Conforme Melo (2015), as informações publicadas nessa página chegam a nós por algoritmos, que é uma sequência de regras bem desenvolvidas, e que filtram as informações que chegam até os usuários, cercando-os daquilo que já concebem por verdade. Em outras palavras: são os algoritmos do *Facebook* que definem o conteúdo apreciado pelo usuário, mesmo que esse tenha a sensação de que há uma pluralidade em seu espaço virtual. Essa escolha, realizada pelos algoritmos, são feitas a partir das informações que o próprio usuário dá: se visita páginas sobre bebês, por exemplo, os algoritmos irão cerceá-lo com informações desse tipo, sugerindo páginas a seguir, pessoas a adicionar, entre outros.

Para Narciso (2015, p. 48), “o ciberespaço existe como espaço social e real. Conectar-se implica, sempre, relacionar-se diretamente ou indiretamente com outros sujeitos conectados, ou com suas produções.” Para a informática, o verbo *conectar* implica estabelecer uma conexão entre os computadores com o intuito de transferir informações. Mas, nas redes sociais, esse verbo possui outra denotação: conectar-se é ter acesso a informações, estar ciente dos últimos acontecimentos, transmitir dados, publicar a respeito do que se pensa, conhecer pessoas e disseminar os mais variados discursos. É sinônimo de ‘liberdade’ e ‘interação social’.

Segundo Serra e Rocha (2013), por ser um lugar heterogêneo, o *Facebook* tornou-se um espaço para reivindicações e manifestações populares contra antigos regimes ditatoriais, bem como tudo o que parecer injusto a um determinado grupo. No Brasil, em 2013, protestos organizados por páginas pertencentes a essa plataforma digital contra o reajuste do vale-

transporte possibilitaram, anos depois, uma sistematização melhor estruturada, cujo pleito foi o impeachment da ex-presidenta Dilma, do Partido dos Trabalhadores, em 2016. Também em nosso País, debates entre direita e esquerda ganharam mais escopo nesse meio virtual após as eleições de 2014, transformando-se em uma cena de notícias falsas, em 2018.

Para usar essa plataforma, segundo o *site Nova Escola* (2011), é necessário cadastrar um usuário gratuitamente, exigindo apenas, dados referenciais (nome, sexo, idade, entre outros). Em seguida, o usuário pode inserir outras informações que achar convenientes, por exemplo: fotografias, lugar onde reside, profissão entre outros, e poderá, também, enviar e aceitar solicitações do que se convencionou chamar de ‘amizade’, ou seja, agregar outros perfis ao seu. Ao aceitar novos amigos, o titular aumenta sua capacidade de acesso aos mais variados conteúdos, podendo, também, conversar e compartilhar, curtir e enunciar discursos. Ele poderá, conjuntamente, seguir páginas dos assuntos que lhe apetecer. O ato de *seguir* uma página é aceitar receber todas as publicações que ela fizer e que aparecerão na *timeline*.<sup>13</sup>

Quando o usuário realiza postagens, ele tem a opção de *marcar* alguma página e/ou outro perfil. A palavra *marcação*, nas redes sociais, refere-se a sinalizar um perfil em uma determinada foto e/ou postagem de qualquer tipo. Conforme a plataforma *Facebook* (2017), ao marcar alguém, criamos um perfil a essa pessoa que será notificada desse fato, o qual ficará visível aos amigos de quem fixou e foi fixado, expandindo, assim, o conteúdo referente à marcação, bem como os perfis notificados.

A palavra *curtir*, no *Facebook*, é sinônimo de gostar, apreciar, denotando uma ação na plataforma. Quando o titular de um perfil escolhe essa opção, passa a ter acesso a tudo o que a página divulga em sua *timeline*. Algumas são públicas, não havendo a necessidade de curti-las para ter acesso ao conteúdo postado. Segundo Narciso (2015, p. 92), a ação *curtir* um conteúdo no *Facebook* equivale a um "gesto de enunciação." *Compartilhar* é ler um conteúdo, pensá-lo interessante e dividi-lo com as pessoas que seguem o perfil virtual. Esse termo usado nas redes sociais faz referência a um conteúdo que é compartilhado na *timeline* de quem pratica este ato.

O *Facebook* traz orientações aos leitores de qual temática tratará a página em uma categoria denominada *sobre*. Ali, os autores podem comentar os aspectos ideológicos que seguem (se são conservadores, progressistas, religiosos, entre outros) através de uma apresentação do que será discorrido naquele espaço. Ao acessar, o usuário pode compartilhar e curtir os mais diferentes gêneros postados, entre eles, o meme. Conforme o *site InfoEscola*

---

<sup>13</sup> Espaço no perfil do usuário em que aparecem as informações publicadas por ele e de todos os que participam desse ciberespaço: amigos e páginas relacionadas.

(2017), esse termo foi criado por Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene*<sup>14</sup> (1976), cujo significado é a multiplicação de informações compostas no cérebro ou em qualquer outro local, como livros, por exemplo. Tem sua origem no grego *mimema*, mesma raiz de *mimese*, que quer dizer *imitação*.

O meme também pode ser considerado uma ideia, conceito ou qualquer outro sentido que possa ser propagado. No universo virtual, meme é uma ideia difundida pela *web* de modo rápido; a materialização dessa ideia, desse conceito, na *internet*, é feita através do meme enquanto um gênero textual constituído de imagens com textos curtos, geralmente está atrelado ao campo da ironia e é utilizado em páginas virtuais de relacionamento. Conforme Massaruto *et al* (2017), o meme é uma espécie de porta-voz das redes: por meio dele, é possível disseminar os mais variados discursos, podendo considerá-lo um gênero, assim como tantos outros criados a partir da realidade histórica atual. Com o avanço da tecnologia, novos gêneros ganham espaço, principalmente nas redes, como o *e-mail*, entre outros.

Conforme Costa (2015), para se criar um meme, basta ter imaginação, baixar um programa próprio para tal função, buscar imagens com as quais se queira trabalhar e inserir textos que criem os mais variados efeitos de sentido. Para Bentes (2016), o meme colabora, na era da pós-verdade, com a produção de aberrações e anacronismos. A criação de memes, por ser algo fácil e à mão de qualquer um, transformaram os sujeitos virtuais em “editorialistas de suas próprias crenças, falando para as bolhas do *Facebook*, dos seguidores, dos iguais. [...] Trata-se de uma nova forma de produção por consenso”.

A publicação dos memes pode vir acompanhada de algum comentário por parte de quem realiza esse ato. Os que foram averiguados nessa dissertação, nas páginas do *Facebook*, não trazem nenhum tipo de comentário por parte dos organizadores, somente o que está escrito nas imagens, com exceção do meme 5.4, cuja publicação inferiu legenda. Essa observação é importante no processo de análise, pois, nesse meio, a postagem de memes costuma ser acompanhada de textos nas publicações por parte de quem os realiza, como uma espécie de introdução e/ou contextualização daquilo que foi publicado. Afinal, como apontou Narciso (2015, p. 17), “a *internet* é um ambiente discursivo com características próprias. A velocidade e fluidez da informação, a natureza hipertextual, multimídia e interativa conferem identidade a este plano enunciativo.”

Compreender os conceitos acerca do suporte em que o gênero foi publicado (*Facebook*) e o gênero em si (meme) auxilia no processo de análise. Como já é possível notar,

---

<sup>14</sup> *O gene egoísta* (Tradução nossa).

por ser um espaço midiático, a rede social, cujos discursos nos propomos a analisar, permite uma abrangência de temas, já que é o usuário quem infere os assuntos que deseja saber/curtir/compartilhar. Com o compartilhamento dos múltiplos discursos, novos efeitos de sentido vão sendo criados e reconstruídos, ganhando uma ‘nova’ dimensão histórica.

## 5 ANÁLISE DE CORPUS

*“A ceia foi longa e pausada, como costumava ser naqueles tempos em que a refeição era uma ocupação séria, e a mesa um altar que se respeitava.”*  
José de Alencar.

Dedicamos este capítulo a análises de quatro memes que foram escolhidos de páginas diferentes, sendo duas conservadoras e duas não conservadoras, e que serão apresentados em subseções, para analisarmos os discursos presentes, suas imbricações, opacidades, heterogeneidades, CPs, FDs e FIs, considerando sempre os efeitos de sentido, a sócio-historicidade e a ideologia presente.

Conforme já afirmamos nesta dissertação (p. 21), a escolha dos memes e das páginas ocorreu de modo aleatório, mediante o interesse em procurar discursos que evidenciassem o conservadorismo (ou não) brasileiro na *internet*. Assim, escolhemos primeiro memes de páginas conservadoras para, em seguida, separarmos memes de páginas não conservadoras e, depois, definirmos os temas mais relevantes e tecermos as análises discursivas presentes neles.

### 5.1. MEME PÁGINA GAROTA CONSERVADORA

**Figura 1-** Meme Página Gaarota Consevadora



Figura 1: Meme página Garota Conservadora

A imagem foi retirada da página *Garota Conservadora* no *Facebook*, publicada em 3 de maio de 2017. Não há informações no *site* e no *blog*<sup>15</sup> homônimo à página (<https://garotaconservadora.com>), se foram criados concomitantemente na *internet*, ou se surgiram em momentos separados. O fato é que o *blog* convida seus leitores a seguirem a página na plataforma midiática. Na página cujo meme analisamos, os autores afirmam, na categoria denominada *sobre*, que é dedicada a homens e mulheres que defendem o pensamento conservador, porém o objetivo principal é instruir as mulheres à feminilidade.

**Figura 2** – Publicação página garota conservadora



Figura 2: Publicação do meme página *Garota Conservadora*

Ao navegarmos pela página, percebemos que as postagens giram em torno de diversos assuntos, como política, religião, questões ligadas a gênero, meio ambiente, sempre pautados em vieses conservadores. Essas percepções acabam funcionando como ‘pistas’ na tarefa de analisar um discurso que pende mais para o campo conservador.

<sup>15</sup> Fazendo as conferências finais, percebemos que a página retirou do ar o *blog*. Na busca pelo *Google*, é possível ver o *blog* e os textos que citamos neste trabalho compartilhados nele, mas foi impraticável acessá-los para leitura.

**Figura 3-** Categoria denominada sobre da pagina garota conservadora



*Figura 3: Categoria denominada sobre da página Garota Conservadora*

Conforme citamos anteriormente, para Orlandi (2009), as CPs podem ser consideradas em sentido amplo e estrito. Assim, em um sentido amplo, esse meme, em sua sócio-historicidade, reflete os atravessamentos atuais, como discussões em torno da educação dos filhos, formulação do núcleo familiar, bem como levanta posicionamentos ligados à discussão de gênero, pautando-se ideologicamente favorável à manutenção de ideais conservadores, em especial, no papel da mulher. Em seu sentido estrito, demarca um posicionamento favorável à educação das crianças em perspectivas conservadoras, visando à manutenção da ordem estabelecida socialmente ao longo dos séculos.

Observamos, também, que as FDs (o dito e o não dito) remetem a uma separação de gêneros com direitos e deveres designados para cada um e, assim, naturalizados e aceitos socialmente. Conforme Butler (2003, p. 66), essa naturalização é

[...] uma formação discursiva que atua como fundação naturalizada da distinção natureza/cultura e das estratégias de dominação por elas sustentadas. A relação binária entre cultura e natureza promove uma relação de hierarquia em que a cultura “impõe” significado livremente à natureza, transformando-a, conseqüentemente, num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado, salvaguardando a idealidade do significante e a estrutura de significação conforme o modelo de dominação.

Esse impulso em conservar algo estabelecido é explicado por Scruton, quando diz que “o desejo de conservar é compatível com todos os tipos de mudança, desde que essa mudança signifique continuidade” (2015, p. 56). Ou seja: para o conservador, a manutenção de determinados padrões já estabelecidos e aceitos socialmente não devem sofrer mudanças a

ponto de ‘quebrarem’ tal continuidade, e sim, conservar a essência deles nesse processo. Para Mascarenhas (1995, p. 45), há, no pensamento neoconservador brasileiro, um perfil ideológico resistente à mudança, e justifica-se dizendo que “existe no ser humano [...] uma indolência congênita de reciclar antigas crenças outrora defendidas com tanto ardor.” Já para Charaudeau e Maingueneau (2012), esse discurso pode ser compreendido como cristalizado, clichês que evidenciam a cristalização de uma imagem, de um discurso, de um pensamento ou expressão.

Diante disto, é compreensível que a publicação desse meme, no mês de maio, seja significativa, já que é esse um mês dedicado às mulheres (em que se celebra o dia das mães e o mês das noivas) e, por isso, dedicado também à Maria (santa católica), venerada como um modelo a ser seguido pelos católicos. Precisamos dizer, no entanto, que esse efeito de sentido se dá após observarmos que a página traz várias referências religiosas, seja através de publicações de memes, textos ou imagens, e que o *blog* sempre aborda assuntos ligados à formação da mulher conservadora embasados em textos bíblicos. Não há nela, entretanto, nenhuma definição de sua crença religiosa (se católico ou protestante), mas menções ao cristianismo, a Deus<sup>16</sup> e à vivência de um modo conservador com viés religioso. O mesmo ocorre no *blog*: nenhuma informação se são protestantes ou católicos; a única menção é ao cristianismo de forma generalizada e com textos embasados na Bíblia. Também se dá por sabermos que o catolicismo constituiu a FD brasileira, clivando os sujeitos ao longo de cinco séculos.

Assim sendo, seguimos refletindo nessa possibilidade de significação que a publicação em análise nos conferiu e verificamos que o mês de maio é dedicado à Maria já há alguns séculos. Conforme o *site* católico *ACI digital* (2017), tal mês era dedicado, na Grécia Antiga, à Deusa Artemisa, e na Roma Antiga, à Flora, com o intuito de celebrar o mês das flores, o início da primavera. Com a ascensão do cristianismo, a referência passou a ser à mãe de Jesus e a ela começou, já na época medieval, o oferecer da nova estação e o agradecimento à chegada de um bom clima. Foi, no entanto, no período Barroco (século XVII) que essa prática tornou-se uma devoção singular e que é vista até os dias atuais. Na carta encíclica *Mense Maio* (1965, p. 1), o Papa Paulo VI afirma que o mês de maio

---

<sup>16</sup> Neste trabalho, sempre nos referiremos a Deus como um substantivo próprio quando seu sentido for empregado em um contexto religioso. O mesmo ocorrerá com o uso no feminino (Deusa), bem como ao Diabo. Livros sagrados de religiões citadas também serão escritos em maiúsculo.

[...] é consagrado a Maria Santíssima pela piedade dos fiéis. [...] na verdade, é um mês que, nos templos e entre as paredes domésticas, sobe dos corações dos cristãos até Maria a homenagem mais ardente e afetuosa da prece e da veneração. E é também o mês que mais copiosos e mais abundantes descem até nós, do seu trono, os dons da misericórdia divina.

A partir da colocação de Paulo VI, é possível supor, dentre as inúmeras vertentes de interpretação, que a página em análise tenha realizado essa publicação nesse mês não apenas denotando o mês das mães, mas também o mês mariano, independentemente de seu seguimento cristão, haja vista Maria estar inserida na FD brasileira religiosa desde o descobrimento do País.

Para os grupos conservadores católicos, o papel de Maria é fundamental como modelo a ser seguido, não apenas em sua maternidade, mas também como um exemplo de ser humano, especialmente às mulheres. Conforme o Papa João Paulo II, em sua encíclica *Mulieres Dignitatem* (1988, p. 22), a maternidade é uma das dimensões da personalidade feminina e “à luz do Evangelho, elas (virgindade e maternidade) adquirem a plenitude do seu sentido e valor em Maria, que como Virgem se tornou Mãe do filho de Deus”. Para justificar, afirma (1988, p. 14):

Em todas as gerações, na tradição da fé e da reflexão cristã sobre a mesma, a aproximação Adão-Cristo é frequentemente acompanhada da de Eva-Maria. Se Maria é descrita também como “nova Eva”, quais podem ser os significados desta analogia? Certamente são múltiplos. É preciso deter-se particularmente no significado que vê em Maria a revelação plena de tudo o que é compreendido na palavra bíblica “mulher”: uma revelação proporcional ao mistério da Redenção. *Maria* significa, em certo sentido, ultrapassar o sentido de que fala o *Livro do Gênesis* (3,16) e retornar ao “princípio” no qual se encontra a “mulher” tal como foi querida na *criação*, portanto no pensamento eterno de Deus, no seio da Santíssima Trindade. Maria é o “novo princípio” da *dignidade e da vocação da mulher*, de todas e de cada uma das mulheres.

Buscando compreender mais o excerto exposto acima, encontramos em Scruton (2015, p. 54) uma explicação a respeito do desejo de conservar. Para o autor,

O conservadorismo surge diretamente da sensação de pertencimento a alguma ordem social contínua e preexistente e da percepção de que esse fato é importantíssimo para determinar o que fazer. A “ordem” em questão pode ser a de um clube, a de uma sociedade, a de uma classe, a de uma comunidade, a de uma igreja, a de um governo ou a de uma nação [...].

Assim, para o pensamento conservador – aliado a uma perspectiva religiosa, como sugere um dos efeitos de sentido desse meme em análise – a maternidade atrelada à imagem da mãe de Cristo sugere ao interlocutor um pertencimento a esse discurso. Dentro dessa ideologia conservadora, a educação dos filhos é tarefa das mulheres, e como a página se dedica a orientar jovens garotas, essa postagem orienta como uma mãe conservadora deve proceder em relação à educação da prole. Notamos, nesse discurso conservador e religioso, que a mulher tem uma vocação natural e divina: a maternidade. Conforme o *Dicionário Online Aurélio*, vocação é: **1.** Uma inclinação que se sente para alguma coisa; **2.** Disposição natural do espírito; **3.** Inclinação para a vida religiosa. Pensando a partir das definições etimológicas, a maternidade, vista a partir do discurso conservador religioso – em especial, o católico – mostra que a mulher é natural e espiritualmente vocacionada, desde sempre, à maternidade. Conforme Barbosa (2014), a mulher tem em si o dom da maternidade, que pode ser vivido tanto de forma biológica quanto espiritual. Logo, Maria é o exemplo maternal a ser seguido, pois sendo mãe de Deus, é a mulher ideal a orientar as mulheres a respeito do verdadeiro sentido materno.

A fim de compreendermos mais essa FD em torno da maternidade atrelada à maternidade de Maria, devemos pensar na FD religiosa brasileira, haja vista ser esta uma identidade acerca do Brasil: uma nação majoritariamente católica. Conforme Aquino (2014), juntamente de Pedro Álvares Cabral, havia 17 sacerdotes católicos que chegaram às terras brasileiras quando da descoberta. Colonizado por católicos portugueses que batizaram nosso País primeiramente de Terra de Santa Cruz, o brasileiro é atravessado e constituído ideologicamente por esse discurso conservador religioso.

Conforme publicado no *blog* da revista *Veja* do jornalista Reinaldo Azevedo (2017), o IBGE publicou dados de 2010 em fevereiro de 2018 a respeito das religiões dos brasileiros e constatou que o Brasil é ainda detentor do título de maior país católico do mundo, apesar de ter reduzido o número de fiéis em 12,2% (1,7 milhão de fiéis) e a retração de poder e influência da Igreja também diminuir em 22%. Logo, conforme os dados, a porcentagem de brasileiros considerados católicos hoje é de 64,6%, enquanto de evangélicos subiu de 5,2% para 22,2% em quarenta anos.

Os evangélicos, conforme Silva (2013), estão ganhando cada vez mais adeptos a ponto de construírem uma bancada “que segue a orientação político-religiosa das lideranças pentecostais”, e tal ascensão somada à ação política, é extremamente importante de ser analisada. Já para a *Rádio Vaticana (Arquidiocese de São Paulo, 2017)*, dados relativos a 2015 mostram que o Brasil possui 172,2 milhões de católicos batizados, representando 26,4%

total dos católicos do continente americano. Essa informação colabora com a FD religiosa e conservadora (precisamente católica) em torno do brasileiro, em especial à mulher, para que imite a mãe de Cristo em sua essência materna e feminina.

Entretanto, conforme Carvalho (2016, p. 48-49), o Brasil não pode ser considerado um país católico, dada imbricações dessa prática religiosa com a Maçonaria e ao facciosismo<sup>17</sup> político desde os tempos da colonização. Segundo ele,

[...] há catolicismo, sim, no Brasil, mas reduzido às suas manifestações mais externas e menos espirituais: o moralismo sexual enervante, ostensivamente violado e sempre objeto de chacota (erigida mesmo em gênero literário); a religiosidade farmacológica, com formulários de rezas para bicho-de-pé e cólicas menstruais – uma verdadeira mania nacional; o esteticismo sentimental das procissões e festas populares; as intervenções políticas da Igreja a favor do *establishment* ou contra ele, que hoje reduzem todo debate religioso à medição rasteira dos coeficientes de ‘progressismo’ e ‘conservadorismo’. [...] Por todos esses motivos, o legado espiritual que nosso catolicismo deixa ao mundo, é rigorosamente, nulo. Se olharem para o nosso século em busca de uma resposta a seus anseios espirituais, os brasileiros do futuro estarão batendo à porta de uma casa vazia.

Ou seja: para Carvalho, o catolicismo brasileiro não é uma religião forte, perene e representativa, mas atravessada por superstições e politicagem, diferentemente para Azevedo (2002), que não vê possibilidade de o catolicismo no Brasil não ser plural, diversificado, complexo, e que o projeto de uma fé unificada como sempre propôs a Igreja desde a sua criação seria impossível, haja vista nosso País possuir diferentes atravessamentos culturais e religiosos, seja no plano macro ou microsociais. Em outras palavras: se para Carvalho, o catolicismo brasileiro não é um ‘real catolicismo’, para Azevedo, o catolicismo no Brasil só é porque assim foi cindido e clivado: é a representação da miscigenação brasileira, não apenas de raças, mas de cultura e credo. Essa seria a marca identitária do catolicismo do/no Brasil, e que só aqui pode ser visto, dado os seus imbricamentos sócio-históricos e ideológicos.

Como citamos anteriormente, o meme foi publicado no mês de maio, dedicado às mães. A celebração do dia das mães como conhecemos – segundo Fernandes (2017) – surgiu após a jovem Ann Marie Reeves Jarves perder sua mãe em 1905 e, por isso, organizar em 10 de maio de 1908 um culto em homenagem às mães na Igreja Metodista Andrews, em Grafton, estado da Virgínia, EUA, com o intuito de comunicar às crianças e aos jovens a importância materna. Tal medida resultou na oficialização da comemoração dessa data em 1914 pelo então presidente Woodrow Wilson, sendo dedicado o segundo domingo de maio a essa celebração.

---

<sup>17</sup> Semelhante a partidarismo, proselitismo.

Ressalta, também, um atrelamento ao culto de seres mitológicos ligados à maternidade e de fenômenos como a fertilidade na Idade Antiga, bem como a referências judaico-cristãs entre as mulheres Eva e Maria e a figura de mãe que as circunda.

Sobre ser o mês das noivas, Campos (2016) explica que esse ato era tradicional entre povos na Antiguidade graças à Astrologia e aos cultos pagãos no Hemisfério Norte, que acreditavam ser, na chegada da primavera, momento forte para a fertilidade. Com o passar dos séculos, a Igreja Católica, a partir de 1534, firmou o casamento religioso como sacramento e estimulava as cerimônias nesse mês por ser ele dedicado à Maria.

Entretanto, traz – o meme – ao final, uma frase que, costumeiramente, é usada em meios não conservadores: “meus filhos, minhas regras”. Essa paráfrase faz referência à defesa dos direitos das mulheres abraçada por grupos feministas, relacionados também às questões sexuais. O não dito nessa paráfrase é: “meu corpo, minhas regras”. Tal compreensão é possível, pois como afirmou Orlandi (2009), os efeitos de sentidos se dão porque existe uma materialização da ideologia por meio da linguagem. Ou seja: tal paráfrase possibilita um sentido já existente, mas esquecido, esquecimento que, segundo Orlandi (2009), é o que possibilita criar e recriar sentidos, significações. Há, conforme Charaudeau (2012), uma interdiscursividade, já que os discursos sempre são atravessados interdiscursivamente e, por isso, permite-nos compreender essa paráfrase.

Percebemos, então, que esse meme é carregado também por ideologias feministas, e não apenas religiosas e conservadoras. Conforme Brandão (2012, p. 68), “é próprio da constituição do sujeito a função que o *eu* assume de manter a ilusão de um centro”, nesse caso, que o discurso seja ‘apenas’ conservador, que se interprete um sujeito único e detentor de um dizer que faça parte de uma ideologia determinada: a conservadora. No entanto, não podemos perder de vista que existe um sujeito, mas que ele é dividido, clivado, cindido, determinado pelas CPs e constituído sócio-histórico e ideologicamente. Nesse sentido, como vivemos em uma época cuja tônica é a luta pela igualdade de qualquer tipo, esse meme revela uma contradição na busca por direitos igualitários a todo e qualquer grupo marginalizado de nossa sociedade, em especial, neste caso, às mulheres.

Em *Personas Sexuais*, Camille Paglia (1992) afirma que a ideologia judaico-cristã transferiu a mulher a um reino ‘inferior’, o da terra, enquanto o homem pertence ao reino ‘superior’, o do céu (e exemplifica seu argumento na ideia de que o Deus que cria o mundo é masculino). Essa transferência conferiu à mulher o culto à procriação. Ela era comparada à Terra (‘Grande Mãe’), perspectiva que coroa o nascimento das religiões do mundo. Portanto, para Paglia (1992), em uma análise histórica, a cultura é uma construção do homem contra a

mulher, pois desde sempre a mulher parece um ser estranho graças ao seu poder de gerar. Afirma, também, que as mães podem ser fatais para os filhos, e as compara à Medusa, sacerdotisa do mito grego equiparada a monstro, e representante da sabedoria feminina, apesar de carregar em si o ódio pelos homens e pelas mulheres. Faz essa analogia para dizer que as mães dão a vida, mas também bloqueiam o caminho da liberdade.

Para Farias (2004, p. 19), “uma das versões que Lacan dá para a mãe é a de que ela é ameaçadora por seu poder sem lei”, já que a criança não simboliza apenas o ser em si (criança), mas o objeto faltoso: o falo. Relacionando ao meme em questão, há um discurso atravessado pelo seu avesso (Brandão, 2014), que seria o discurso feminista no enunciado “meus filhos, minhas regras”, parafraseando a frase costumeira de movimentos feministas (“meu corpo, minhas regras”), bem como existe o discurso do bloqueio à liberdade (salientado por Paglia, 1992), já que os filhos não são estimulados à liberdade de escolha, mas determinados a brincarem daquilo que a mãe entender como adequado conforme o gênero dos filhos, indo na contramão das discussões atuais em torno das questões de gênero, liberdade e direito, em especial, das mulheres.

Conforme Adichie (2014), o modo como a sociedade atual cria os filhos homens é duro e nocivo, haja a vista a noção de masculinidade ser muito estreita e a todo instante ‘posta à prova’. Em um caminho oposto, Adichie (2014) acredita que a criação das meninas visa ao autoencolhimento para, assim, cuidarem do ego masculino debilitado (pois, segundo a autora, quanto mais se exige de um homem, mais seu ego será fragilizado). Conclui que “meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças” (2015, p. 42). Sobre as diferenças biológicas e construções sociais em torno de gêneros, Simone de Beauvoir afirmou que (1970, p. 69),

[...] assim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro. [...] uma vida é uma relação com o mundo; é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define.

Ou seja: para Beauvoir, a definição de mulher (e homem) está em como o sujeito se relaciona com o universo a seu redor. Em AD, chamamos essa relação de CPs (Orlandi, 2009). Para Peretti (2013), discussões a respeito do pensamento feminino têm sua origem no final do século XIX e início do XX, com a visão de mulheres intelectualizadas, como Edith

Stein<sup>18</sup>, filósofa conversa ao catolicismo, que combatia a visão estereotipada da mulher como sexo frágil, a partir do empenho em resgatar, durante os anos 1920-1940, o valor da feminilidade, igualdade de gênero e uma educação que contribuísse com a conscientização da mulher – e da sociedade – a respeito da dignidade feminina.

No meme em análise, o discurso materno é atravessado pelo discurso feminista, já que é a mãe quem determina as regras do que seja adequado às meninas para brincar, mantendo-se uma identidade estereotipada do que seja mulher e do que seja brincadeiras/brinquedos próprios para meninas. É considerado, assim, discurso feminista, porque é a mulher quem determina em seu enunciado (meus filhos, minhas regras). Assim, para essa mãe, as regras são dela: ela é empoderada o suficiente para determinar do que os filhos brincarão, porque ela assim o quer. Para a AD, essa identidade pessoal não está apenas para os campos da Psicologia ou Sociologia, mas é dupla: ou é externa – do sujeito comunicante – ou interna, também conhecida como identidade discursiva, que articuladas e em conjunto, tramam ‘estratégias discursivas’ (Charaudeau, 2012). Sendo assim, tanto para o discurso conservador presente no meme, quanto para o discurso feminista que o atravessa, a construção da identidade desse assujeito importa, pois ela, de alguma forma, define-o. Podemos dizer que, para o sujeito-assujeitado, a adesão desse discurso faz dele um *Eu*, conforme explicou Lacan. Para o psicanalista, o “*Eu* aparece inicialmente diante do Outro como permitindo delimitar uma carência lógica” aparecendo, primeiramente, como um assujeito (2008, p. 78). Para Pêcheux (2014, p. 124),

[...] (com) a formulação de Lacan, “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo o *recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar *como o processo do Significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção.

---

<sup>18</sup> Conforme Aquino (2012), Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) era a caçula de uma família judaica e entrou para a universidade em 1911 em três cursos: História, Língua Alemã e Filosofia, algo bastante incomum à época, já que não era frequente o número de mulheres na universidade. Foi a segunda alemã a defender uma tese de doutorado na história alemã, chamada *Sobre o problema da empatia*. Discípula e assistente de Edmund Husserl, foi enfermeira voluntária da *Cruz Vermelha*, durante a Primeira Guerra e trabalhou como professora, compondo artigos científicos sempre em defesa dos direitos das mulheres. Converteu-se ao catolicismo em 1º de janeiro de 1922 e entrou para o convento em 1933, após ser demitida da universidade em que trabalhava por ser de origem judia. Fez seus votos definitivos em 1938, passando a ser chamada Teresa Benedita da Cruz, e fugiu para a Holanda, após a *Noite dos cristais*. Em 1942, Stein e sua irmã, também freira, foram presas após a condenação da Igreja à perseguição da *Gestapo* aos judeus. Em 7 de agosto do mesmo ano foram transferidas para Auschwitz, vindo a morrer dois dias após. Foi beatificada em 1º de maio de 1987 e canonizada em 1998 pelo Papa João Paulo II. Em 1999, passou a ser considerada copadroeira da Europa pela sua contribuição não apenas à fé católica, mas também à Filosofia, já que, mesmo como freira, defendeu o direito das mulheres. Celebra-se liturgicamente sua memória em 9 de agosto.

No meme em questão, o Outro e o *Eu* colaboram para a FD e as CPs do sujeito: se é menina, brinca de boneca; se é menino, de futebol. Ressaltamos, no entanto, que, conforme Brandão (2012, p. 67), “o sujeito não é um ponto, uma entidade homogênea, mas o resultado de uma estrutura complexa que não se reduz à dualidade especular do sujeito com seu outro, mas constitui também pela interação com um terceiro elemento: o inconsciente freudiano.” Ou seja: não é apenas a interação com o outro (sujeito) ou o Outro (inconsciente/discurso) que faz um sujeito-assujeitado para a AD, mas sim essa junção que determinará esse sujeito-assujeitado que crê ser dono do que diz – mesmo sem compreender que essa crença se trate de uma ilusão – e esse modo de crer faz com que ele se posicione discursivamente; é um efeito de linguagem aculturado e representado conforme as formas de linguagem que o enunciam (Orlandi, 2012).

Segundo Mendes (2013, p. 13), as imagens têm a competência de atingir nossas emoções das mais variadas formas, já que elas fazem parte de nossa constituição de sujeitos. Afirma ainda que, graças ao avanço tecnológico do século atual, “esta modernidade cria um volume incalculável de dados verbo-imagéticos.” Em *O discurso das mídias*, Charaudeau (2006) afirma que a imagem pode trazer, entre tantos, dois efeitos de sentido: de transparência e de evocação. O primeiro é de que a imagem de transparência nos traz a realidade tal qual ela é (se vejo uma criança chorando na televisão, por exemplo, aquilo que vejo é real: a criança está chorando). O segundo é definido como o despertar coletivo e pessoal em nossa memória de lembranças e experiências passadas sob a forma de outras imagens. Essa evocação – prossegue Charaudeau (2006, p. 255) – “perturba” o efeito da transparência, “pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através da nossa própria história individual ou coletiva.” Sendo assim, a análise discursiva de uma imagem nunca será homogênea em seus efeitos de sentido, e sim heterogênea. Dependerá sempre das FDs, FIs, bem como das CPs que enlaçam o sujeito no processo de significação da análise.

Conforme Orlandi (2009, p. 59), a AD não busca pelo “verdadeiro sentido”, “mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica.” Para essa ciência, o texto sempre será – ao analista – a unidade que ele tiver diante de si para iniciar o processo de análise. No meme em questão, existe a presença não apenas do texto escrito, mas também da imagem. É importante verificar, também, a imagem a fim de levantar outras tantas possibilidades de significações que elas oferecem, já que também são carregadas de discursos.

Conforme o meme 5.1 da página 42, a garota olha e sorri para o leitor, diferentemente do menino, que olha para a bola enquanto brinca. O olhar é muito significativo, pois

juntamente com ele vem o sorriso. Segundo Chauí (1988, p. 33), “cremos que a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora. Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si”. Justifica que o olhar também é linguístico, pois ‘dizemos’ com ele, como que expondo nosso inconsciente, e dentre os cinco sentidos que possuímos, apenas o olhar rivaliza com a audição no que tange ao processo de interlocução (o eu e o outro). É como se o olhar dissesse aquilo que, com palavras, não conseguimos exprimir. Já para Lacan (1964), olhar é um privilégio da função do desejo, um avesso da consciência. No caso do meme em análise, a menina transmite felicidade, alegria, e seu olhar é de quem está contente com a vida que tem, com os brinquedos que brinca. Sua postura é a de quem deseja mostrar-se, ser vista.

Em memes como esse, o uso da fotografia é importante para o discurso conservador enfatizar o texto escrito: a menina irá brincar de boneca; o menino, de bola. O conceito de brincadeira trazido na foto mostra que a mãe conservadora, ao ensinar seus filhos a brincarem como ela imagina, deixará os filhos felizes tal qual esboçado na imagem.

A fotografia usada no meme não é de cunho amador, e sim profissional. Dentre as inúmeras finalidades, pode ter sido utilizada em um anúncio publicitário/propaganda, dada suas características. Conforme Mauad (1996), a fotografia, desde a sua descoberta até os dias atuais, registra a história do mundo por meio de uma linguagem de imagens. Para Magnus (2016), a fotografia publicitária só terá êxito – que o leitor compre o produto que está à venda na imagem – se atingir o subconsciente, despertando os desejos. Conforme o *blog Literacies*<sup>19</sup> (2017), “O atual contexto digital em que vivemos aponta uma nova direção para a fotografia: hoje ela é cocriada, multidirecional, maleável. [...] a fotografia na era digital é híbrida, pois permite modificações em sua estrutura, viabilizando a articulação de novas estéticas.”

No caso do meme 5.1, a fotografia é fundamental para ‘casar’ o discurso verbal e o não verbal. Como afirmou Bakhtin (2006, p. 107-108), “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. [...] Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir” e gerar efeitos de sentido. A junção dos discursos verbais e visuais mostra que brincar de boneca, para mães conservadoras, nesse meme, certamente fará as meninas mais felizes e preparadas, em especial, para os cuidados domésticos e maternos. E esse efeito de sentido, se observado pelo campo da Psicanálise, é importante, pois, como evidenciou Farias e Lima (2004), Freud concluiu que a maternidade está atrelada à castração. Assim, para

---

<sup>19</sup> *Blog da disciplina Literacia das Mídias e das Artes*, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

a mulher, ser mãe é recompensar a falta do falo, já que o inveja. Diferentemente o é para Lacan, que enxerga a maternidade além do falo. Para Farias (2004), a maternidade é marcada por uma dupla falta: a relação de castração e o místico envolto em sua relação com a criança, além de admitir que será tal frustração a espinha dorsal da relação mãe-filho. Logo, é compreensível que a mãe deseje à sua filha que a imite, que construa desde a infância essa relação mãe-mulher em um estereótipo conservador, administrando a casa e vivendo sua frustração ao falo na maternidade. No entanto, mostra Vieira (2005, p. 4), que Lacan define mãe “não como aquela que satisfaz as necessidades, mas como aquela que, com seus cuidados, deve trazer ‘a marca de um interesse particularizado’”. Ou seja: para Lacan, a mãe ama seu filho por aquilo que ela torna particular nele, a partir do seu interesse. No meme em análise, os filhos serão especiais, porque na particularidade da mãe brincarão daquilo que ela entende ser próprio para eles, satisfazendo a si mesma e, dessa forma, revela o assujeitamento ao discurso conservador, de modo inconsciente.

Verificamos, no meme, que as cores destinadas às meninas são mais ‘homogêneas’, enquanto que, para os meninos, ‘heterogêneas’. Sabemos que as cores na imagem também são discursos, também comunicam. Segundo Oliveira (2015), a Psicologia das Cores ajuda-nos a compreender as decisões tomadas, pois o ser humano avalia aspectos visuais em compra de produtos, por exemplo, que podem atrair, influenciar ou repelir e, no cérebro, podem controlar sensações de recompensa, auxiliar no planejamento de ações e sugerir estabilidade e conservadorismo.

Enquanto o menino está em um ambiente mais colorido, a menina está em um ambiente *clean*. A cor rosa se sobrepõe às demais: está na blusa em que ela veste, na casa da boneca, nos acessórios e nas bonecas, que também trazem consigo outras cores ‘consideradas’ femininas, como o lilás e o roxo. É possível notar também a presença do azul, mas em tons claros. Conforme o *Dicionário de Símbolos* (2017), o rosa, no Ocidente, é usado para representar, precisamente, a feminilidade, o romantismo e a sensualidade. A cor lilás, segundo o *site M de Mulher* (2011), traz harmonia, sensação de tranquilidade e representa a espiritualidade. O roxo denota misticismo, e se usado em excesso em um ambiente, pode trazer sensações de tristeza e abatimento, conforme o *site Significados* (2017), diferentemente do azul, que é considerado a cor da realeza, estimula a criatividade e lembra o céu com todo o seu mistério.

Segundo Figueirêdo (2016), o uso das cores na publicidade e propaganda se dá por essas exercerem um papel psicológico importante, já que desde a Antiguidade, são elas que representam o nosso mundo. E essa representação das cores também são representações

linguísticas, posto que a linguagem também está associada à cor, como explica Zavaglia (2006, p. 26):

[...] do mesmo modo que, para o físico, a palavra cor designa uma luz, ou seja, um comprimento de onda, para os linguistas, tal unidade lexical denomina o absorver e o refletir da luz nos corpos, sejam eles naturais ou artificiais. Nessa vertente, de acordo com sua vivência e experiência, o homem, com o decorrer do tempo, foi criando e registrando linguisticamente sua afetividade pelas cores. [...] Inconscientemente exprime as suas emoções, utilizando-se de cromônimos.

Para Freitas (2017), existem três fatores que influenciam a escolha das cores: psicológicos, sociológicos e fisiológicos. Esses fatores se determinam, algumas vezes, não por questões pessoais, mas pela função que ela (a cor) poderá exercer. Conforme Santos (2008, p. 7), “o valor de expressão da cor a torna um elemento importante na transmissão de ideias e o impacto produzido por ela não sofre as barreiras impostas pela língua”. Ou seja: a cor possui esse impacto porque comunica. Há um discurso que atravessa e dá sentido no processo discursivo fazendo com que as cores possam enunciar.

A menina veste blusa rosa e calça amarela, que quase é imperceptível a olho nu, já que o fundo da fotografia em que ela está é branco e, segundo o *Portal do Marketing* (2014), essa cor “é associada à luz, bondade, inocência, pureza e virgindade. Ele é tido como sendo a cor da perfeição”. Por ser considerado a junção de todas as cores, branco também significa limpeza, pureza, casamento e segurança. Assim, o branco usado na fotografia que estampa o meme em análise dá um ar leve e limpo à imagem, sensação que se deseja ter, também, em casa: paz, tranquilidade, harmonia. Já o amarelo significa, conforme Santos (2008), o conforto; é sinônimo de luz irradiante, bem como o luxo e o egoísmo. Consideramos, pois, que há neste jogo de cores no meme uma FD em torno de como deva ser uma casa feminina e de como deva se comportar uma dona de casa/mãe nos padrões conservadores.

A casa de boneca grande e espaçosa em que a menina brinca traz uma compreensão de que essa garota possui um *status* social considerado médio-alto, já que uma busca em *sites* de compras pode mostrar que o valor desse brinquedo requer pertencimento a uma determinada classe<sup>20</sup>. Dentro da casa, as bonecas lembram a famosa boneca Barbie, que segundo Vilella (2008, p. 9-10),

---

<sup>20</sup> Realizamos uma pesquisa no site *Google* no dia 30 out. 2017 e vimos que uma casa da boneca Barbie semelhante à do meme em análise e/ou a mesma varia, em *sites* de compra, entre R\$900,00 a R\$1.500,00.

[...] vem refletindo o comportamento de cada época. A boneca acompanhou todas as mudanças das últimas décadas. Barbie é rica, bonita e famosa, e suas roupas, acessórios e situações cotidianas mostram a rapidez dessas modificações. Barbie tem um namorado perfeito e muitos amigos ricos, bonitos e fúteis que pensam o tempo todo em festas, praia e shoppings, entre outras situações hedonistas. O mundo de Barbie é cor-de-rosa, repleto de sonhos e fantasias, onde tudo é possível. Ela é uma narcisa, e este narcisismo proporciona um perfil específico nas relações com seu corpo, com outras pessoas e com o mundo que a rodeia, que, obviamente, para aceitar este perfil vem ao encontro dele, corrobora-o.

Percebemos, assim, que o não dito remetido nesse discurso em imagem fornecido pelo meme é de que esse ideal de filha que a página discursa aos pais conservadores, em especial às moças, não brincará simplesmente de boneca, mas com um modelo de boneca cujo *status* social que ela representa é privilegiado e limitado a poucos. Essa possibilidade de análise é interessante, pois, conforme Charaudeau (2010), os efeitos de sentido que o sujeito comunicante pretende produzir no sujeito destinatário construídos num plano ideal (efeitos pretendidos) nem sempre irão ao encontro dos efeitos de sentido construídos pelo sujeito destinatário, que os construirá a seu modo (efeitos produzidos).

Assim sendo, retomar as CPs em que essa página posta o meme em análise (mês de maio, dedicado às mães, às noivas e à Maria, voltada à formação de jovens moças à feminilidade, entre outros) e ‘confrontar’ com o discurso acerca do universo da boneca Barbie, revelam que os efeitos pretendidos pela página sejam, dentre inúmeros, de que as meninas brinquem de bonecas, mas que os efeitos produzidos sejam de que as meninas brinquem de boneca, mas não qualquer uma, e sim a Barbie ou outra que a ela se assemelhe. E essa escolha ideológica não é em vão, já que, para a AD, não existe sujeito sem ideologia, nem discurso sem sujeito. Ao trazer a boneca americana como modelo de brinquedo para meninas, as concepções levantadas por Vilella<sup>21</sup> acerca de sua representação (futilidade, riqueza, fama, beleza, narcisismo, entre outros) ‘contrastam’ com o discurso voltado à mulher conservadora, conforme aqui citados pelos papas católicos, bem como pelos conservadores mencionados.

A boneca Barbie – conforme *A origem das coisas* (2017) – surgiu em 1959 nos EUA, e sua inspiração é alemã. Na Alemanha dos anos 1950, o jornal *Bild* publicava historietas chamada *Bild-Lilli*, cuja personagem principal era Lilli. Esta foi transformada em boneca em 1955 pela O&M Hausser, com características mais femininas e adultas, dissemelhantes das que até então eram produzidas. O casal Ruth e Elliot Handler já possuíam a Mattel, fábrica de

---

<sup>21</sup> Citado na página 57.

brinquedos, desde 1945. Após presentarem uma de suas filhas com uma Lilli em uma viagem à Europa, e perceberem o entusiasmo da garota com aquela boneca diferente, passaram a produzir uma versão americana dela, chamando-a de Barbie, apelido da filha presenteada, Barbara, e apresentada ao mundo em 1959. Com sucesso de vendas no mesmo ano, a Mattel foi sentenciada a indenizar a O&M Hausser por direitos de imagem, já que a empresa alemã percebeu a semelhança entre Lilli e Barbie. Em 1961 surgiu *Ken*, namorado de Barbie, cujo nome também foi inspirado em um dos filhos do casal que, na vida real, era homossexual. *Skipper*, a irmã da Barbie, também foi inspirada na filha caçula dos Handler.

É verdade que Ruth Handler enfrentou críticas severas de feministas por estereotipar a boneca em uma só forma, o que fez com que a dona da Mattel criasse versões da boneca em diferentes modelos étnicos. Mas também é fato que Barbie tornou-se um recorde de vendas, atendendo a mais de 150 países e atingindo a marca de 1 bilhão de exemplares, conforme noticiado pela *BBC Brasil* em 2002. Segundo informações da revista *Superinteressante* de dezembro de 2011, eram vendidas 172.800 bonecas ao redor do mundo, em média, 2 por segundo. Em 2014, no entanto, as vendas caíram em 21%, e o lucro da Mattel foi 60% menor que em anos anteriores, segundo dados da revista *Isto é* de fevereiro de 2015. Só após perceber que a boneca passava a perder relevância, é que a vice-presidente sênior da linha Barbie, Lisa McKinght, compreendeu que só atingiria nova marca de vendas se o foco da discussão fosse outro, segundo Peck (2017). A mudança de foco fez com que as vendas da boneca crescessem 7% em 2016. A aposta da Mattel foi na criação de *Barbie fashionista* e *Barbie Curvy*, em que a traz em diferentes versões corpóreas e pés chatos, já que sempre era criada com os pés em posição de salto alto. Segundo o *site Brinquedos.blog*,<sup>22</sup> em notícia datada em 30 de março de 2017, a boneca mais vendida até aquela postagem era *Cat Noir*, personagem do desenho *Miraculous*. *Barbie Bailarina* vinha em sexto lugar, seguida da *Barbie fashion salão estilo e brilho*.

Conforme o jornal *O Globo* (2017), só em 1980 foi criada a primeira Barbie negra, e em 1996 surgiu *Becky*, uma amiga paraplégica de Barbie que vinha em uma cadeira de rodas. Barbie possuiu, ao longo de suas décadas de existência, inúmeros acessórios de diferentes tipos, como iate e pônei. Ela já representou características de mulheres de 40 nações, bem como personagens importantes da história, tal qual a primeira-dama americana em 1960, Jacqueline Kennedy e Audrey Hepburn, assim como mulheres brasileiras, como Ana

---

<sup>22</sup> Durante a conferência em 10 ago. 2018, percebemos que este *site* está fora do ar.

Hickmann, mas só em 2016 foram lançadas Barbies de modelos diferentes quanto à estética (cor dos olhos, silhueta, cor dos cabelos, roupas).

Pensar nas possibilidades de significação do porquê a boneca Barbie ser usada como modelo de brinquedo para meninas em um meme conservador não é buscar respostas prontas, mas possibilidades de efeitos de sentido. É verdade que, para a AD de linha francesa, não há preocupação com ‘a verdade’ ou a ‘intenção’ do discursador/discurso. Para ela, o que importa é o discurso em sua constituição (FD, FI, CP) sócio-histórica e ideológica através do tempo nos assujeitos. Ou, como exemplificou Foucault (2008), é pensar na FD (escolhas temáticas, tipos de enunciação, conceitos, etc.) designando conjuntos de enunciados que são determinados sócio-historicamente, que podem ser relacionados a um mesmo sistema de regras e que envolvem dois tipos de funcionamento, conforme aponta Brandão (2012): a paráfrase (um espaço em que os enunciados são retomados e reformulados) e o pré-construído (que remete a uma construção interior e exterior em oposição àquilo que se constrói pelo enunciado). É refletir, também, sobre a FI que governa os discursos, posto que todo discurso é ideológico e está claro, para a AD, que não existe sujeito sem ideologia, sendo o discurso argumentativo por natureza; bem como as relações com as CPs, que constituem os discursos.

Remete-nos, também, a pensar sobre o interdiscurso. De modo amplo, afirma Charaudeau (2012, p. 286): “[...] chama-se também de ‘interdiscurso’ o conjunto de unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.) com os quais um *discurso particular* entra em relação implícita ou explícita.” De modo restrito, é um conjunto de discursos de campos discursivos semelhantes ou distintos. No meme em análise, compreendemos que esse discurso particular (a boneca Barbie e suas significações) cria uma relação de feminilidade, se pensarmos que o objetivo da página é trabalhar o feminino com as jovens moças e compreende (ao fazer tal postagem) que a boneca exerça certa feminilidade por sempre se ater às cores rosa, lilás e roxo em suas roupas e acessórios, por representar um estereótipo de beleza (geralmente é loira, branca, olhos claros, magra, seios fartos); por ter um namorado que também preenche os padrões de beleza socialmente aceitos (loiro, olhos claros, alto, corpo atlético); por ter uma casa grande e espaçosa, com muito luxo, e que, para mantê-la, seria necessário ter uma renda alta, empregados e filhos que a completassem, além, é claro, de extravagâncias, como cômodos que, costumeiramente, não se veem em uma casa comum: academia de ginástica, espaço para estética, entre outros.

Todos esses sentidos remeteram-nos ao discurso da ‘loira burra’. Conforme Silva (2012), o mito em torno da ‘loira burra’ surgiu no cinema americano com a atriz Marilyn

Monroe, que interpretava papéis de mulheres fúteis e sedutoras. Já no Brasil, para Silva (2012), esse estereótipo se mantém graças à mentalidade branqueadora herdada desde o período escravista brasileiro. Pensar, então, no estereótipo de beleza é também pensar que, na FD brasileira (e estadunidense), a mulher loira é compreendida pejorativamente como ‘mulher burra’. Segundo Regina Di Ciommo (2016), apesar de ser vista como um padrão de beleza, Barbie é considerada irreal esteticamente e suas medidas não representam as mulheres, especialmente as brasileiras, já que as medidas da cintura, coxas e seios da boneca, caso uma mulher no plano real as tivessem, poderia ter sérios problemas em relação à saúde. Assim, refletir sobre a Barbie como modelo de feminilidade conservadora é ter, interdiscursivamente, um modelo de mulher banal, irreal e de pouca inteligência.

Barbie e Ken também já foram transformados em representações religiosas pelos artistas plásticos Emiliano Paolini e Marianela Perelli. Segundo Janara Lopes (2014), do *site Idea Fixa*, tal representação causou transtornos na Argentina. Os artistas representaram na obra *Barbie – A Religião de Plástico* 33 símbolos religiosos, entre eles, *Buda, Nossa Senhora Aparecida, Jesus Crucificado e Iemanjá*, com o intuito de mostrar, de maneira humorada, a forma nela que os grupos sociais pensam diferentemente dos outros, em especial no campo religioso. Perelli (2015) justificou ainda que “Barbie é um ícone do mundo, ela tem um tipo especial de beleza. As ‘Virgens [Marias]’ mudaram com o passar do tempo. No Renascimento, elas foram retratadas como mais robustas e gordinhas e na Idade Média elas eram mais magras e de pescoços longos.” Pensando que também Barbie passou por muitas mudanças, e que Maria possui diferentes representações étnicas, os artistas entenderam que seria interessante o uso da boneca para representar a santa. Tal justificativa é importante, pois mostra que, apesar de a criadora da Barbie pensá-la como representação de tudo o que as meninas podem desejar ser, pelas feministas enxergá-la como um estereótipo pejorativo de beleza, houve, ao longo dos anos de existência dessa boneca, uma ressignificação atravessada sócio-historicamente. Se antes o seu discurso era de uma mulher independente, fútil, obcecada por um corpo perfeito e de pouca inteligência, tornou-se, depois, a de uma mulher empoderada, independente, de várias cores e curvas, e agora, também, conservadora, religiosa e do lar, efeitos de sentido que dão à mulher a sensação de pertencimento: ela pode ser tão independente se for uma mulher que trabalha fora ou uma trabalhadora do lar. Para Sá (2018), se a mulher decidir ficar em casa porque tomou livremente esta decisão, ela é tão empoderada quanto a que trabalha fora, pois ambas agiram por liberdade, e não impulsionadas pelo desejo de outrem ou por algo que seja ‘naturalizado’.

Assim, ter a boneca Barbie como modelo de brinquedo às filhas conservadoras é sinal de que a mulher pode ser ressignificada ao longo da história, sem se afastar de sua origem e vocação sobrenatural – como querem os conservadores: ser submissa ao homem em toda a sua beleza e condição de mulher. Ou, como citamos Scruton (2015), que as mudanças sociais por qual passarem as mulheres sejam sinônimos de continuidade, e não de rompimento com a tradição.

No *blog* da página *Garota Conservadora*, há uma postagem de 22 de setembro de 2016 intitulada *Mulher Conservadora e a Modernidade*. Nela, a blogueira Marlene Notelio de Moraes comenta que o feminismo abdica de valores naturais das mulheres, como a doçura e a ternura, e que o referido movimento procura distorcer os valores de igualdade diminuindo o papel da mulher. Prossegue afirmando (2016) que

A mulher virtuosa carrega em si as virtudes e características que estão descritas em Provérbios 31. O sexo feminino, então, traz em si detalhes e aspectos da obra criadora de Deus que o torna, quando concedido por Ele, um ser dotado de qualidades intrínsecas ao gênero, tais como a sensibilidade, a amabilidade e a delicadeza. A mulher conservadora possui naturalmente uma força capaz de modificar o ambiente à sua volta, e uma resiliência arraigada no seu caráter perseverante; ao mesmo tempo, possui singeleza, meiguice e doçura em suas atitudes. Ela tem um sentimento maternal, mesmo que ainda não seja mãe. Um afeto que flui naturalmente e contagia todos ao seu redor. Esse tipo de mulher é capaz de trazer para o ambiente em que vive uma leveza natural, como uma rosa que exala um bom perfume.

Conforme a autora, é próprio da mulher ser materna e afeita aos cuidados do lar. Este efeito de sentido fica ainda mais claro na postagem *Submissão feminina: a bíblia é machista?*, de 29 de setembro de 2016, escrito também por Moraes, em que defende o argumento de que a Bíblia não é sexista e o Deus cristão não é machista. Justifica esse argumento citando Maria: “O próprio Deus, ao vir ao mundo em forma humana, foi concebido no ventre de Maria. Como poderia a mulher ser discriminada por Deus?”. É interessante, para nós, vermos esse discurso, pois remonta ao que aqui já foi citado pelo Papa João Paulo II: “Maria é o “novo princípio” da *dignidade e da vocação da mulher*, de todas e de cada uma das mulheres” (1988, p. 14). Ou seja: a excelência máxima de uma mulher virtuosa, cristã e conservadora está em seguir Maria, tê-la como modelo de mãe e esposa, e assim como ela, ser esposa e mãe.

Fundamenta que, apesar de o livro sagrado para o cristianismo ter sido escrito por homens, não há nele resquícios de imperfeição, pois Deus os inspirou. Ela também cita a

passagem da carta do apóstolo Paulo aos Efésios, no capítulo 5, versículos 22 – 24, para justificar a submissão da mulher, ação que a própria autora explica:

O termo submissão empregado nos textos tem sentido distinto do utilizado nos dias de hoje. Em pesquisa ao dicionário encontraríamos significados como: “condição em que se é obrigado a obedecer; sujeição, subordinação, subalternidade”. Olhando, porém, a etimologia da palavra do latim, nos deparamos com SUB-, “abaixo”, mais MITTERE, “mandar, enviar, deixar ir”. Em resumo seria SUB-MISSÃO: existe uma primeira missão, e uma segunda, posta abaixo.

Justifica ainda a submissão como uma nobre missão – e não algo pejorativo, como, segundo Morais (2016), conceituam as feministas; cita Efésios 5, versículos 25 a 29, texto que apresenta uma analogia entre Cristo e a Igreja e o marido e a mulher: o homem representa Cristo, logo é a cabeça da mulher, que representa a Igreja. Assim, para Morais (2016), ser submissa ao esposo, afeita à maternidade e disposta aos cuidados domésticos são ações propostas por razões divinas. Possui – essa mulher conservadora, que procura pôr em prática os ensinamentos divinos – ação decisiva no casamento; responsabilidade conjugal e materna; é chamada para desempenhar essas funções e não é proibida de seguir carreira profissional<sup>23</sup>, mas recorda aos interlocutores que a submissão é nobre e apenas uma mulher sábia será capaz de bem desempenhá-la. Conclui:

[...] moças cristãs e conservadoras que se preparam para o matrimônio, que vocês possam se empenhar em compreender a grandeza de tudo que Deus fez, e da forma como Ele fez. Preserve seu corpo e proteja seu coração das armadilhas e ciladas: saiba esperar para si um esposo que mereça tê-la por companheira, alguém digno de quem você é, não aceite menos que isso; e então, ser submissa será algo natural e belo de ser vivido.

Se pensarmos, então, no discurso religioso, podemos considerar que o discurso educacional voltado às meninas, nesse âmbito, não é de chamado à reflexão, mas à subserviência, já que devem imitar Maria, que no Evangelho de Lucas, capítulo 1, versículo 30, autoproclamou-se “escrava do Senhor”. Conforme o judaísmo, a escravidão começou após uma maldição de Nôach a Canaã logo após o dilúvio. Conforme *Chabad* (2017), a noção de escravidão judaica nesse período não é semelhante à visão brasileira sobre escravidão, pois tais empregados eram ‘como membros da família’. Havia, segundo o Torá, apenas duas

<sup>23</sup> Morais (2016) cita personagens bíblicas femininas que exerciam profissões, como Débora, que era juíza, profetisa e líder de guerra em Israel, por exemplo.

possibilidades de um judeu tornar-se escravo: quando roubava algo e não podia restituí-lo; quando envolto em pobreza e sem condições de se autossustentar, vendia-se livremente ao seu senhor. A libertação ocorria a cada sete anos, quando chegava o *Shemitá* (ano sabático). Ele poderia voltar a servir caso houvesse afeição, mas não o faria durante o *Shemitá*. No caso de o escravo recusar-se a sair, sua orelha seria furada. E pensando em Maria, ela desejou tal escravidão.

É fato que, para os judeus, a escravidão é diferente daquela que conhecemos no Ocidente. Para eles, por exemplo, as necessidades do servo vêm antes das dos donos e, quando fugido, se buscado asilo em casa de outro judeu, não poderia ser entregue ao seu dono, e sim receber cuidados e proteção. Para as Testemunhas de Jeová (2017), o fato de Maria colocar-se em condição de escrava mostrava o seu alto grau de humildade e confiança em Deus. Já para São Luís Maria Grignon de Montfort (2002), a escravidão de Maria se faz num referente espiritual. Ele explica que, no período em que Jesus viveu nesta terra, as palavras ‘servos’ e ‘empregados’, como usamos hoje, eram inexistentes. Entretanto, para o santo europeu, ao se colocar como escrava, Maria mostra que, em sua liberdade, se fez prisioneira por amor, já que o escravo não possui direitos, apenas deveres e se ela conseguiu direitos (como ser a mãe do Filho de Deus, ter o céu, entre outros) é porque, antes, se fez escrava. Conforme Ragip (2015), para o muçulmanismo, Maria é considerada uma alma naturalmente profética, posto que *Allah* só permitiria a um anjo manifestar-se diante de um profeta. Para Percília (2017), os muçulmanos também a consideram uma mulher perfeita e um exemplo a ser seguido por todas as mulheres.

Assim sendo, fica-nos claro que, para as três religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e muçulmanismo), Maria é um exemplo de perfeição, pois é submissa e serve de modelo às mulheres que desejam seguir a Deus e, assim, agradá-lo. Conforme Charaudeau (2012, p. 286), “todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com os outros discursos, de entrar no interdiscurso”. Logo, percebemos que esses três discursos monoteístas se atravessam, mostrando que um papel valorativo de mulher assemelha-se ao de Maria: submissa, leal, serviçal e devota, porque isso é ‘natural’. Esse, pois, deve ser o papel da mulher conservadora, atribuído, também, pela *Liga de Mulheres Conservadoras* (2013):

A mulher conservadora, hoje é esta que se nega a desobedecer à ordem natural e belíssima de ser mulher. E é pensando em combater todo tipo de mal contra a família, contra a própria dignidade da mulher [...] que queremos deixar bem claro que somos mulheres que acreditam na família, que acreditam que ser

mulher é uma dádiva maravilhosa e que se completa de maneira incrível, natural e sobrenatural, com o homem! Queremos deixar bem claro que existe uma magnífica e mística submissão ao homem e, uma vez que sabemos desta função como vocação feminina, tal submissão não nos causa, senão, uma alegria imensa em poder fazer parte de algo grandioso: a construção de uma nação que sabe o que é bom, real e verdadeiro. Eis o retrato da mulher conservadora de hoje!

Já na FD de filho, nesse meme, percebemos que o menino está entusiasmado enquanto chuta a bola. Notamos que o brinquedo do menino faz referência ao futebol e ao basquete. Ele não precisa olhar para ninguém, a não ser para aquilo que o motiva: brincar de bola. Assim, percebemos a presença do discurso esportivo no meme em análise. Se confrontado com a participação da mulher, lembramos da Grécia, berço de nossa civilização. Conforme Flor (2011), na Antiguidade, as mulheres eram proibidas de assistirem aos jogos. Essa era a primeira sentença do regulamento olímpico, inclusive. O artigo 5º dos jogos dizia que as mulheres casadas, se assistissem às competições, poderiam ser sentenciadas à morte. Caripátida escapou da morte após abraçar seu filho, Psidoro, quando venceu a partida, por ser de família influente e com campeões olímpicos. A participação da mulher nos esportes era vetada, pois se acreditava que ela não tinha aptidão física, e que o corpo forte que ela viria a adquirir com tal prática a tornaria masculinizada. Segundo Cidade (2004), com a Revolução Francesa, a vida da mulher começou a mudar. Ela passou a ter menos filhos e a lutar por seus direitos, apesar de continuar no mundo privado. Ainda segundo Cidade (2004), “a condição feminina consistia no fato de que a mulher só podia fazer aquilo sobre o que havia um acordo positivo, uma aprovação social [...] a vida da mulher estava determinada pelas formas sociais.”

Como dissemos, o meme mostra o menino jogando bola, esporte peculiar no Brasil. Conforme Scaglia (2008), a origem do futebol é contada por muitos e há muitas referências a essa prática. Ele conta que em 4.500 a.C., o jogo de *Kemari*<sup>24</sup> era praticado em círculos entre os jogadores, diferentemente do jogo chinês *T'su Chu*, que exigia três modalidades, a saber: malabarismos com a bola nos pés, disputa entre equipes para passar a bola por sobre um fio de seda e duas equipes que jogavam as bolas em algo que hoje conhecemos como gol. Os espartanos jogavam *Epyskiros*, em que equipes de 15 jogadores levavam a bola até o campo adversário usando os pés e as mãos, sendo renomeado e modificado pelos romanos após sua conquista de *Harpastum*, em que era jogado em um campo retangular e com estruturas de posições dos atletas próximas ao que vemos hoje (linha de defesa, atacantes, entre outros)

---

<sup>24</sup> Arte de controlar a bola feita de bambu no alto com os pés.

chegando aos Jogos das Multidões, e o *Soule*, que são os mais semelhantes ao que entendemos por futebol nos dias atuais. Reitera, entretanto, que em 1846 foram impressos os primeiros folhetos com dez regras do futebol na Inglaterra, mas em 1863, em uma reunião na Taberna dos Maçons Livres em *Great Queen Street*, Londres, é que houve a consolidação do futebol que conhecemos.

No Brasil, o futebol chegou juntamente com Charles W. Miller em 1894, segundo *Wikipédia* (2017). No início, o esporte era dedicado apenas à elite branca brasileira; atletas negros foram aceitos apenas em 1920, tornando-se profissional a prática esportiva apenas em 1933. Durante a Era Vargas, houve grande esforço na promoção do esporte, tanto que foi construído o estádio Maracanã para receber a Copa do Mundo de 1950. Foi só em 1958, com a vitória do Brasil na Copa da Suécia, que o país foi plenamente representado etnicamente, já que a seleção era composta pelos negros Didi e Pelé, e pelo mestiço Garrincha. Há outras histórias não oficiais que comprovam que houve jogos de futebol em terras brasileiras praticados por estrangeiros a fim de agradarem a Princesa Isabel em 1886. Mas o fato é que o brasileiro não só profissionalizou o futebol como o incorporou à sua cultura popular.

Entretanto, no futebol, a predominância – no Brasil e no mundo – é masculina. Segundo Stein (2015), o futebol feminino começou lutando por direitos iguais entre mulheres e homens. Afirma que o termo “torcer” nos estádios brasileiros surgiu graças às moças que, nervosas, torciam seus lenços durante os jogos de 1920. Na *Dinastian Han* da China Imperial, na França Medieval e na Escócia do século XVIII, as mulheres já se movimentavam no esporte. Em 1881, em Edimburgo, houve o primeiro amistoso feminino entre Inglaterra e Escócia. Mas em um reencontro em *Glasgow* no mesmo ano, as mulheres foram impossibilitadas de jogar, pois os homens que estavam no estádio invadiram o campo obrigando as jogadoras a fugirem. Só em 1892 houve jogos femininos referendados pela federação escocesa, apesar da discriminação masculina ter sido fortíssima, bem como a da imprensa. As grandes pioneiras do futebol, como Mary Huston, surgiram em 1894 juntamente com a luta pelos direitos das mulheres, não apenas nessa área, mas também. O primeiro time feminino registrado na história foi o *British Ladies Football Club*.

Apesar de lutarem por direitos das mulheres em assuntos além do futebol, o primeiro time inglês feminino durou apenas dois anos, e times com mulheres só voltaram a ter notoriedade durante a Primeira Guerra Mundial, com a finalidade de entreter a população e disciplinar as trabalhadoras. Entretanto, com o final das grandes guerras, o futebol feminino voltou ao ostracismo, tendo repercussão e sustentação só a partir da década de 1990,

principalmente com a criação da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 1991, na China.

No Brasil, o futebol para mulheres também foi (e ainda é) alvo de críticas e preconceitos. Segundo Oliveira (2011), nos anos de 1908 e 1909 houve jogos mistos em terras brasileiras (homens e mulheres em campo). Acreditou-se por muito tempo que em 1913 houve a primeira partida de futebol feminino no Brasil, mas segundo Oliveira (2011), descobriu-se depois que se tratava de jogadores do *Sport Club Americano*, que foi campeão paulista naquele mesmo ano, jogando vestidos de mulheres. Assim, só em 1921 houve a primeira partida em São Paulo, com times paulistas durante festas juninas sob forte crítica da imprensa. Vinte anos após esse evento houve a primeira mulher a apitar um jogo masculino no Brasil.

Segundo Pardo (2017), em 1940, as famílias conservadoras brasileiras lutaram – e conseguiram – que um decreto-lei de nº 3.199/41 durante o Estado Novo impedisse a prática do esporte por mulheres sob alegação de que tal prática (bem como pólo, halterofilismo e lutas) era incompatível com a natureza feminina, sendo revogada apenas em 1979. Em 1982 é criada a equipe *Radar*, vencedora de vários títulos nacionais e internacionais, servindo todo o time à primeira Seleção Brasileira Feminina de Futebol, em 1988. Só em 1991 houve a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, vindo em 1996 a ser incluso, também, nas Olimpíadas, disputada em Atlanta.

Entretanto, após a Copa de 1991, o futebol feminino entrou em decadência, retomando o interesse público novamente em 1995, mas não pelas habilidades das jogadoras, e sim pela beleza. Tanto que, conforme Pardo (2017), imprensa e patrocinadores sugeriram a diminuição dos *shorts* e presença de modelos nos times, como a ex-mulher do jogador Ronaldo “Fenômeno”, Milene Domingues, e a ex-global Susana Werner. Mas é só nos anos 2000 que o futebol feminino no Brasil alavanca, sendo retomado o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino só em 2013. Conforme *Wikipédia* (2017), a seleção brasileira feminina de futebol possui vários títulos e vitórias, é considerada a melhor da América do Sul e vista como superior no mundo. Possui a melhor jogadora de todos os tempos, Marta, eleita seis vezes a esse título.

É importante ao analista de discurso ter conhecimento dos fatos históricos a fim de compreender as CPs, FIs e FDs que atravessam e constituem os discursos, especialmente os que estão em análise. Olhar para a história do futebol na análise desse meme mostra o quanto questões ligadas a gênero, ao conservadorismo, à política, ao papel da mulher na sociedade, à crença da ‘naturalização’ de práticas determinadas a homens e mulheres e à imagem

sensualizada da mulher, ao machismo e ao preconceito – dentre tantos outros – revelam que os discursos não costumam ser diferentes, mas sempre são parafraseados ao longo da história, havendo poucas mudanças, dado os atravessamentos sócio-históricos que constituíram esses discursos nos sujeitos ideologicamente. Saber que na história do futebol feminino brasileiro houve espaço para criação de decreto-lei que impedisse mulheres de jogar por ‘ferir a natureza feminina’ (lembrando o impedimento à prática esportiva por mulheres na Grécia) remete ao discurso conservador de viés religioso já aqui analisado, cuja ênfase está para o papel da mulher submissa como atitude sábia e de interesse divino; é observar que nesse evento histórico, à mulher ficou decretado papéis inferiores, como entreter populações durante a guerra, o que retoma o discurso da mulher fútil hollywoodiana e às questões místicas elencadas por Paglia (1992) quanto à mulher ser da terra e o homem, do céu, bem como o discurso da atleta futebolística que é sensual, não havendo interesse por seu conhecimento esportivo, e sim em sua beleza.

Já sobre a história do basquete, descobrimos que essa prática esportiva tem pouco mais de um século. Iniciou em 1891, depois de o professor de educação física James Naismith pensar em atividades para seus alunos durante o rigoroso inverno de Massachusetts, e que não fosse violento. Segundo Rondinelli (2017), após as criações e definições das regras para o jogo em 1892 pelo clube do professor Naismith, a ACM, e em 1932 oficializadas pela FIBA, hoje, o basquete é um dos esportes mais populares dos EUA. Como conta Silver (2016), o Brasil foi o primeiro país da América do Sul e o quinto país do mundo a conhecer essa prática em 1894, quando o professor americano Auguste F. Shaw foi convidado a lecionar no *Mackenzie College* de São Paulo. Pelo fato de o brasileiro ter abraçado o futebol um ano antes, e de as brasileiras não serem bem vistas com bolas nos pés, o basquete foi melhor recebido pelas mulheres que pelos homens. Mas apesar da resistência, foi montado o primeiro time masculino do colégio em 1896. As primeiras regras traduzidas para o português foram em 1915. Ainda conforme Silver (2016), nesse ano, a ACM do Rio de Janeiro realizou o primeiro campeonato sul-americano a pedido da ACM de São Paulo, cujo sucesso foi imenso, criando-se a Liga Metropolitana de *Sports Athletics*, oficializado em 1919 com vitória do Flamengo.

O basquete entrou para os Jogos Olímpicos em 1904, mas só se tornou oficialmente olímpico em 1936, nos jogos de Berlim, conforme Antônio (2012). A primeira seleção brasileira masculina foi composta em 1922 sob direção de Fred Brown e sagrou-se campeã nos Jogos Latino-Americanos. Afirma Junior (2005) que o basquete masculino brasileiro

participou da edição dos jogos de Berlim, ficando em nono lugar, enquanto o feminino estreou apenas nos jogos de Montreal, em 1976.

Segundo Peil (2002), o basquete feminino teve início análogo ao masculino, já que o inventor americano, por priorizar a não violência nos jogos, achou-o adequado às mulheres. Entretanto, conforme Feitosa e Almeida (2011), a também professora de educação física Senda Bereson adaptou as regras do esporte para as mulheres, pois, segundo ela, o basquete era visto como um esporte masculino em sua origem, e as mulheres poderiam masculinizar-se com tal prática. Em 1905, a revista *Ensino* publicou um artigo de autoria de Carolina G. Smith explicando as regras do jogo e os benefícios desta prática às mulheres, e foi reimpresso em 1911 em folheto pela *Editora Siqueira*. Com a publicação do livro *Jogos Gymnasticos*, os autores Estevan Lange Adrien e José Campos Camargo apresentaram todas as regras do jogo especificamente para as mulheres. Ainda conforme Peil (2002), o técnico Moacyr Daiuto, que dirigiu a seleção brasileira masculina nas Olimpíadas de Londres de 1948, conquistando o bronze de modo ‘heróico’, também acreditava que o basquete era um esporte autenticamente feminino justamente pela inibição da violência durante os jogos. Entretanto, o primeiro campeonato feminino só foi realizado no Brasil em 1940, e apenas seis anos mais tarde é que a seleção feminina participou dos jogos sul-americanos, ficando em segundo lugar. O primeiro mundial de Basquete Feminino foi realizado no Chile em 1953.

Quando analisamos as FDs do basquete, percebemos que, apesar de as CPs terem sido favoráveis a ambos os sexos, as mulheres continuaram à margem da prática, destacando-se mais tarde que os homens. Mesmo que, ideologicamente, o esporte fosse, desde o seu surgimento, dedicado às moças por ser considerado não violento e propenso a não masculinização da mulher (retomando, igualmente, ao discurso grego sobre a participação das mulheres em esportes), a modalidade feminina atingiu o seu ápice décadas mais tardes que a masculina. Mostra-nos, essa realidade histórica, que o basquete também foi atravessado pelo discurso machista de que o esporte não era bem visto como prática ideal às mulheres, consideradas ‘sexo frágil’, conforme Flor (2011).

O discurso do sexo frágil, para Verona (2012), pauta-se em conceitos médicos. Segundo ela, os médicos oitocentistas brasileiros (período similar ao nascimento do basquete) dedicaram-se demasiadamente sobre a medicina da mulher, posto que, nesta época, o número de ensaios nesta área eram muito superiores aos dos homens. Afirma ainda que esse interesse estava atrelado aos fatores reprodutivo e sexual femininos, compreendido neste período histórico como algo natural à mulher. Reitera, ainda, que as mulheres eram vistas como

suscetíveis e mais excitáveis que os homens, colocando – os homens – muitas vezes, em situações de risco. E justifica que (2012, p. 315)

Os médicos encarregaram-se de formular um rol extenso de diferenças entre os sexos, calcadas na “cientificidade” e, para tanto, recorreram a explicações orgânicas, fisiológicas, etc., que explicitassem e justificassem as características desiguais entre homens e mulheres. A inferioridade das mulheres é legitimada por argumentos que exprimem um desenvolvimento marcado por várias fases críticas, muitas vicissitudes e uma longa série de “revoluções tumultuosas” que as colocam em circunstâncias desfavoráveis em relação aos homens”

Já para Souza (2002), o discurso da mulher fragilizada em relação ao homem nasce da naturalização da violência para com a mulher a partir da concepção histórica de um suposto direito dos homens sobre as mulheres. Conforme aqui já dito, para Souza (2002), a religião foi a maior responsável na construção hierárquica simbólica do homem sobre a mulher, inferiorizando-a e secundarizando-a socialmente, tornando esta concepção ‘sacramentada’ pela Igreja e tomada por verdade até os dias atuais. Quanto a isso, Saffioti (1987) afirma que a constituição dos papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres brasileiros são delimitados, precisamente, na concepção de gênero, posto que, tradicionalmente, a socialização e educação dos filhos é tarefa imposta à mulher, mesmo que ela possua um trabalho remunerado. E, como é costume do ser humano elencar socialmente aquilo que lhe pareça natural, é naturalizado, assim, a discriminação contra a mulher através da legitimação da ‘superioridade’ masculina. Em outras palavras: a sócio-historicidade atravessada ideologicamente por discursos de superioridade masculina, fosse pela ciência, pela religião, pela filosofia ou pelo esporte, legitimou e ratificou um discurso machista de que o homem é superior à mulher, sendo ela de um sexo mais frágil, fosse por razões biológicas, físicas ou psíquicas, fosse por questões religiosas ou sexuais. Portanto, não é de estranhar que as mulheres, ao longo dos séculos, fossem excluídas e marginalizadas de atividades compreendidas masculinas, dada a justificativa de superioridade *versus* inferioridade. É, portanto, como afirmou Foucault (1999), o discurso um meio pelo qual se luta pelo poder que desejamos ter. Assim, o discurso de superioridade masculina é um discurso de poder que atravessa os sujeitos ao longo de seis milênios.

Conforme Brandão (2012), o sujeito só o é quando está inteirado ao outro. Para Pêcheux (2014), o sujeito, em AD, não é apenas aquele que se sabe sujeito (eu, professor, eu, dona de casa, por exemplo), mas o que é interpelado/constituído sob a evidência da

constatação. Ou seja: para Pêcheux, o sujeito é ideológico porque é a ideologia que dá condições de distinguir “o que é isso”, “quem é você” através das FDs e FIs que determinam os sujeitos. Assim, pensar que “a vida da mulher estava determinada pelas formas sociais” (Cidade, 2004, p. 8) e, por isso, deixada à parte da vida esportiva, é equivalente a dizer que as CPs formuladas mediante ideologia e sócio-historicidade próprias dos discursos em torno da mulher e do esporte ao longo da história sempre enxergaram o gênero feminino como frágil, fraco e inapropriado à vida esportiva, vista como exclusivamente masculina. E este discurso ainda atravessa os sujeitos atualmente, podendo ser visto, inclusive, neste meme em análise, já que à menina é designado o brincar de boneca (cuidados do lar e da família), enquanto ao menino é propiciado o jogar bola (prática esportiva).

Quanto às cores que compõem o universo do menino, sua camiseta é verde, cor que representa tranquilidade, dinheiro e equilíbrio. Essa cor também está presente no brinquedo. Segundo o *Dicionário dos Símbolos* (2017), o verde é uma cor representativa também para as religiões. Para os cristãos, representa *Epifania*, triunfo da vida sobre a morte. Segundo Heller (2013), as cores podem produzir muitos efeitos, às vezes contraditórios, a depender das ocasiões. Afirma, ainda (2013), que o contexto é determinante para causar sensações e sentimentos, sendo a cor não apenas um fenômeno ótico, mas também psicológico. A respeito dos homens, Heller afirma (2013) que o verde é a cor preferida deles, principalmente com o passar dos anos. Segundo ela, o verde é mais que uma cor, mas uma ideologia, um conceito de vida, remete à Natureza e, para os romanos, é a cor que representava Vênus; para os gregos, Afrodite. As cores brancas e listras azuis na bermuda e no brinquedo remetem à paz, tranquilidade, inocência, ao céu e à sabedoria. O fundo branco da fotografia, já aqui explorada, também mostra que essa criança brinca em um ambiente tranquilo, pacífico. O vermelho no aro da cesta de basquete comunica felicidade, é querida pelos meios publicitários e representa o amor, o ódio, a vida, a morte, o sangue, o fogo, a nobreza, o luxo, a política, o sexo, entre outros. O amarelo, como já dito, representa o ouro, o poder, a felicidade e a prosperidade. Assim, pensar nos efeitos de sentido que as cores discursam sobre o universo masculino no meme em análise é, também, analisar discursos que atravessam e clivam os sujeitos ideologicamente ao longo da história. São cores vivas, que simbolizam em sua maioria o poder, a nobreza, o luxo. Discursos que, historicamente, representam o poder e a superioridade masculina.

Percebemos, também, que o menino é branco, enquanto a menina, morena. Essa análise é precisamente importante, pois remete-nos ao discurso de raças. Conforme o IBGE, negros e pardos representavam 53,6% do povo brasileiro em 2014, enquanto brancos, 45,5%.

Entretanto, na parcela do 1% mais ricos, o branco representava 79%. Já entre os mais pobres, os brancos representam 22,8%, enquanto negros, 76%. Conforme Saffioti (1987), o patriarcado-racismo-capitalismo existente no Brasil privilegia, primeiramente, o homem branco, rico e adulto, seguido da mulher branca, rica e adulta. A mulher negra, nessa hierarquia, vem por último. Para Althusser (1985, p. 62), “todos os aparelhos ideológicos de Estado, sejam eles quais forem, concorrem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, relações de exploração capitalista”. Por ser um país colonizado por europeus e com forte herança escravocrata, o Brasil, ideologicamente, foi atravessado pelos séculos de história por uma cultura em que o branco é superior ao negro, sendo este útil àquele pelas razões que julgar necessárias através da exploração.

O Dieese publicou em agosto de 2013 uma pesquisa a respeito do perfil das empregadas domésticas no Brasil, na qual concluiu que, em 2011, 6,6 milhões de pessoas ocupavam tal cargo em território nacional, sendo 6,1 milhões mulheres. Destas, 61% são negras. Tal pesquisa encontra, como justificativa para tal fato, o passado escravista brasileiro. Para Saffioti (1987, p. 52), “[...] a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual”. Ou seja: se se pensar em privilégios de raça, o homem branco está no topo da pirâmide, enquanto a mulher negra (parda, morena, mulata), na base.

O discurso de raças é antigo. O botânico Carl Linnaeus (ou Carl von Linné), em 1758, classificou os seres humanos hierarquicamente em raças de acordo com a origem e a cor da pele. Foi ele também, conforme Buckeridge (2008), quem chamou-nos *Homo Sapiens*. Explica Munanga (2003) que o efeito de classificar e conceituar raças ajuda na operacionalização do pensamento, ou seja, para que nós consigamos ‘enxergar’ os indivíduos neste ou naquele grupo. Em AD, diríamos neste ou naquele estereótipo. Contudo, essa conceituação levou o ser humano ao racismo, já que Linné – afirma Schneider (2007) – catalogou os brancos como “inteligentes e engenhosos” (destaca o fato de Linné ter sido branco) enquanto os negros, “ardilosos e irrefletidos”.

É verdade que, a partir desses discursos já citados a respeito de raças, poderíamos fazer um longo percurso, desde a maldição de Noé a Cam – e que por muito tempo foi utilizado para justificar a escravidão negra<sup>25</sup> – passando pelos processos de colonização

---

<sup>25</sup> O deputado federal reeleito por São Paulo nas eleições de 2018 e pastor Marco Feliciano (PODE) afirmou em sua conta no *Twitter*, em 2011, que “Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é polêmica. [...]”. À época, seu comentário gerou muita repercussão. Pesquisas realizadas

européia, à *Eugenia*, termo cunhado por Francis Galton em 1833 que representava um método de controle social a fim de melhorar a qualidade racial de futuras gerações até chegarmos ao *Holocausto* no século XX, em que Hitler pautou-se no desejo da *raça ariana*, para explicarmos que, na maioria dos casos, o homem branco é superior ao homem negro, e o homem em si é superior à mulher, já que não apenas o falo e a força física importam para impor o poder, como também a cor de pele, conforme a *Enciclopédia do Holocausto* (2017). Assim, na contramão da luta pelos direitos humanos e igualitários, o meme em questão reforça o preconceito racial, a disputa de classes e a soberania masculina sobre a feminina, afinal, enquanto a mulher parda fica em casa cuidando dos filhos, o homem branco se diverte e se permite os luxos que as suas CPs lhe oferecem.

Assim, concluímos que esse meme constrói um *ethos* a respeito da menina/mulher conservadora e de menino/homem conservador a partir das perspectivas idealizadas pelos pais graças às suas sócio-historicidades e atravessamentos ideológicos. É verdade que, pelo texto escrito, podemos conjecturar que tal enunciado tenha sido proferido pela mãe dada a paráfrase do discurso feminista que nele é realizado (meus filhos, minhas regras). Entretanto, se pensarmos na dimensão familiar conservadora, também o homem, enquanto autoridade outorgada divinamente (haja vista ele ser comparado a Cristo em Efésios – e aqui citado – e ser, por isso, a cabeça da mulher) nada impede que, entre tantos efeitos de sentido, a hipótese de que esta fala tenha sido proferida pelo pai. Mas como aqui já dito, consideramos que este enunciado tenha sido proferido pela mãe dadas as várias análises realizadas e as conclusões a que chegamos: uma página dedicada às mulheres, que instrui as moças a um comportamento de submissão masculina e imitativa de Maria, que é responsável pela educação/formação da criança. Há, pois, um *ethos* de mãe construído discursivamente que nos leva a crer que tal paráfrase tenha sido realizada pela mulher. E é sobre esta construção e enunciado de que falaremos brevemente a seguir. Machado e Oliveira (2013, p. 5) explicam que

[...] por meio dos estudos discursivos, o *ethos* está sendo tratado dentro de modalidades distintas e não apenas a partir de discursos orais. É possível verificar tal conceito em diversos gêneros, pertencentes a várias esferas, nas quais a comunicação e a interação constituem papel fundamental.

É o que verificamos no meme em análise: apesar de não fazer parte de uma enunciação oral, o discurso a partir do gênero meme permite construções dos mais variados efeitos de sentido.

*Ethos* é uma palavra de origem grega cujo significado é “caráter moral”. Ela é usada para descrever o conjunto de hábitos e crenças que definem uma sociedade/ comunidade. A Antropologia trata *ethos* como costumes nos traços comportamentais do homem em sociedade. Na retórica, é um dos modos de apresentação do sujeito pelo discurso utilizado com fim persuasivo. É utilizado como componente de autoridade pelo orador a fim de influenciar os interlocutores através do enunciado. Por meio da fala ou da escrita, o orador se expõe, não intencionalmente, mas de modo inconsciente. Entretanto, será Ducrot (2013) quem integrará o *ethos* a uma conceituação discursiva. Para ele, o *ethos* se mostra no ato de enunciação, mas não é dito no enunciado, porque é algo notório, percebido. É fato concluir, pois, que, para Ducrot, *ethos* distingue-se dos tributos reais do locutor, já que caracteriza o exterior, e não o interior, a partir do discurso do locutor, posto que a experiência do destinatário não está atrelada à imagem em si do locutor, mas à sua própria sensibilidade. Isso se dá pelo fato de que a linguagem é polifônica e, por isto, os efeitos de sentidos produzidos a partir de ambiguidade linguística que os enunciados causam criam, também, diferentes formulações de *ethos*.

Para Charaudeau e Maingueneau (2012, p. 221), o *ethos* está atrelado à noção de imagem que o locutor tem de si, bem como o interlocutor tem previamente de determinado discurso, já que ele é, fundamentalmente, “um processo interativo de *influência* sobre o outro” (Maingueneau, 2008, p. 17). Ocorre, pois, neste processo, uma cena enunciativa, que acontece quando uma dimensão *construtiva* do discurso ocorre em um espaço *instituído* instaurado no próprio espaço de enunciação (Charaudeau, 2012). Para Guimarães (2013), a cena enunciativa não é unívoca, mas é preciso considerar que a relação de interpretação da cena enunciativa abre novas cenas. Por enunciação, compreendemos como um “acontecimento em um tipo de contexto (que) é apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas” (Charaudeau, p. 193). Já por enunciado, Foucault (2008, p. 98) explica:

[...] não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinitos de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral e escrita).

Ou seja: há, na construção de um *ethos*, um processo de enunciação que culmina em um enunciado. Assim, o *ethos* pré-construído nesse meme em análise fala sobre as circunstâncias em que uma criança deva ser criada sob as perspectivas conservadoras. A influência sobre o outro não está apenas no que concerne aos filhos (como criá-los, o que define menino e menina), mas também em como ensinar outros pais nesse processo educacional em uma cena enunciativa pautada na concepção de lar conservador cujo *ethos* feminino será de mulher, dona de casa e materna, enquanto o de homem, livre, independente, afeito ao esporte e superior tanto à mulher quanto às raças em geral, se ele for branco.

## 5.2. MEME PÁGINA QUEBRANDO O TABU

*“[...] a fantasia primitiva é uma estrutura que conjuga fenômenos psíquicos à questão das origens.”*  
 Ana Vicentini de Azevedo.



Figura 4: Meme página *Quebrando o Tabu*

Conforme já citado na metodologia dessa dissertação (p. 21), a proposta é analisar dois memes de viés conservador e dois que não sejam conservadores, a fim de considerarmos diferentes efeitos de sentidos a partir das CPs, das FDs e FIs nesse espaço midiático chamado *Facebook*. Portanto, o meme que agora iremos analisar trata-se de uma postagem não conservadora da página *Quebrando o Tabu*. A postagem foi realizada em 22 de maio de 2015 e, assim como no meme conservador, não há, da parte da equipe da página, nenhum comentário relevante a essa publicação. E é interessante observar a data da postagem, pois refere-se também ao mês de maio que, como já foi analisado, pertence ao mês das mães, das noivas e é dedicado à Maria.



Figura 5: Publicação do meme página *Quebrando o Tabu*

Na categoria denominada *sobre*, encontramos a seguinte frase que justifica a existência da página: “por um mundo mais bem informado e menos careta”. Está classificada como “empresa de mídias e notícias” e existe desde 1º de janeiro de 2011. Navegando nela, percebemos que as publicações giram em torno de assuntos cuja tônica é política: discussões sobre regulamentação das drogas e aborto, casamento homoafetivo, apoio a transexuais, adoção por pais homoafetivos, entre outros.



Figura 6: Categoria denominada *sobre* da página *Quebrando o Tabu*

Segundo a *Revista Trip on-line* (2016), a página foi lançada para divulgar um documentário homônimo sobre um assunto que é ainda considerado espinhoso à sociedade: regulamentação das drogas. Além das visões brasileiras, o documentário apresenta várias ações realizadas por alguns países a respeito da regulamentação. Lançado em junho de 2011 em Brasília, o trabalho conta com o elenco de Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República Brasileira; Dr. Drauzio Varella, médico brasileiro; o escritor brasileiro Paulo Coelho; o ator estadunidense Morgan Freeman; os ex-presidentes dos Estados Unidos, Bill Clinton e Jimmy Carter; o ator mexicano Gael García Bernal; a ex-presidente da Federação Suíça, Ruth Dreifuss; César Gaviria, ex-presidente da República Colombiana; Gro Harlem Brundtland, diplomata norueguesa; o ex-presidente mexicano Ernesto Zedillo e Ethan Nadelmann, ativista americano. Foi dirigido pelo brasileiro Fernando Grostein Andrade e pelo alemão Cosmo Feilding Mellen, com a produção do apresentador brasileiro Luciano Huck.

O texto que estampa o meme diz: “Você deixa seu filho brincar de boneca? Você não tem medo que ele vire... o quê, um pai?”. A princípio, podemos compreender que se trata de um diálogo entre duas pessoas. Pela construção enunciativa, podemos conjecturar que se trata de pessoas com ideologias diferentes, sendo (a priori) a que pergunta de um viés ideológico conservador, e a que responde, não conservador. Há, então, como afirmou Possenti (1995), uma conversa cujos enunciados funcionam como discursos contra-ideológicos. Esse texto é bastante interessante de ser analisado, porque há nele vários discursos atuais e que estão sendo discutidos em várias páginas de diferentes mídias sociais.

No enunciado “Você deixa seu filho brincar de boneca?”, percebemos um discurso autoritário somado a um estranhamento, já que, para aquele que pergunta, cabe ao responsável pela criança definir do que ela pode ou não brincar a partir de uma perspectiva aceita socialmente sobre o que é brinquedo/brincadeira de menino/menina. Esse estranhamento, segundo Jung (2000), é fruto de uma confrontação nossa-conosco por não conseguirmos compreender o valor do outro, o argumento que o outro possui. Quanto ao discurso autoritário, segundo Garcia (2012), representa a vontade de poder. Entre os possíveis efeitos de sentido, essa pergunta enunciada é atravessada por um discurso autoritário, e é assim compreendida graças à sua interdiscursividade, que para a AD, trata-se de memória discursiva. Conforme França (2016, p. 3), memória discursiva não tem a ver com lembranças pessoais, mas

[...] (é) concebida numa esfera coletiva e social, responsável por produzir as condições necessárias de um funcionamento discursivo e, conseqüentemente, para a interpretabilidade de textos. A memória, então, é um espaço de retomadas de discursos anteriores [...] é, ainda, um componente balizador de um embate entre forças ideológicas que objetivam restabelecer os implícitos (pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos) e forças antagônicas que lutam para desestabilizar e desregular os já-ditos, por meio do que Pêcheux chamou de efeitos de paráfrase.

Assim, a posição-sujeito que profere o enunciado nessa cena discursiva mostra que, em sua memória discursiva, o já-dito a esse respeito é que meninos não brincam de bonecas, mas meninas. Meninos que brincam com bonecas podem criar um alerta (que é proferido no segundo enunciado: “Você não tem medo que ele vire...”) em seu meio social. Contudo, é interessante perceber que os meninos, ao brincarem com as bonecas, causam o embate discursivo, proferindo as paráfrases, já que, ao longo da história, há, também, um discurso pré-construído de que bonecas não eram destinadas apenas às meninas, mas igualmente aos meninos. Esse é, então, o embate ideológico de que fala França (2016).

Diante dessa FD (boneca é para menina, e não menino), decidimos investigar a origem desse brinquedo e seu percurso na história. Segundo Emília (2009), o surgimento da boneca é tão antigo quanto a vida do homem na Terra. Já na pré-história se tem notícia de sua existência. Afirma Aranha (2016) que, desde a origem do homem, esse brinquedo o acompanha. Mas, objetivamente, as primeiras bonecas de que, de fato, temos notícias, são do Egito Antigo, há 2 000 a.C. e, entre as suas funções, estava a de substituir parentes escravos que eram enterrados vivos com os reis. Já na Grécia Antiga, as mulheres consagravam suas bonecas à deusa Afrodite quando estavam próximas de se casarem. Entretanto, foi no século XVIII que passou a ser vista como brinquedo e confeccionada com mais ardor. Afirma ainda que, no Japão, até os dias atuais, crê-se que uma boneca em companhia de uma criança enferma tem o poder de ‘levar a doença embora’. Também em nossos dias, em tribos africanas, como os *Cuanhama*, ao descobrirem que estão grávidas, as mulheres carregam bonecas à cintura. Já entre os indígenas brasileiros *Carajás*, apenas mulheres e crianças podem manipulá-las.

Diante de tanto paganismo em torno desse objeto, a Igreja Católica perseguiu as bonecas, queimando-as na fogueira da Inquisição. Segundo Murphy (2004), a Igreja chegou a fabricar bonecos para serem queimados representando os que arderam ‘à revelia’. Também Martinho Lutero, no século XVI, condenou esse brinquedo (que, nesse período, era destinado aos adultos) alegando frivolidade. Certamente não contava, tal reformador, que em

comemoração aos 500 anos da Reforma Protestante, a *Playmobil* (*O Globo*, 2015<sup>26</sup>) lançaria bonequinhos em sua homenagem, cuja venda de mais de 30 mil bonecos em 72 horas foi considerada a de maior sucesso na história da empresa.

Conforme Cruz (2011), originalmente, as bonecas foram inspiradas em estatuetas e imagens de cunho religioso, sendo vistas como objetos sagrados. Já na Idade Média, esse brinquedo era destinado tanto a adultos quanto a crianças de ambos os sexos, posto que neste período histórico não havia divisão de idades, sendo o infante já considerado adulto a partir dos 7 anos. Com a Revolução Industrial e o surgimento do “sentimento de infância”, as crianças foram afastadas dos adultos, a escola foi introduzida como processo formador, e bonecos e bonecas passaram a ser designados próprios para essa fase da vida. Surgem, então, bonecas bebês, cuja função estava em simbolizar o ser humano e a maternidade, e suas confecções já não eram de madeira, mas louça, ideia vinda da China; as bonecas manequins, cujo objetivo era mostrar o mundo adulto; e os bonecos figuras de ação, criados no século XVII, como soldadinhos de chumbo, voltados para o público infantil masculino. Thomas Edison inventou também a boneca falante, que inspirou Jumeau a fabricá-la (Aranha, 2016).

O que a história mostra, entretanto, é que a concepção cristã de o homem criado à imagem e semelhança de Deus (visto em Gênesis 2) fez também com que esse mesmo homem criasse bonecos à sua imagem e semelhança. Nos contos de fadas, o maior representante dessa feita a que temos contato no Ocidente é Gepeto, de *Pinóquio*. Criado da madeira, o sonho de seu criador pautava-se em dois desejos: que ele fosse humano e lhe fizesse companhia. E não só um mero humano, mas seu filho. Ou seja: Gepeto queria um filho à sua forma, que existisse conforme suas perspectivas. Percebemos, então, que os discursos se atravessam e se constituem em sua sócio-historicidade, mostrando-nos que a boneca não surge apenas como um objeto de entretenimento, mas com teor sagrado e função humana (servir de companhia). É o ser humano criando e recriando-se enquanto a produz e definindo, conforme vimos no meme anterior, o que a criança será, do que brincará, como se portará, entre outros.

Entretanto, a dicotomia reinante nesse discurso – e também no discurso do meme anterior analisado, brinquedos próprios para meninos e meninas – remete-nos, novamente, à discussão acerca do discurso de gênero. Segundo Beauvoir (1970, p. 10), “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo [...] o homem é o Sujeito; o Absoluto; ela é o Outro.” Ou seja: para a feminista francesa, as caracterizações sociais em torno do que é próprio para mulher e o

---

<sup>26</sup> O *link* para acesso à reportagem consta nas referências bibliográficas, p. 161.

que é próprio para o homem se deu a partir do olhar masculino para o feminino, e não o contrário. Assim, com a chegada do pensamento sobre a infância, aos poucos, essa separação entre meninos e meninas, as cores que lhes definem, os gestos que lhes pertencem e os brinquedos que devam brincar, ficou cada vez mais evidente. É certo, para a AD, que os discursos não são novos, e exemplos aqui dados de tribos africanas e indígenas, bem como os da Grécia Antiga – entre outros – mostram que desde a sua criação, por ter essa caracterização infantilizada, as bonecas logo foram associadas à maternidade, algo específico da mulher.

Conforme Junges (2014, p. 19), “não nascemos com um gênero determinado, produzimos o gênero e somos por ele produzidos.” Essa produção se dá não apenas no campo discursivo, mas em práticas, métodos e ações que executamos diariamente na formação da criança. Afirma, ainda (2014, p. 20), que “as crianças nascem imersas em uma sociedade marcada pelas diferenças e, caso ela não siga estas marcas, ela será vista de uma maneira diferente, irá fugir deste padrão imposto esperado em relação a essa criança.” Assim, se formamos um menino, imediatamente valemo-nos da FD ‘menino’, e a ele proporcionamos CPs que julgamos próprias de menino: carrinhos, aventuras, incentivo ao encorajamento etc. Se formamos uma menina, as CPs são outras: que seja delicada, pratique balé, brinque de boneca etc. Contudo, para Butler (2003, p.24-25),

[...] mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual gênero reflete o sexo ou por ele é restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.

Para exemplificarmos, citamos Longo (2015), que nos explica que, quando do lançamento da boneca Barbie, criou-se também o boneco *G.I. Joe*, chamado no Brasil de *Falcon*, para que os meninos pudessem brincar de algo ‘mais apropriado’ (bonecos com características masculinas, de herói, forte e imponente). Ele lembra que essa divisão social (meninas brincam de boneca, meninos, não) foi marcante nos anos 1990, quando lançaram os bonecos da saga *Power Rangers*. Alguns pais compravam para os meninos de todas as cores, com exceção dos *Rangers* rosa e amarelo, pois na saga, eram meninas. Segundo Pinto (2017),

o preconceito que determina que meninos não deveriam brincar de bonecas está em um discurso secular de divisão de gêneros. Afirma ainda que

[...] continua a existir uma vontade e necessidade de se colocar rótulos naquilo que é esperado de cada gênero, desde criança, seja na forma como nos comportamos em sociedade e no seio familiar, nas atividades que gostamos de fazer, nas escolhas para o futuro. Em parte, isto também explica porque teimamos em dar carrinhos, bolas e miniaturas de materiais de construção aos garotos, enquanto que às garotas a escolha habitual – e igualmente pouco refletida – vai para cozinhas em miniatura, tiaras de princesa e bonecos ao gênero bebê chorão.

Essas formações se dão, conforme afirmou Althusser (1985), de modo ideológico, já que a família pertence a um AIE, e sua ação é determinada pela ideologia. Não que não possa haver repressão, já que para Althusser (1985) nenhum AIE é puramente ideológico, mas também repressivo, mesmo que no limite. Assim, é compreensível refletirmos sobre um discurso autoritário, repressivo, e não apenas classificatório quanto ao que crianças possam brincar a partir de uma designação de gênero.

O enunciado seguinte diz: “Você não tem medo de que ele vire...”. Percebemos a presença do discurso do medo. Conforme o *Dicionário Online de Português* (2017), medo significa:

Estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo; aquilo que provoca essa consciência. Sentimento de ansiedade sem razão fundamentada; receio. Grande inquietação em relação a algo desagradável, a possibilidade de um insucesso. Comportamento repleto de covardia”.

Segundo Vanier (2006), Freud catalogou o medo como angústia em 1895, e durante a Primeira Guerra, classificou o medo e a angústia em três categorias: angústia, medo e pavor. Para esse último, Vanier afirma (2006, p.288) que o pavor “é efeito de um perigo [...] que é marcado pela surpresa”. Isso posto, fica-nos compreensível a surpresa do locutor que pergunta ao interlocutor diante de meninos brincando de boneca, bem como o medo que conjectura hipóteses de que ele possa se tornar aquilo que, socialmente, ‘não está’ designado para ser, não pertence ao seu gênero.

Segundo Afonso (2017, p. 117), “o medo é o mais básico de todos os sentimentos e a ele está associado intrinsecamente o instinto de sobrevivência”. Afirma, ainda, que enquanto para as metodologias, teologias e racionalizações, o medo é algo a ser evitado, é

obscurantizado, Heidegger compreende o medo como algo a ser buscado, pois é no desconhecido, no obscuro que se pode encontrar a essência humana. Ir ao encontro do medo seria uma espécie de superação de si. Para Donatelli (2015), o medo é próprio do campo conservador, e esse sentimento está atrelado a não compreensão das mudanças que a sociedade se propõe ao longo da história, e justifica que muitas políticas que atrasaram o progresso social e vitimaram grupos sociais nos séculos pelos conservadores justifica-se pelo medo. Em entrevista ao *Instituto Humanitas Unisinos*, o estudante e militante filiado ao PSOL Gustavo Rego (2013) afirma que o medo é conservador, e justifica-se ao dizer que o movimento conservador teme as massas e suas lutas sociais. Para Kamenetz (2017), o medo conservador é uma ação política utilizada há séculos a fins de manutenção do poder.

Contudo, o enunciado desse meme também pode, entre os ilimitados efeitos de sentido que o atravessam, compreender ironia. Conforme Bakhtin (2016, p. 297),

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra resposta de um modo mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos [...] porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera de comunicação [...] é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.

Sendo assim, cada enunciado já traz ao enunciador/enunciatório aquilo que outrora comentamos: a memória discursiva. Logo, não é impraticável que se compreenda, também, que esse discurso contenha ironia. Conforme Machado e Oliveira (2013, p. 5),

A ironia é definida como uma espécie de antífrase cujo sentido é captado por meio da polifonia nela presente, ou seja, o que há de fato, em um enunciado irônico é a presença de outro sentido que não apenas o literal. Um enunciado irônico tem o objetivo de dizer algo diferente do que foi dito e está sempre relacionado ao campo do humor, seja para dizer de forma depreciativa, polêmica ou mesmo séria. [...] trata-se de um recurso exigente tanto quanto ao papel do locutor como do interlocutor, pois requer meticuloso exercício por parte de ambos, no processo de identificação e apreensão dos efeitos de sentido.

Já para Alvarce (2009, p. 28), “o contraste entre a aparência e a realidade é o traço básico de toda ironia [...] que marca não apenas a ironia verbal, mas também a observável, pois, nesse último caso, se contrasta também uma incongruência”, que para Maliska e Souza

(2014, p. 2), enquanto efeito de sentido, a ironia é concebida “como um processo de desconstrução de sentido” do discurso legitimado. Assim, esse discurso ‘legitimado’, ‘naturalizado’ socialmente (nas CPs, FDs e FIs conservadoras) de que meninos não brincam de boneca, caso brinquem, poderão ‘virar algo’, é ironizado no meme em questão.

Segundo Machado (2014), a ironia é um paradoxo no meio de comunicação, porque traz em si mensagens com variados efeitos de sentido, que surgem de modo inesperado ao interlocutor. Em outras palavras: a ironia é o contrário do que se espera em um enunciado, por isso sua compreensão (efeitos de sentido) dependerá exclusivamente das CPs, FDs e FIs do interlocutor, e não da intenção de quem a profere.

Também interessa à AD analisar aquilo que, aparentemente, possa não parecer discurso. As reticências ao final de frase (“vire...”) é, também, discursiva. Conforme Brun (2017, p. 365), “os *sinais gráficos* também são recursos retóricos muito empregados como estratégias discursivas”, e a depender do contexto, as reticências imprimem ‘ar de suspense’ ao enunciado. Para Hartmann (2007), as reticências são formas de acréscimo configurando ‘voz’ ao discurso, um acréscimo virtual, uma pausa e um silenciamento discursivo quando da impossibilidade de dizer. Conforme Furlanetto (2009, p.2), a pontuação marca, no texto, o ritmo do dizer e não dizer. E especifica que

A pontuação se oferece como um movimento cuja materialização é o jogo de sinais que conhecemos (e que se amplificam mais e mais) – movimento que, trazendo consigo recortes interdiscursivos, se dá como textualização (linearização), para formular o formulável: no jogo de fechamento de uma frase possível, e no jogo coordenado de fechamento possível de um texto (com suas camadas). É claro que esse movimento não é resultado de um processo meramente gramatical – daí que se põe em xeque as tentativas de promover a ordenação das frases no regime do texto, e a necessidade de esperar o discurso (a ordem do discurso) para além dessa formulação.

Ou seja, quando a lemos, ‘ouvimos’ a voz do enunciador que a produz. No caso do meme em questão, ao lermos “você não tem medo que ele vire...”, percebemos a voz que deixa em suspenso, de modo opaco, possibilidades de efeitos de sentido que serão remetidas em nossa memória discursiva. Tal jogo discursivo se dá devido às reticências que, nesse silenciamento, levanta variadas significações, a depender dos atravessamentos discursivos, das FDs e FIs do interlocutor, que compreenderá diferentemente da ‘intenção’ do dizer. Pois, para a AD, o discurso está materializado no texto, constituído em sua sócio-historicidade e

marcado ideologicamente, operando nos sujeitos as mais diferentes interpretações, como as que aqui foram levantadas, por exemplo: discurso autoritário, de gênero, ironia, espanto.

O enunciado seguinte é uma resposta travestida de questionamento: “o quê, um pai?”. A ironia presente é um pressuposto discursivo chamado pergunta retórica. Conforme Araújo e Freitag (2010, p. 323), “a pergunta retórica é feita pelo falante, mas não é respondida, nem pelo ouvinte, nem pelo falante; é uma pergunta que não requer resposta”. E não requer, pois, ao realizar a pergunta, a resposta já está dada, explicitada, mesmo que de maneira implícita. Para Antonio e Barbosa (2012, p. 192), “as perguntas retóricas exercem funções discursivas”; compreende Pereira (2015) serem tais funções como, entre outros, a ativação/reactivação da memória e construções de paráfrases. Devemos lembrar, entretanto, que essa memória ativada/reactivada, para a AD, não é aquela de que temos lembrança de situações passadas, mas aquela que forma o discurso em nós, que nos constitui sujeitos através da história de modo ideológico. Ativa-se e reativa-se a memória discursiva.

Ao observamos a imagem, notamos que as crianças estão em um ambiente familiar, como um cômodo de uma casa (sala ou quarto). As paredes trazem cores claras, e como já foi abordado na análise do meme anterior, as cores são discursivas. É verdade que, conforme afirmou Guerra (2016), a avaliação humana a respeito da cor sempre será subjetiva, dependerá de aspectos culturais que compreendam a cor de determinado modo, e que, no universo digital, mesmo em circunstâncias perfeitas, não existe cor pura, já que, devido à interpolação, sempre haverá *pixels* diferentes de cores num espaço, inclusive o espaço vermelho. Cientes disso, analisaremos as cores a partir do que elas nos parecem, já que, conforme Orlandi (2009), é o analista quem dispõe, a partir de suas práticas de leitura e trabalho interpretativo, do dispositivo analítico.

Assim, o uso das cores claras nas paredes evidenciam a singeleza de um ambiente harmônico e caseiro. A almofada em vermelho se destaca, cor que, segundo Heller (2013), é, supostamente, a primeira cor que um bebê enxerga e pronuncia logo que começa a ser perguntado sobre cores, mesmo que esta não seja a sua favorita. É também a cor que evidencia o sangue, o fogo, o amor e o ódio. No meme em questão, o vermelho supõe um lar amoroso. Há, também, almofadas em rosa e branco que não se destacam tanto quanto a vermelha, mas que são cores que enfatizam harmonia e pureza. Contudo, outra almofada que se destaca é a de uma coruja. Segundo Macedo (2016), a coruja, para a Mitologia Grega, é associada à sabedoria. Já na Mitologia Celta, essa ave é relacionada ao início do ciclo da vida e da morte.

Na FD brasileira, coruja tem a ver com a expressão *mãe coruja*, criando o sentido de alguém que está disposta a tudo fazer pela sua prole. Tal expressão surgiu após Monteiro Lobato divulgar a fábula criada por La Fontaine chamada *A coruja e a águia*, conforme Costa (2011). Reza a história que a coruja e a águia fizeram um acordo de nenhuma delas comerem os filhotes umas das outras. Ao pedir que fosse descritos como eram seus filhotes, a coruja os definiu como algo belíssimo, mas que assim não foi visto pela águia, que os devorou. Logo, essa expressão carrega sentidos de que o amor de mãe é puro, verdadeiro e que vê apenas o belo em suas crias, mesmo que isso só seja visto por ela. Essa expressão também é usada para pai, avós e outros membros da família que tratam seus entes com esmero sem enxergar neles defeito algum. Assim, é compreensível que a coruja esteja presente nesse meme, já que os pais buscam quebrar estereótipos sobre maternidade/paternidade, anseiam por ensinar os seus filhos um modo diferenciado em sua criação e não notam mal algum que as crianças divirtam-se com bonecas, simulando aquilo que farão na vida adulta, caso queiram.

E não entendem como mau a brincadeira de boneca entre meninos, porque, como vimos nas páginas anteriores, as bonecas foram criadas à imagem e semelhança do ser humano, eram brinquedos designados a todos os gêneros e, entre as suas funções, está a preparação para a vida adulta, em específico, no tocante à paternidade. Para Moreira e Borges (2010), as duas religiões que formaram nossa civilização (judaísmo e cristianismo) potencializaram duas visões: aquela sobre o papel do pai, e esta sobre o papel do filho. Para eles, Freud compreende que a paternidade é um campo espinhoso para o homem, já que se efetiva sua castração, diferentemente para as mulheres quando da chegada dos filhos, em que a castração é uma realização. Assim, para eles, “a consequência da consolidação do pensamento judaico-cristão é que a paternidade fica referida e encarnada numa pessoa”, oposto a de um sujeito de sociedades tribais sendo não pertencente aos pais, mas ao grupo. Aragão e Ramirez (2004), por sua vez, explicam que Lacan compreende o sujeito pai a partir da análise do mito de Édipo como aquele que auxilia na castração da relação mãe-filho, apresentando a lei através da privação. Conforme Freitas, WMF *et al* (2009, p. 86), as transformações sociais, principalmente decorrentes da década de 1960, trouxeram mudanças na visão patriarcal. Assim, a inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente em profissões tidas antes como masculinas, fez com que os homens também repensassem sua função paterna. Afirmam ainda que “a visão “engessada” da paternidade que impedia o homem de participar da vida doméstica passa a ser vista dentro de um contexto social que gerou modalidades diversas de ser pai, além de indicar “o declínio do patriarcado e as mudanças nas relações parentais [...]” Logo, repensar a paternidade é também repensar a

criação dos filhos, a interação que farão com brinquedos, a forma como enxergarão o mundo e as relações em torno da maternidade/paternidade, questões ligadas a gênero, entre outros.

Conforme a imagem do meme 5.2 (p. 77), as crianças são dois meninos brancos que aparentam alegria e uma singela timidez ao brincarem com suas bonecas. Trazem-nas rente ao peito, num gesto de cuidado e proteção, como se segurassem bebês reais. Inclusive, as bonecas usam fraldas descartáveis, e os ‘pais’ seguram fraldas de panos, que costumeiramente são utilizadas para socorrer a criança ainda nessa fase em diferentes situações. Apesar de passar uma imagem ‘desconstruída’ a respeito da paternidade, o meme traz algumas características que ainda compõem nossa sociedade, como alguns privilégios a determinados grupos sociais.

Os bebês impressionam por serem hiper-reais, e essa percepção através da imagem se dá pela mobilidade deles, como se pode verificar nos pés e nos dedos. Esse tipo de boneca é conhecida como *Reborn* (do inglês, renascido) e seus valores alternam entre R\$370,00 a R\$20.000,00<sup>27</sup>. Conforme o *site Arte Reborn*, essa arte surgiu na Alemanha após a Segunda Guerra pelas mães que reformavam as bonecas para que suas crianças brincassem, e foi aprimorada a ponto de os detalhes do processo de criação impressionarem grandemente, como unhas, dedos, olhos. Os materiais utilizados são de altíssima qualidade, com kits de vinil ou silicone. Conforme Menezes (2017), muitos desses bebês são comprados por mulheres de todas as idades que desejam viver/reviver sua maternidade<sup>28</sup> de modo real, nomeando os bonecos, dando-lhes roupas de bebês e utilizando todos os recursos que um bebê humano utilizaria. Afirma, ainda, que há ‘pais *reborn*’, mas é minoria. Mulheres que têm filhos pequenos também possuem tais bebês. Há, também, um bom número de colecionadores dessa boneca, bem como aqueles que a encomendam com as feições dos filhos quando bebês, para guardarem de lembrança.

Fica-nos claro que esse tipo de brinquedo, dada sua forma de criação, valor e função, não é para todas as classes sociais, muito menos para crianças. Esse é, então, um brinquedo (*hobby*) para adultos. As crianças que dele podem desfrutar são de um grupo seletivo, dando-nos a possibilidade de compreender que o brinquedo, talvez, nem lhes pertença, mas aos pais. Apesar de a página propor uma desconstrução da paternidade e da educação infantil, propondo aos meninos brincadeiras naturalizadas para meninas (bonecas), o brinquedo

---

<sup>27</sup> Conforme pesquisa realizada em 06 dez. 2017 no *site Google Shopping*, disponível nas referências, p.144.

<sup>28</sup> Mulheres comentam sobre essa maneira diferenciada de enxergar a maternidade em redes sociais como a que analisamos nesta dissertação, o *Facebook*. Segundo Menezes (2017), existem páginas *reborn* com quase meio milhão de seguidores em todo o mundo. Afirma que, no Brasil, há mais de 1,3 milhões de mulheres ‘mães *reborn*’.

presente no meme não é acessível a qualquer criança, além de esse ser direcionado, principalmente, a adultos. Também é fato de que possuir esse brinquedo exige recursos financeiros próprios de uma minoria, já que, além da boneca, há vendas de todos os utensílios próprios a um bebê real, como berços, carrinhos, cadeirinhas, chupetas, mamadeiras, entre outros, e a obtenção de tais objetos não está, também, à disposição de toda a sociedade para fins de entretenimento. Assim, esse meme mostra que exercer a paternidade tal qual brincam esses meninos exige pertencimento a um determinado *status* social, o qual, certamente, é ocupado, majoritariamente, por homens brancos.

Observamos, na análise dos dois memes, sendo o primeiro conservador e o segundo não conservador, a presença dos mais variados discursos: formação familiar, gênero, religioso, educação dos filhos, vocacional, maternidade *versus* paternidade, feminismo, patriarcado, machista, direitos igualitários, esportista, poder, superioridade, raça, autoritário, medo, política, entre outros, que juntos formam um *ethos*. Contudo, se bem observamos, esse *ethos* construído não é purista nem neutro, mas ‘passeia’ entre os discursos. E isso é compreensível, pois, para a AD de linha francesa, não há discurso neutro nem puro. Logo, perceber que os discursos se entrecruzam e se constituem mostra que a memória discursiva presente neles, os atravessamentos ideológicos em sua sócio-historicidade, as FDs e FIs e as vozes heterogêneas cristalizam discursos preconceituosos até mesmo em lugares discursivos cuja tônica esperada não deveria ser essa, como vimos na análise deste último meme, em que a visão paterna ‘desconstruída’ prossegue sendo para brancos.

5.3: MEME PÁGINA *FANPAGE* APOIO POLICIAL

*“Todos os homens se apegam a algum tipo de justiça, mas a concepção de cada um é imperfeita e não expressa a ideia completa.”*  
Aristóteles.

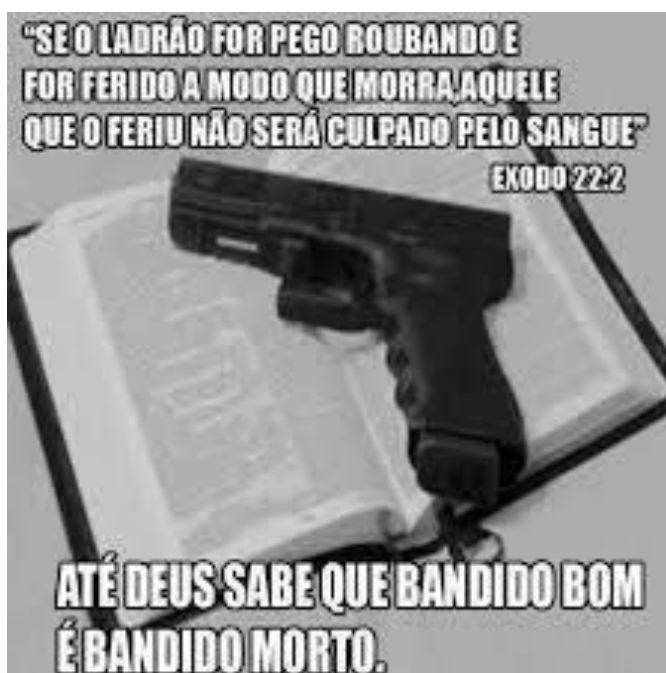


Figura 7: Meme página *Fanpage Apoio Policial*

O meme que agora será analisado foi retirado da página *Fanpage Apoio Policial* no *Facebook*, publicado em 8 de outubro de 2014, três dias após o primeiro turno das eleições presidenciais no País e momento em que as discussões relacionadas ao *Estatuto do Desarmamento* estavam muito presentes nas redes sociais. Assim como vimos em outras publicações, essa também não traz nenhum tipo de comentário por parte dos organizadores a respeito do meme em si, apenas um convite a seguir a página *Apoio Policial II* e uma marcação do texto em nome de duas pessoas.

Na categoria denominada *sobre*, a página é definida como aquela cuja missão é apoiar os policiais de todo o Brasil e mostrar o que ocorre na vida profissional deles através de imagens e vídeos que são omitidos pela mídia. Nesse espaço, também indicam um *link* de um

canal no *YouTube*<sup>29</sup> pertencente à página. Os donos pedem aos leitores que se inscrevam no canal, a fim de se atualizarem sobre a rotina policial. Com 136.222 mil inscritos<sup>30</sup>, o canal traz vídeos do cotidiano da polícia, como reação a assaltos, capturas, entre outros. O vídeo que está estampado nesse trabalho, chamado *Policial reage a assalto e alveja criminosos*, postado em 1º de janeiro de 2014, por exemplo, recebeu mais de 15 mil curtidas, 2.353 comentários<sup>31</sup> e mais de 6 milhões de visualizações. É notório que as imagens foram feitas de modo amador pelo celular ou uma câmera de filmagem não profissional.

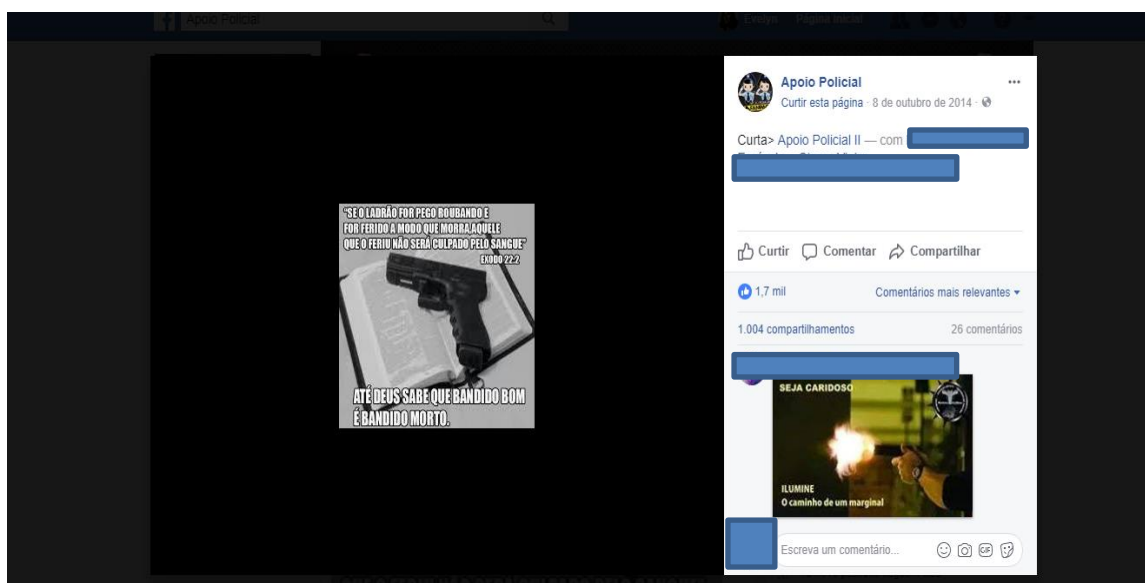


Figura 8: Publicação do meme página *Fanpage Apoio Policial*

Ao navegarmos pela página, percebemos que há nela, em média, 784 mil seguidores<sup>32</sup> e postagens que giram em torno de assuntos ligados à violência; críticas ao que compreendem ser Direitos Humanos; a dicotomia polícia *versus* ladrão; a ‘justiça’ realizada por policiais quando executam bandidos a partir do que entendem ser legítima defesa, entre outros.

As fotos publicadas trazem crianças vestidas de policiais ou os homenageando; personagens midiáticos que apoiam corporações e criticam medidas de socialização de criminosos, como a jornalista Rachel Sheherazade; citações do – à época, deputado – Jair Bolsonaro, e do Coronel Ubiratan Guimarães que, conforme Garcia (2013), foi o responsável pela invasão de 330 policiais de São Paulo ao Complexo Penitenciário do Carandiru, em

<sup>29</sup> Site dedicado a vídeos de todos os tipos e que pode ser acessado gratuitamente. Também funciona como rede social, já que qualquer pessoa pode criar um canal e publicar vídeos de sua autoria e/ou de que goste.

<sup>30</sup> Essas informações são referentes à data da escrita deste texto (14 dez. 2017).

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Perfis que curtem a página.

1992, massacrando 111 presos. Apesar de condenado pelo júri popular a 632 anos de prisão pela morte de 102 vítimas em 2001, o coronel pôde responder em liberdade, sendo absolvido em 2006 e morto nesse mesmo ano pela sua namorada à época, que também foi absolvida por falta de provas.



Figura 9: Categoria denominada *sobre* da página *Fanpage Apoio Policial*

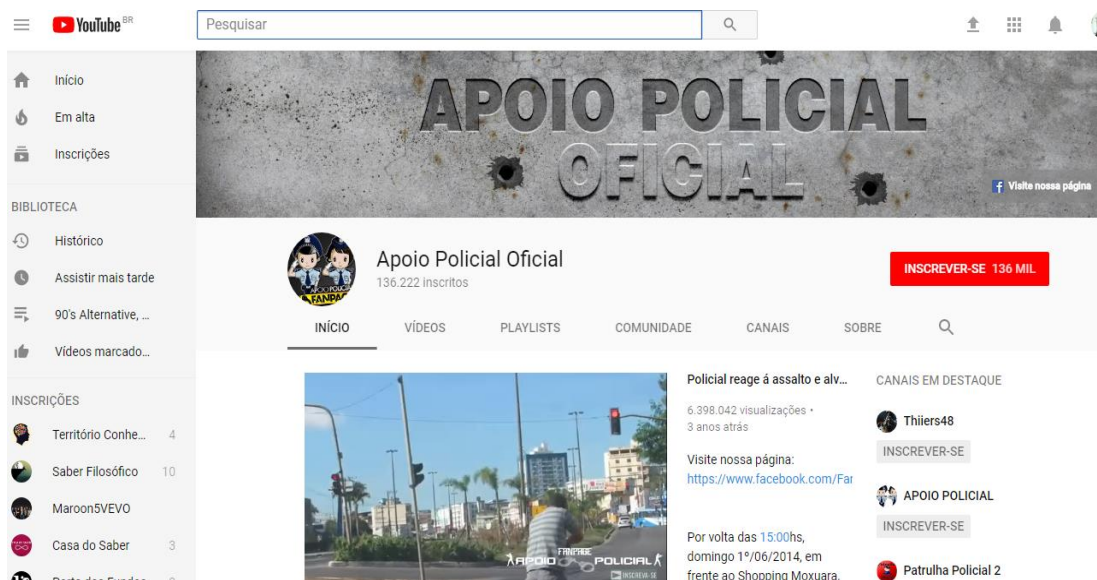


Figura 10: Layout da página *Fanpage Apoio Policial* no YouTube

Há também grande vibração com as mortes em vídeo, notícias e fotos publicadas na *Fanpage*, tanto por parte dos colaboradores quanto dos seguidores, bem como imagens de policiais dedicando suas vidas e suas missões a Deus, seja através de fotos em orações com o uso da Bíblia ou em memes retratando esses posicionamentos discursivos que são importantes

para o processo de análise do discurso a que nos propomos verificar, pois como evidenciou Carvalho (2011, p. 86), “[...] o enunciador não projeta para ele um estereótipo qualquer. Ao contrário, ele joga com os estereótipos para que seja definido um *ethos* singular. Este só pode ser apreendido com a leitura do texto, com uma entrada progressiva no universo por ele configurado.”

O enunciado é escrito em duas partes: primeiro a passagem bíblica, usada como argumento de autoridade, que, segundo Silveira e Figueiredo (2013), pelo discurso possuir um caráter retórico, o discursador pode valer-se de técnicas a fim de convencer seu ouvinte sobre o que argumenta, sendo, uma delas, o argumento de autoridade, que consiste “na menção de especialistas e instituições visando conferir credibilidade ao discurso pela competência reconhecida” (2013, p. 129). A segunda parte é uma afirmação cujo intuito é persuadir o interlocutor de que se Deus é favorável à morte de um criminoso; também deveríamos ser.

Evocar Deus nesse enunciado é valer-se do discurso de autoridade, e é compreensível que se use, já que, por se tratar de um país majoritariamente cristão – e mesmo as religiões não cristãs construíram um campo religioso em nosso País crendo em um Deus próprio de sua fé, posto que, conforme dados da reportagem de Tomazela (2016), em 2010 havia 8,9% de ateus no Brasil, número irrelevante frente ao número de religiosos que abundam essas terras – declarar que Deus concorda com essa afirmação é uma forma retórica de convencimento.

Devemos considerar, também, que por se tratar de um país religioso, há um *ethos* de Deus fortemente enraizado em nossa cultura, posto que a expressão *Deus é brasileiro*, segundo Musskopf (2009), é uma consequência histórica pautada na colonização religiosa que constituiu o ‘mito de origem’ inscrito em nossa sociedade brasileira. Para Chauí (2000, p. 4),

[...] há sim a crença generalizada de que o Brasil: 1) é um dom de Deus e da Natureza; 2) tem um povo pacífico, ordeiro\generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um “país dos contrastes” regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural.

Assim, na FD e FI brasileira, pensar no *ethos* de Deus na análise desse meme é não apenas remeter-nos à origem de nosso País – e que por isso tal *ethos* está fortemente cristalizado em nossa memória discursiva – mas também lembrarmos que “o *ethos* é uma

categoria sócio-discursiva, ou seja, não há como desvencilhá-lo do discurso, afinal, todo discurso é marcado sócio-historicamente e revela uma identidade, um processo ideológico” (Oliveira e Machado, 2013, p. 20). Assim, evocar Deus ao discurso é não apenas um argumento de autoridade, mas um ‘chamar’ de um sujeito que está cristalizado, um *ethos* ‘personificado’, concreto em nossa cultura, que por sua presença ‘atesta’ o discurso.

O texto está escrito em *Caps Lock*.<sup>33</sup> Conforme Brito (2012), tal uso é deselegante nas redes, pois passa a impressão de se estar gritando. Apesar de a AD não trabalhar com a intenção do autor, já que ela compreende que os discursos ocorrem independentemente das intenções, é possível pensar, como Alves (2013), em intencionalidade argumentativa. Ou seja: é de interesse do meme chamar a atenção do interlocutor com esse tipo de escrita, mesmo que, para o ambiente cibernético, essa postura seja inadequada, ferindo códigos de *netiqueta*.<sup>34</sup> Entretanto, é comum encontrar em memes como esse escritas em *Caps Lock*, que podem ser compreendidas, também, como uma escrita própria do gênero, a fim de facilitar a leitura do interlocutor.

O meme traz a passagem bíblica de Êxodo, capítulo 22, versículo 2. Como pontuou Allan (2009), o livro do Êxodo (*partida* em hebraico) pertence aos cinco primeiros livros da Bíblia, também chamados de Pentateucos, que, para Faber (2015), é a principal fonte histórica dos hebreus. Como o próprio nome já diz, Pentateuco vem de *penta* (cinco) e *teuchos* (volume, livro) e é formado pelos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, constituindo assim o livro dos judeus, conhecido como Torá, e iniciando o livro sagrado dos cristãos. A obra conta a história do povo hebreu liberto por Moisés da escravidão imposta pelo faraó egípcio e possui três partes, a saber: Da escravidão e genocídio, passando pela história de Moisés e as pragas do Egito (capítulo 1 – 12); A constituição da nação israelita por Deus (capítulos 12 – 24) e A construção do Tabernáculo (capítulos 25 – 40). Para Detienne (2011, p. 32),

Na tradição judaica, dentro da Bíblia, o Pentateuco ou a Torá, ocupa um lugar de destaque, devido ao fato deste primeiro bloco literário da Bíblia servir como um conjunto normativo que fundamentalmente define como deve viver um judeu. [...] Para a tradição rabínica, Deus mesmo é o autor da Torá e Moisés é apenas o primeiro dos intermediários que permitiram que ela chegasse até a atualidade.

<sup>33</sup> *Caps lock* é uma tecla que ativa o modo CAIXA ALTA, fazendo com que todas as letras apareçam em maiúsculas em textos de aparelhos, como celular, *notebook*, etc.

<sup>34</sup> *Netiqueta* é um substantivo composto (net + etiqueta) que é utilizado para designar normas de etiqueta na internet.

Apesar de os discursos nunca serem novos, eles podem – formados pelos signos e atravessados pelas ideologias ao longo da história – produzir novos sentidos. Entretanto, compreendemos que, para bem apreendermos os possíveis significados dos discursos presentes no enunciado desse meme, precisamos ir às origens do livro do Êxodo (ou àquilo que pudermos ir) para captarmos os possíveis efeitos de sentido na utilização desse livro, desse versículo em especial, atrelando-o às FDs brasileiras em torno da religião e da justiça.

Ainda conforme Allan (2009), a linha do tempo desse período que nos interessa desse livro é a seguinte: após a saída do Egito, os israelitas passaram a consagrar os primogênitos a Deus. Apesar da perseguição egípcia a esse povo, Moisés conseguiu fazê-lo atravessar o Mar Vermelho a pé enxuto. Depois disso, a nação israelita passou a adorar o Deus de Moisés e por Ele foi sustentado e protegido até a Terra Prometida. Chegando ao Monte Sinai, Deus revelou a Moisés os dez mandamentos que foram escritos em tábuas, além de ensinar outras leis – entre as quais as que nos propomos a analisar nesse meme. Ao prometer a terra ao seu povo, Deus faz com Israel uma aliança por meio de Moisés.

Segundo Iadrn (2012), é fato de que não há um consenso histórico sobre quem seria o faraó desse período, já que alguns ficaram anônimos na Bíblia graças à confusão cronológica egípcia. Contudo, para Berlesi (2007, p. 26), Ramsés II (1290 – 1224 a.C.) seria conhecido como o “Faraó da opressão” e foi a personagem dessa importante história bíblica para os judeus e os cristãos. Também a nós isso é importante, pois na FD brasileira, o discurso judaico-cristão embasa nossa cultura, atravessa os sujeitos e está cristalizado na sociedade, podendo ser visto através de propostas de leis (como são os dez mandamentos), estereótipos políticos (como foram Moisés e Ramsés II) e é, como vemos nesse meme, fortemente arraigado em nossa definição de justiça, colocando-a numa balança ao procurar equilibrar crime e penalidade. Mas não há apenas um discurso religioso judaico-cristão cristalizado presente, e sim aquilo de que falou Althusser (1985): uma representação de um AIE, não apenas ideológico, mas também repressor.

Para essa análise, usaremos a *Bíblia do Peregrino*, que é conhecida por suas vastas notas de rodapé com explicações históricas acerca das passagens bíblicas, bem como a *Bíblia de Jerusalém*, que é conhecida por ter uma tradução ‘mais fiel’ do hebraico. Na *Bíblia do Peregrino*, o versículo citado é o primeiro, que diz: “Se um ladrão for surpreendido arrombando um muro e o ferem mortalmente, não há homicídio; mas se é à luz do dia, é caso de homicídio” (versículos 1-2). Esse capítulo trata das leis sobre a propriedade.<sup>35</sup> Já na *Bíblia*

---

<sup>35</sup> Devemos lembrar, no entanto, que “leis sobre propriedade” é uma tradução livre do autor, já que a noção semântica de propriedade enquanto imóvel passou a ser compreendida socialmente a partir do século XVIII.

de *Jerusalém*, o capítulo fala do roubo dos animais, e os versículos 1 e 2 dizem o seguinte: “Se um ladrão for surpreendido arrombando um muro, e sendo ferido morrer, quem o feriu não será culpado do sangue. Se, porém, fizer isso depois de ter nascido o sol, quem o ferir será culpado de seu sangue”. Consta, no entanto, na nota de rodapé da *Bíblia do Peregrino* (2002, p. 149), uma contextualização histórica sobre a diferença entre matar ou não, de acordo com o período do dia: “[...] limita o direito à defesa e indiretamente protege a vida do ladrão. De noite a situação é outra: da parte do ladrão, é agravante; da parte do amo, pode temer um dano grave e, na obscuridade, não pode calibrar a defesa.” Nessa perspectiva, a Bíblia (ou a Torá) não convida seus fiéis a matarem indiscriminadamente aqueles a quem compreenderem bandidos e/ou que cometerem crimes, mas estimula a legítima defesa e o direito à vida, inclusive do criminoso.

Para Moura (2006), existem muitas semelhanças entre as leis mosaicas e as hamurábicas, bem como diferenças. Contudo, Moura (2006) entende que as leis mosaicas, por serem religiosas e civis – diferentemente das de Hamurábi, que são apenas civis – valorizam mais a dignidade humana que qualquer outra de seu tempo. Para Meister (2007, p. 59), apesar de as penas do Código de Hamurábi apresentarem-se severas, o objetivo em si não é a pena, mas o equilíbrio entre o crime e a penalidade. Afirma ainda (2007) que as leis hamurábicas são antecidas por leis ainda mais antigas, como o Código de Shulgi, da terceira dinastia de Ur, de 2097 – 2047 a.C., do Antigo Oriente Próximo. Crê, também, que as Leis do Talião sejam anteriores às de Hamurábi, já que é aquela ‘um princípio da lei divina’, podendo ser vista, também, no livro do Gênesis aplicada à nação israelita. É nessa certeza que Meister afirma que (2007, p. 60),

[...] considerando que a autoria substancial do Pentateuco por parte de Moisés é autêntica, podemos inferir que a lei mosaica, além de ser de origem divina, é o registro de uma lei que já fora dada por Deus anteriormente. Esta lei não só era anteriormente conhecida e praticada pelos descendentes dos patriarcas da linha abraâmica, mas também era conhecida e praticada em vários de seus aspectos por diversos povos do Antigo Oriente Próximo. Isto explica-se por sua origem comum, Deus. Por este viés é que vários princípios da lei estão presentes em códigos tão antigos de outras culturas e sociedades próximas. Este contexto legal aparece amplamente nos conceitos pautais presentes em vários tratados hititas, egípcios e assírios, encontrando paralelos formais na Torá.

---

Inclusive Michel Foucault, na obra *Vigiar e Punir*, alude sobre roubos à propriedade no capítulo II (*Ilegalidade e Delinquência*) evidenciando quando começou-se a refletir sobre crimes deste tipo. No período bíblico citado, tudo o que pertencia ao homem era propriedade dele, seu por direito: mulher, filhos, animais, bens, etc.

Conforme vimos na análise dos memes anteriores, está na FD do brasileiro o discurso religioso, não apenas o discurso católico, como também o discurso judaico, em especial, no que tange à justiça. Conforme Ragusa (2012), a presença dos judeus no Brasil foi fortemente rejeitada desde a chegada dos cristãos-novos durante o período colonial, já que a Igreja Católica possuía grande influência em decisões nos campos político e social, e até a Proclamação da Independência (1822) nenhuma outra religião poderia ser praticada, pois o catolicismo era a religião oficial, tendo os judeus ‘liberdade de culto’ apenas no século XVII, concedida por Maurício de Nassau. Conforme o CONIB, o Censo de 2010 mostrou que 0,06% da população brasileira é judia, concentrando-se a maior parte deste número no Sul e no Sudeste.

Silva (2009) aponta que, para o povo hebreu, o conceito de justiça estava fortemente atrelado aos desígnios divinos, já que, conforme essa cultura, apenas aquele que seguia as leis divinas podia ser justo. Afirma, ainda, que “a justiça humana funciona como um juízo de valores da sociedade, apontando as pessoas certas ou erradas, as atitudes permitidas ou proibidas”, e no caso do Ocidente, o Decálogo é a base do modelo de justiça e ética apropriados pelo direito ocidental, em especial no Brasil, em que é possível verificar uma aproximação entre o Decálogo e as normas do direito brasileiro atual.

Para bem compreendermos o conceito *bandido*, seja no período atual como no período mosaico, recorremos ao *Michaelis on-line* (2018), onde constam as seguintes definições: **1.** Pessoa que pratica toda sorte de atividades criminosas; bandoleiro, facínora, malfeitor, pistoleiro. **2.** Pessoa maldosa, sem escrúpulos. Segundo Hobsbawn (1975), apesar de, para a lei, bandido ser todo aquele que ataca e rouba com violência, o termo não pode ser utilizado de modo vago, haja vista a opinião pública definir quem seja bandido, mas também proteger e utilizar termos diferenciados aos ‘bandidos nobres’, pertencentes aos mais altos cargos de poder do Estado. Logo, nem todos os que cometem crimes são chamados bandidos, pois questões sociais e econômicas também definem o que seja ou não criminoso. Para Hobsbawn (1975), nem todo aquele que comete crimes o faz por razões ideológicas ou consciência de classe, mas como resposta a ações truculentas e repressoras dos governantes contra o povo, como foi o caso de Robin Wood, por exemplo. Já a Portela (2005), as leis, no período citado no meme, não conferem espaço ao encaminhamento do criminoso a uma cela, a fim de pagar pelos seus crimes, pois a punição neste período deveria ser equivalente ao crime cometido. Assim, o criminoso ficava preso apenas até o seu julgamento, cumprindo o que fora determinado em juízo: se um sujeito roubasse um animal, deveria restituí-lo; se matasse alguém, a sua vida seria ceifada como forma de restituição. Logo, podemos conjecturar que,

no meme em análise, a visão de bandido e de aplicação da pena está mais próxima ao período vivido pelo profeta do Decálogo que à nossa realidade.

A esse respeito, entendemos que este versículo bíblico de Êxodo convida à reflexão de dois outros discursos bíblicos: o quinto mandamento do Decálogo (*Não matarás*), bem como a lei maior dada por Cristo (*Ame a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo*). No livro do Êxodo, capítulo 20, é descrito os mandamentos que Deus deu a Moisés em tábuas, após ofertar uma aliança entre Ele e seu povo, e na qual Moisés intermediou tal processo. Convidado a subir ao Monte Sinai, Deus revela a Moisés dez leis que Seu povo deveria cumprir para honrá-lo. Entre elas, consta o quinto mandamento: “Não matarás.” (Êxodo, 20, 13). A nota de rodapé da *Bíblia do Peregrino* informa (2002, p. 145): “À luz de outras leis e da prática constante, que admitem e prescrevem a pena capital, seria preciso entender esta proibição em sentido restritivo: não cometerás assassinio, não matarás ilegalmente.” Logo, a lei salienta a respeito da importância de não cometer um crime, seja matar alguém por razões efêmeras, seja por uma visão incompleta do que seja legítima defesa. Pesquisamos, então, por mais explicações a respeito do que ensina o quinto mandamento da lei de Deus, pois como já discorremos, a FD brasileira religiosa é clivada pelo cristianismo, precisamente o catolicismo. Assim, buscamos no CIC<sup>36</sup> outros ensinamentos que estão inclusos na quinta lei mosaica.

No parágrafo 2258, O CIC afirma que “a vida humana é sagrada porque desde sua origem encerra a ação criadora de Deus e permanece para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim.” Segue explicando no parágrafo 2259 que a cólera e a cobiça foram cruciais para transformar o homem em inimigo do seu semelhante, e relata a morte de Abel por seu irmão Caim como exemplo<sup>37</sup>. Para Trese (1999, p. 232), sentir ‘um pouquinho’ de ódio e vingança não é pecado em si, teoricamente, mas, na prática, não costumamos controlar esse ‘pouquinho’ de sentimentos, podendo acarretar em guerras por seu descontrole. Ressalta, também, que sentir ira contra a má ação de alguém é positivo, pois se aborrece com o que foi praticado, e não com quem o praticou, compreendendo essa ira como um ato importante para o processo de formação do cidadão. Porém, observa que se a ira é destinada a pessoas, ela é pecaminosa e pode levar ao mal, caso nada seja feito para controlá-la.

---

<sup>36</sup> O Catecismo da Igreja Católica é um livro sobre a doutrina católica. Baseado nos livros bíblicos, na Tradição e no Magistério, foi composto após o Concílio Vaticano II, levando seis anos para ser gerido e entregue aos fiéis em 1992, por João Paulo II, sob a organização do então, à época, cardeal Joseph Ratzinger.

<sup>37</sup> Segundo o livro de Gênesis, no capítulo 4, Caim, filho de Adão e Eva, matou seu irmão Abel por ciúmes, já que sua oferta não foi tão bem apreciada por Deus como a de seu irmão.

Contudo, nos parágrafos 2263 a 2267, o CIC aborda a respeito da legítima defesa, entendendo o ato de matar alguém em detrimento de sua vida como conservação de sua própria existência, a partir do amor a si mesmo como princípio fundamental moral, compreendendo a legítima defesa não apenas como direito, mas dever grave, se o faz, também, para proteger outrem. Entretanto, o parágrafo 2264 afirma que: “Se alguém, para se defender, usar de violência mais do que necessário, seu ato será ilícito. Mas, se a violência for repelida com medida, será lícito.” Assim, fica-nos claro que, para o CIC, não está autorizado matar alguém porque compreende-se ser um criminoso, mas que o ato da legítima defesa só o pode ser feito caso haja extrema necessidade e se todas as outras possibilidades estiverem esgotadas. Assim como vimos na explicação da nota de rodapé a respeito da passagem de Êxodo 22 que estampa o meme, a morte do criminoso não é bem vista se feita de modo indiscriminado; até chegar a este fim, a Igreja orienta que se tome outras medidas. Para Trese (1999, p.226), “deve-se ter em conta que o princípio de defesa própria só se aplica quando se é vítima de uma *agressão injusta*”, pois, segundo o CIC (1993, p. 600), “o quinto mandamento proíbe a destruição voluntária da vida humana.”

A respeito da lei maior, conforme o evangelho de Marcos, capítulo 12, versículos 29 a 31, após questionado sobre qual mandamento era o mais importante, Cristo afirmou: “Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças!”. O segundo é este: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Não há outro mandamento maior do que estes.” Segundo Trese (1999), se o ser humano obedecesse plenamente a esses dois mandamentos, a felicidade e o bem-estar social seriam evidentes, não haveria espaço para o ódio e a cobiça e a guerra seria desnecessária, já que não haveria crimes de nenhum tipo. No entanto, pelo pecado de Adão e Eva, jamais viveremos em um mundo como esse, pois apesar de sermos regidos pela lei moral, que não deveria ser desobedecida, ela não é cumprida em sua essência e, pela sua desobediência, vivemos sob as insídias do mal que nós mesmos praticamos e sofremos. Afirma, ainda, Trese (1999) que, ao resumir o Decálogo a estas duas leis, Jesus aperfeiçoa os mandamentos, tornando a sua aplicabilidade algo concreto. Assim, amar o próximo como a si mesmo jamais será aceitar injustiças a si, e sim evitar o mal ao semelhante por amor a Deus e porque compreende que o próximo é um ato da criação divina.

É fato que, se fôssemos analisar detalhadamente o discurso em torno do quinto mandamento ou da lei maior, demandaria anos de pesquisa para uma dissertação, já que o quinto mandamento implica em não matar a si mesmo (suicídio e eutanásia), cuidados com o próprio corpo e saúde e, também, não matar o próximo, compreendendo o aborto, o homicídio

e outros crimes dessa ordem; o amor a Deus e ao próximo também enunciam vários outros discursos. Trazer reflexões, mesmo que mínimas, em torno do quinto mandamento e da lei maior que resume o Decálogo feita por Cristo retoma a FD cristã, precisamente católica, que cindiu o País em sua formação moral e ética e que rege os cidadãos brasileiros em leis, cuja origem está nos mandamentos bíblicos. Faz-nos pensar, também, sobre a importância da reflexão em torno do bem-estar social, do cuidado para com os que estão em vulnerabilidade, da aplicabilidade do amor e do zelo para com o próximo como a si mesmo tendo, também, como modelo, o que a Igreja (Trese, 1999) chama de obras de misericórdia corporais e espirituais<sup>38</sup>. Essa análise faz perceber, igualmente, que antes de se desejar um bandido morto, o que a Bíblia ensina é o amor, a reconstrução do próximo e seu retorno à sociedade, plenamente transformado, já que Cristo fez a aliança de Deus com o Seu povo em uma nova e eterna aliança, pagando pelo pecado de Adão com Sua morte na cruz e, assim, desobrigando a justiça a penalizar o criminoso com sua vida, mas ter a possibilidade de tomar consciência do ato praticado, arrepender-se, restabelecer-se e voltar à sociedade, plenamente refeito. Não se quer, é fato, um amor romantizado, mas prático, misericordioso, ativo e em prol da evolução e do aperfeiçoamento do outro.

Observando o que consideraram os autores aqui já citados, ainda há na FD brasileira um senso de justiça ligado não apenas ao equilíbrio entre crime e pena, como previram as leis hamurábicas e mosaicas, mas à violência. Para Carbone (2000), o que distingue no Brasil a relação que um bandido tem com a comunidade é a intenção do criminoso. Conforme Pino (2007), uma das maiores dificuldades de compreensão nesse campo está na imprecisão semântica, no conceito de significação da palavra violência. Afirma que o conceito de violência está atrelado às palavras crime e agressão e seu uso indistinto dá origem a grandes equívocos, “não só porque significam coisas distintas, mas também porque essa prática pode mascarar objetivos de natureza ideológica” (2007, p.767).

Se vista pelo aspecto psicológico, Pino (2007) afirma que a violência pode causar significações muito mais pelo impacto emocional que produz no imaginário que por questões racionais. Para a AD, essas significações são dadas a partir daquilo que também constitui o sujeito, assim chamada por CP. Conforme Orlandi (2009), as CPs existem a partir da junção dos sujeitos e situação, bem como a memória discursiva. Para ela, “a maneira como a

---

<sup>38</sup> Conforme o site *Opus Dei* (2015), as obras de misericórdia são divididas em corporais e espirituais, sendo sete obras para cada. As obras corporais encerram-se em: 1) Dar de comer a quem tem fome; 2) Dar de beber a quem tem sede; 3) Dar pousada aos peregrinos; 4) Vestir os nus; 5) Visitar os enfermos; 6) Visitar os presos; 7) Enterrar os mortos. Já as espirituais: 1) Ensinar os ignorantes; 2) Dar bom conselho; 3) Corrigir os que erram; 4) Perdoar as injúrias; 5) Consolar os tristes; 6) Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo; 7) Rezar a Deus por vivos e defuntos.

memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental” (2009, p. 30). Assim, a noção de justiça dos brasileiros, atravessada pelos discursos religiosos católico e judeu, que forma uma base, uma ‘identificação’ entre os brasileiros sócio-histórico e ideologicamente, não é o suficiente para que haja um ‘senso comum’, uma ‘neutralidade’ no que tange discursar em um único viés em torno do tema violência. Como afirmou Orlandi (2009), a memória discursiva é um interdiscurso cujos dizeres afetam o modo como cada um compreenderá uma determinada situação discursiva. Por isso que, para alguns, a melhor forma de se resolver determinadas situações é a justiça com as próprias mãos, como é o caso desse meme.

Compreendemos ser necessário averiguar ainda o que há no discurso brasileiro que legitima a morte de outrem considerado criminoso, apesar de haver na FD brasileira uma herança hebraica em que a morte de alguém pelo crime não era vinculada a um modo indiscriminado, mas sim a um equilíbrio entre crime e pena, bem como em situações que exigissem legítima defesa. Para Pinheiro (1997, p. 44), a violência no Brasil é endêmica e ambientada em contextos de desigualdade social profundos, “resultado direto da continuidade de uma longa tradição de práticas autoritárias das elites contra as não-elites”, bem como resultado de ações políticas econômicas liberais, que colaboraram na exacerbação da desigualdade e exclusão social. Ou seja: sem perspectiva de ascensão social, há o avanço da criminalidade. Afirma, ainda (1997, p. 45), que “os mais afetados por essa violência arbitrária são os desempregados e os marginalizados do sistema educacional quer sejam por serem vítimas da violência policial ou de crimes comuns contra a vida ou a propriedade.”

Contudo, para Oliven (2010, p. 6), o brasileiro nega a violência, justificando ser uma nação de índole pacífica herdada dos portugueses, sendo essas terras portadoras de uma sociedade harmoniosa, apesar de a nossa história mostrar que a violência faz parte de nosso cotidiano desde os tempos da descoberta de nosso País, passando pela perseguição aos escravos e Quilombos, demasiada violência às mulheres, intensificando-se durante a Ditadura Militar e persistindo atualmente. Afirma, ainda (2010, p. 9), que

[...] as causas do aumento da violência no Brasil, a partir de 1964, parecem ser claras; o regime que tomou o poder sentiu necessidade de aumentar a violência institucional para alcançar seus objetivos: acelerar a acumulação de capital em associação com os interesses estrangeiros e efetuar uma modernização conservadora. Para isto, foi necessário extinguir a estabilidade do emprego, promover o arrocho salarial e baixar uma legislação de exceção. Estas medidas só seriam possíveis desmantelando as antigas lideranças

sindicais populistas e criando a ideologia do binômio “segurança e desenvolvimento”, ou seja, repressão e acumulação de capital.

Fica-nos claro que, na FD brasileira, a noção de justiça é herança de um discurso judaico-cristão atravessado pelo discurso da violência. Mas não é qualquer discurso de violência, e sim o discurso voltado à justiça indiscriminada, ou como comumente conhecemos, a justiça com as próprias mãos.

Segundo Filho (2004, p.186), “o processo de colonização do Brasil permitiu que sobretudo nos centros periféricos, se formassem núcleos de mandonismo e redes de proteção.” Afirma que, apesar de Nabuco de Araújo, ministro da Justiça do imperador Pedro II, lutar arduamente contra o poder paralelo, a indiferença da realeza ao longo da história brasileira quanto às práticas de linchamento, fossem de escravos contra seus senhores, ou dos senhores contra os escravos, salvo algumas exceções com algum comerciante ou alguém considerado ‘nobre’, colaborou sócio-historicamente para que, nos dias atuais, ainda haja esse poder paralelo que corrobora com tais ações de justiça.

Segundo reportagem de Freitas (2016), estima-se que nas últimas seis décadas, ao menos um milhão de pessoas tenha participado, de alguma forma, de algum caso de linchamento<sup>39</sup> no Brasil. A reportagem mostra, ainda, que ocorre um caso de linchamento diariamente em terras brasileiras. Para Freitas (2016), apesar do aumento dessa prática no final do regime militar, houve um recesso entre os anos 1990, sendo retomada nos anos 2000. As causas também mudaram. Se antes alguém era linchado por crimes contra o patrimônio ou roubo, hoje a justiça com as próprias mãos por grupos de populares ocorre em relação a crimes graves, como estupro ou algo atrelado à criança. Apenas 44% das vítimas de linchamento nos últimos 60 anos foram salvas, e todas pela polícia. A reportagem ainda mostra que, nesses casos, geralmente, as vítimas são homens desempregados e de áreas sociais marginalizadas. Um fator interessante, no entanto, é que nem sempre se tem certeza da criminalidade do suspeito, mas isso não impede o linchamento, posto que não se duvida da vítima: não vale para esse a expressão jurídica “inocente até que se prove o contrário”.

Para Caldeira (2002), a violência e a democracia pós-regime militar cresceram paradoxalmente, porém, interligadas. Compreende que, após a conquista por direitos, os brasileiros não souberam lidar com o chamado Direitos Humanos, compreendendo essa junção como benesses ao bandido, e essa é, para Caldeira (2002), a verdadeira razão pela qual

---

<sup>39</sup> Freitas apresenta linchamento na reportagem como assassinato ou tentativa de.

há um imbricamento entre a crescente violência e a luta por direitos das minorias, em especial.

Quanto aos Direitos Humanos, Zapater (2016) afirma que esses são divididos em primeira e segunda gerações. A primeira geração acontece com as grandes Revoluções (Inglesa e Francesa) onde surge a *Declaração Universal de Direitos do Homem e do Cidadão* em 1789, oportunizando ao cidadão o direito de ir e vir, impedindo o Estado de matar e coibir que outro o faça, bem como o direito ao livre pensar e expressar, crescendo nesse contexto o Direito Penal. Lutando pelo direito à igualdade, essa Declaração teve, também, como intuito, frear o poder do Clero e da Nobreza. Houve, no entanto, a percepção de que apenas garantir direitos civis não diminuiu as desigualdades sociais. Foi perceptível, com o passar das décadas, que o Estado, outrora fortemente presente e repressor, passou a ser omissivo quanto à garantia dos mínimos direitos. Surgiram, então, movimentos sociais na Rússia e no México (1917) bem como na Alemanha (1919), que produziram constituições das quais surgiram, depois, conquistas aos trabalhadores.

Mas nada disso ainda foi suficiente para inibir o não cumprimento dos Direitos Humanos. Então, após a Segunda Guerra Mundial e seu terrível *Holocausto*, conforme a *ONU Brasil* (2017), a comunidade internacional compreendeu que era necessário um planejamento forte para a manutenção da paz entre os povos. Após anos de debates e reuniões, surgiu oficialmente a ONU, em 24 de outubro de 1945, cuja sede permanente ficou decidida nos EUA em 1946. Conforme a *Ficha Informativa Sobre Direitos Humanos das Nações Unidas* (1995, p. 3),

A Carta Internacional dos Direitos do Homem é constituída pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, pelo Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais e pelo Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos e seus dois Protocolos Facultativos.

Atesta que a importância da *Declaração dos Direitos do Homem* tornou-se um padrão no qual “se mede o grau de respeito e cumprimento das normas internacionais de direitos humanos” (1995, p.3). É uma forma de proteger qualquer ser humano, de qualquer lugar do mundo, do sofrimento. Conforme o *Nações Unidas Brasil, Direitos Humanos* (2017)

[...] são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de expressão e opinião, o direito ao trabalho e à educação, entre muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação.

Logo, compreendemos que os Direitos Humanos propostos pelas reflexões ao longo dos séculos (desde as grandes Revoluções, passando pelos pactos pós-Guerra até hoje) não são sinônimos de ‘direitos a bandido’, mas sim, preceitos a que todo sujeito deve ter: acesso à educação, moradia, saneamento básico, alimentação de qualidade, possibilidade de frequentar determinadas opções de lazer, trabalho, saúde, segurança, entre tantos outros direitos que o homem pode ter sem com isso ferir a integridade de outrem.

Questionamo-nos, então, porque há esse discurso de que “bandido bom é bandido morto” e de que “direitos humanos é direito para bandidos”. Conforme Caldeira (1991, p.162),

[...] (apesar) de reivindicação democrática central no processo de chamada abertura política, defendida por amplos setores da sociedade, os direitos humanos foram transformados, no contexto de discussões sobre criminalidade, em “privilégios de bandidos” a serem combatidos pelos homens de bem. Ao mesmo tempo, cresceu consideravelmente na cidade o apoio às formas violentas e privadas de combate e prevenção do crime.

Afirma, ainda (1991), que a população não enxerga o uso da força extrema contra criminosos como algo ruim, já que o estereótipo de bandido na sociedade brasileira é ‘pintada com cores fortes’, e geralmente compreende-se bandido como assassino e/ou estuprador, sendo – como afirmou Solano (2018) – um corpo ‘matável’. Logo, concluiu Caldeira (1991) que, para a sociedade brasileira, “os suspeitos são sempre criminosos”, e quando os Direitos Humanos beneficiam tais meliantes – justo esses que “não são considerados humanos” – acabam ferindo a honra dos trabalhadores e dos homens de bem. Surge, assim, um discurso pró-linchamento que convalida o justicamento com as próprias mãos, estejam os cidadãos armados ou não. E tudo porque – explica Singer (1998, p. 12) – “Os discursos e as práticas sobre os direitos humanos não chegam à população sob forma de igualdade, felicidade, liberdade, mas sim de culpabilização, penalização e punição, integrando um movimento mundial de obsessão punitiva crescente.” Em outras palavras, é como se os Direitos Humanos não valorizassem as vítimas dos criminosos, mas apenas se empenhassem em salvar os bandidos. Para Caldeira (1991, p. 172),

[...] a oposição aos direitos humanos, associada a um diagnóstico sobre a desordem social, acaba originando sugestões de como recuperar essa ordem ameaçada. Essas sugestões, defendidas com a mesma paixão com que se afirma que bandidos são menos que humanos, vão hoje em dia basicamente por dois caminhos não excludentes. De um lado, voltam-se as costas ao

Estado, visto como incompetente e defensor de criminosos, e privilegia-se a privatização dos meios de prevenção da violência. De outro lado, defende-se cada vez com maior veemência o uso da força física contra os prisioneiros e criminosos [...] exatamente o contrário da ideia de respeito aos direitos humanos e às práticas democráticas.

Contudo, as práticas de linchamento não se atêm apenas ao ambiente real, mas também ao virtual. Em tempos de avanços tecnológicos e *internet*, páginas como essa que analisamos e/ou grupos nessa ou em outras plataformas midiáticas têm colaborado para o alvorecer de linchamentos, inclusive de inocentes, como em reportagem feita por Munhoz (2017) em que mostra exemplos de linchamento na Índia por mais de 500 pessoas a sujeitos que foram acusados injustamente de crimes hediondos, ou ainda casos de linchamento no Brasil apresentados por Andrade (2017) em reportagem à *Globo.com* por vídeos publicados em plataformas virtuais.

Para Alves (2016, p. 1), “linchamento virtual é uma expressão que tem sido cada vez mais usada para descrever as hostilidades e polêmicas ocorridas na *internet*.” Para Macedo (2016, p. 14), “o ‘linchamento virtual’ (assim chamado pela mídia), que é fruto de agressões e humilhação pública em redes sociais *on-line*, mas que não se encerram nelas, estendendo-se em efeitos e consequências para a ‘vida real.’” Para Porto (2015), saímos da violência física e do apedrejamento para o ‘assassinato social’ do suposto transgressor com mensagens hostis pela *internet*. Isto posto, não é difícil compreender a existência desse meme, recebendo, inclusive, mais de mil compartilhamentos<sup>40</sup>, já que o discurso de ódio presente no enunciado em análise está cristalizado na FD brasileira desde o período colonial.

O próximo enunciado traz a seguinte afirmação: “até Deus sabe que bandido bom é bandido morto”. Como aqui já citado, evocar Deus traz um ‘peso’ discursivo; é um argumento de autoridade. Apesar de haver discussões em torno do que seria Deus (um substantivo concreto ou abstrato, comum ou próprio, um ser imaginário, mítico, ou real, verdadeiro), seja no campo gramatical, filosófico ou religioso, para quem crê, Deus sempre será um substantivo concreto, próprio; um ser real e verdadeiro: um sujeito. Assim, nesse enunciado, evocar Deus é remeter o sujeito à sua memória discursiva formada sócio-histórico e ideologicamente em um discurso religioso no poder de um Deus que é Onisciente (tudo sabe), Onipresente (está em toda parte), Onipotente (tudo pode), e que vigia os seus.

Quanto ao “bandido bom é bandido morto”, já vimos nesse processo de análise que, desde a chegada dos portugueses nessas terras, há um forte discurso de preconceito, rejeição,

---

<sup>40</sup> Como pode ser visto na figura 8, p.92.

ódio e justiça. Percorre a FD brasileira um discurso avesso aos direitos para criminosos, sendo vistos pela sociedade como benefícios a quem fez o mal e injustiça a quem o sofre. Os direitos dos bandidos são vistos, na FD brasileira, como um mérito a quem faz o mal. É como se não valesse a pena fazer o bem. Atravessando esse discurso, há também o conceito de polícia *versus* ladrão, bem contra o mal. Esse último requer seu embasamento histórico, filosófico e ideológico no discurso religioso, que sempre enxerga o mundo de modo binário: bem contra o mal, Deus contra o Diabo, pecado *versus* santidade, e assim por diante.

Se pensarmos na FD brasileira, mais precisamente no período Brasil Colônia, os Jesuítas que aqui chegaram catequizaram os indígenas. Para Neto e Maciel (2008, p. 173),

O Projeto Educacional Jesuítico não era apenas um projeto de catequização, mas sim um projeto bem mais amplo, um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar mudanças radicais na cultura indígena brasileira. [...] O trabalho de catequização e conversão do gentio ao cristianismo, motivo formal da vinda dos jesuítas para a Colônia brasileira, destinava-se à transformação do indígena em “homem civilizado”, segundo os padrões culturais e sociais dos países europeus do século XVI, e à subsequente formação de uma “nova sociedade”.

Com o enfoque no homem europeu, transformar o indígena era – como observaram Shigunov Neto e Maciel (2008) – uma forma de purificar o ‘bom gentio’ do que consideravam pecado, resgatá-lo de sua ignorância e formá-lo como um exército de Cristo que combateria a heresia e estaria apto ao trabalho (religioso e braçal). Contudo, Darcy Ribeiro afirma que a pregação jesuítica caiu sobre os indígenas com um peso semelhante ao flagelo, pois foi a partir dela que se viram responsáveis pelos seus pecados e iniquidades, e que “o bom Deus do céu caíra sobre eles, como um cão selvagem, ameaçando lançá-los para sempre nos infernos” (1995, p. 43). E concluiu:

O bem e o mal, a virtude e o pecado, o valor e a covardia, tudo se confundia, transtrocando o belo como feio, o ruim com o bom. Nada valia, de agora e doravante, o que para eles mais valia: a bravura gratuita, a vontade de beleza, a criatividade, a solidariedade. A cristandade surgia a seus olhos como o mundo do pecado, das enfermidades dolorosas e mortais, da covardia, que se adornava no mundo índio, tudo conspurcando, tudo apodrecendo.

E assim, em nosso País, começa a ser disseminado o discurso católico acerca do bem e do mal. Conforme Solimeo e Solimeo (2015), o catolicismo compreende ser o mal a ausência de algo, negando que o mal exista por si mesmo, diferentemente Deus, que conforme o livro

do Êxodo, capítulo 3, versículo 14, afirma: “Eu sou o que sou”. Contudo, reiteram que a partir do pecado original, a natureza humana ficou debilitada e suscetível às ações do demônio, surgido após a batalha divina graças à desobediência de Lúcifer, e que é relatada no livro do Apocalipse. O CIC (1993, p.83) afirma ser apenas a fé cristã uma resposta ao mal. Tal afirmação torna compreensível a razão da catequização indígena, já que a única forma de purificação dos nativos brasileiros era através da adesão à fé de Roma. Só assim ficariam livres do mal, do paganismo, da heresia. Para Chauí (2006, p. 132),

Não pode haver debate, confronto e transformação recíproca em religiões cuja verdade é revelada pela divindade e cujos preceitos, tidos por divinos, são dogmas. Porque se imaginam em relação imediata com o absoluto, porque se imaginam portadoras da verdade eterna e universal, essas religiões excluem o trabalho do conflito e da diferença e produzem a figura do Outro como demônio e herege, isto é, como o Falso e o Mal.

Fica-nos claro que, na FD brasileira, desde o descobrimento, o brasileiro ainda se pauta no discurso religioso para definir o que é bom e o que é mau. Logo, é compreensível que se utilize para esse meme um versículo bíblico para justificar uma prática desde os tempos do Brasil Colônia, que é a justiça com as próprias mãos.

Se há, pois, o bem e o mal personificados entre Deus e o Diabo, então o mundo passa a ser visto de modo binário, dicotômico, sem reflexões, polarizado. Não há um entremeio, uma possibilidade ‘neutra’ no jogo discursivo, uma vez que o discurso torna-se dogmático, catequético. Assim, é necessário então que haja na luta contra um mal, um herói, que no caso do nosso País, é a polícia. Para Bucci (2000-2001, p. 72), “Os policiais ganharam visibilidade entrando no papel de heróis da força bruta; e as câmeras do sensacionalismo ganharam imagens gratuitas correndo atrás das viaturas, ou se alojando dentro delas.” Contudo, Bucci afirma que os policiais passaram, principalmente no século passado e nesse, a agredirem civis, e o papel de herói ficou prejudicado, dando espaço ao de vilão. Assim, a mídia passou, através do telejornalismo, a divulgar atos heroicos da polícia sob o intuito de resgatar a imagem do herói atribuída ao policial, que é visto como o defensor da moral e o protetor social.

Conforme Althusser (1985), a polícia incorpora o ARE, funcionando pela violência, sendo – a polícia – agente da repressão. Para Nunes (2014), a maioria das estruturas formais e das regras institucionais funcionam como ‘mitos’ que podem ser sentidos nos discursos de policiais recém-saídos da academia. Se somarmos o mito do herói que traveste o policial com a desconfiança aos Direitos Humanos a criminosos, fica-nos compreensível o enunciado

“bandido bom é bandido morto”. Afinal, a letalidade policial – ou do cidadão de bem que faça a justiça – é justificável, pois aquele que cometeu o crime ‘se colocou’ nessa situação de modo consciente, transgrediu regras e, agora, recebe a pena por seu crime ‘na mesma proporção’. Por essa razão, Nunes (2014) explica a violência contra bandidos ser aceitável. É que, para Muniz (2009, p. 2-3), “o leigo acredita que a morte tudo resolve”, e a mídia já conceituou quem é esse bandido para o senso comum: aquele cujo crime foi exposto nos veículos de informação, como também afirmou Hobsbawn (1975). Assim, não há o que se discutir, nem averiguar.

Dados do Ibope (2016) mostram que 79% dos brasileiros acreditam que penas mais rigorosas podem reduzir a criminalidade, 46% apoiam a pena de morte (sendo que 31% defendem-na totalmente, 15% em parte), 69% são favoráveis à prisão perpétua e 86% são favoráveis à redução da maioria penal. Em *Conservadorismo do Brasil*, Garcia (2017) afirma que aquele que defende os Direitos Humanos, sendo contrário à pena de morte e à redução da maioria penal, não possui “amor à própria vida”, colocando outrem em risco, sendo cúmplice de cada sujeito vitimado em nossa sociedade por aqueles que são considerados criminosos. Já Percival Puggina, em seu *blog* pessoal – uma referência para o universo conservador no *Facebook* – em artigo de outubro de 2015, parafraseia o enunciado em análise de forma irônica (*Então, vítima boa é vítima morta?*) e justifica que o número de bandidos mortos no Brasil é inferior ao de vítimas, logo “cada bandido na lista dos mortos gera um número significativo de não vítimas”. Tais discursos são próprios de um pensamento reacionário que tem movimentado a opinião pública, em especial, nas redes sociais. Para Bittencourt (2014, p. 7), explica-se tal discurso na premissa de que

[...] o ladrão que ofende o particular ao roubá-lo é mais odiado pela opinião pública do que o ladrão parlamentar que rouba milhões de cidadãos com suas falcatruas, mas que é constantemente adulada pelas massas alienadas e pelos setores conservadores medianos da sociedade, seduzidas pelo carisma hipócrita desse espoliador da coisa pública, que muitas vezes segue a cartinha politiquêira do “rouba, mas faz”.

Entretanto, apesar de citarmos na p. 48 que o Brasil possui mais de 64% de sua população católica, e 46% dos brasileiros<sup>41</sup> acreditam que a pena de morte seja efetiva e necessária na p. 111, o Papa Francisco anunciou em 2 de agosto de 2018, uma mudança doutrinal sobre esse tema. A nova regra incluída no CIC, conforme noticiado pela *Folha de*

<sup>41</sup> Não há referências nessa porcentagem acerca de qual religião professem ou se possuam alguma crença nesse sentido.

*São Paulo* (2018), afirma que “a igreja ensina, à luz do Evangelho, que pena de morte é inadmissível, porque atenta contra a inviolabilidade e a dignidade da pessoa, e se compromete com determinação por sua abolição em todo o mundo”. A notícia ainda traz informações que, desde a morte do Papa João Paulo II, a Igreja já discutia esse tema, posto as mudanças eficazes nos sistemas de detenção, sendo desnecessário aplicar tal pena.

Para Serra Junior e Rocha (2013), os protestos de 2013, que foram articulados em sua maior parte nas plataformas digitais no Brasil, deram espaço à direita reacionária, disputando assim, de forma hegemônica, a política e os movimentos das ruas. Após pesquisar como esse enunciado funciona em um *site* de busca entre 2013 - 2015, Melo (2015) atesta que o enunciado em análise produz mais adesão, sendo mais curtido e compartilhado do que o uso das grandes mídias ou textos mais elaborados. Considera, também, que essa expressão é associada ideologicamente às posições mais à direita. E afirma (2015, p. 18):

[...] não é a formação discursiva simplesmente que impulsiona a movimentação da frase, mas o destacamento específico da aforização mais a configuração contextual da interface do *Facebook*. O poder de condensação da frase sem estar ligada a um evento datado, mas sempre atualizada em função de eventos semelhantes indica também que sua força não se deve apenas ao fato de estar em uma rede social. A configuração contextual da interface, contudo, reforça o poder de propagação que a aforização já tem.

A origem da expressão “bandido bom é bandido morto” surgiu no Brasil, conforme Pêcego (2016), como um *slogan* durante campanha eleitoral de Sivuca Ferreira (José Guilherme Godinho Ferreira), delegado de polícia e candidato, nos anos 1980, a deputado estadual pelo Rio de Janeiro. Esse aforismo<sup>42</sup>, porém, é uma paráfrase do General George Armstrong Custer, líder da batalha entre americanos e indígenas de maior história – *Little Big Horn* – que custou a vida de 40 índios e 240 soldados – incluindo Custer – em 1876, conforme *Mundo Estranho* (2011). O aforismo de Custer era “índio bom é índio morto”.

Responsável pela guarda pessoal de Getúlio Vargas, Sivuca Ferreira era considerado um dos ‘doze homens de ouro’ da polícia carioca, cuja função estava em ‘limpar a cidade’ nos anos 1960. Em entrevista ao programa *Jô Soares Onze e Meia* em 1993, cujo intuito era comentar acerca da acusação de que Sivuca integrasse um grupo de extermínio chamado *Scuderie Le Cocq*, o ex-deputado afirmou que “bandido bom é bandido morto e deve ser enterrado em pé, que é pra não ocupar espaço”. Atualmente, Ferreira é considerado, por

---

<sup>42</sup> Texto sucinto que enuncia uma máxima, uma regra.

grupos de apoio policial, como o *blog Amigos da Guarda Civil* (2013), como aquele que “teve um brilhante desempenho na carreira policial” e “autor da célebre frase” que nos propomos a analisar.

Conforme a AD, “a paráfrase é uma relação de equivalência entre dois enunciados, um deles podendo ser ou não a reformulação do outro” (Maingueneau e Charaudeau, 2012, p. 366). Para Orlandi (2008), a relação de paráfrases é um dos elementos que constituem os procedimentos de análise, já que, para a AD, o sujeito nunca produz um discurso único, e as FDs estão ligadas à ideologia e materializadas no texto. Assim, em uma busca rápida pelo *Facebook*, verificamos<sup>43</sup> algumas paráfrases desse tipo (como a de Sivuca Ferreira feita a partir da afirmação de General Custer). Descobrimos que, nessa plataforma, existe uma página chamada *Policial Bom, é Policial Morto*, com 64 seguidores. Não encontramos nada relativo a cristão, mas encontramos 4 postagens cuja expressão *feminista boa é feminista morta* aparecem. Também encontramos paráfrases relacionadas a *judeu bom é judeu morto*, *pobre bom é pobre morto* e uma postagem *professor bom é professor morto*, relacionada às demissões em massa de professores universitários após a aprovação da Reforma Trabalhista de novembro de 2017. Diante disso, conforme Foucault (2008), no jogo de sua instância, o discurso é efeito de construção. Assim, as paráfrases estão em constante reformulação graças aos atravessamentos por que passam os sujeitos sócio-histórica e ideologicamente.

Para concluirmos essa análise, observemos agora as imagens e as cores presentes no meme. Como já vimos nas análises anteriores, para que haja um meme, é necessário, também, uma imagem, que pode ser fotografia, charge, entre outros. Nesse caso, o autor usou uma fotografia em que se vê uma Bíblia aberta e uma arma por cima. Apesar de não haver nome, é possível perceber pela sua estrutura que se trata da *Bíblia João Ferreira de Almeida*, que, conforme Santos (2017), foi um importante pastor protestante português e tradutor da Bíblia do hebraico e do grego para o português, sendo muito utilizada nos meios evangélicos. Sobre a arma, aparentemente é uma *Glock 9x19mm* ou uma pistola *Taurus 24/7*, essa última sendo de uso restrito da polícia militar brasileira, segundo Pedroso do *Força Policial* (2010).

Conforme o *Mapa da Violência* de 2016, após embasarem-se nas pesquisas de Dreyfus e Nascimento, no Brasil, entre as décadas de 1980 a 2014, 15, 2 milhões de armas de fogo estavam em mãos privadas, sendo 6,8 registradas, 8,5 irregulares e 3,8 em mãos criminosas. As vítimas de armas de fogo em 1980 eram de 8.710 ao ano, passando para 44.861 em 2014, um crescimento de 415,1%. Para a *Câmara dos Deputados* (2015), no primeiro ano de

---

<sup>43</sup> Essas verificações foram realizadas durante a escrita deste texto, precisamente em 27 dez. 2017.

vigência do *Estatuto do Desarmamento* (2004), o número de homicídios no Brasil baixou de 20 para 19 a cada grupo de 100 mil habitantes. Segundo Orsi, em reportagem para *Gazeta do Povo* de outubro de 2017, o Brasil possui menos de 10% da população armada em relação aos EUA, mas conforme *Estudo Global de Homicídio* publicado pela ONU em 2013, enquanto morriam 5,6 pessoas num grupo de 100 mil habitantes em 2007 nos EUA, aqui eram assassinados 23,5 cidadãos.

Entretanto, o *Mises Brasil* (2014) reitera que o controle de armas “serve apenas para deixar uma população pacífica ainda mais vulnerável. O desarmamento não apenas deixa uma população menos livre, como também menos segura.” A matéria também mostra que, com o aumento na venda de armas nos EUA, o número de homicídios caiu proporcionalmente. Contudo, o *Jusbrasil* alerta que, em entrevista à revista *Times* de 2015, críticos internacionais estão preocupados com o Projeto de Lei n. 378 de 2017 que institui o *Estatuto do Armamento*, revogando assim o atual *Estatuto do Desarmamento* (Lei. 10. 826), já que, no Brasil, mesmo com a aprovação dessa última lei citada, o número de homicídios por arma de fogo não diminuiu. Conforme Buarque (2015), o jornal francês *Le Monde* aponta que essa luta pelo armamento é encabeçada por grupos conservadores e reacionários da bancada evangélica<sup>44</sup> na política brasileira.

O relatório para o projeto de lei pelo armamento da população foi entregue ao CCJ pelo senador Sérgio Petecão, do PSD em novembro deste ano. Se aprovado, o brasileiro poderá comprar armas a partir dos 18 anos, tendo apenas como exigências aptidão técnica e psicológica atestadas por profissionais cadastrados, bem como bons antecedentes criminais. Para o senador, a mudança na lei não é sinônimo de vendas indiscriminadas, mas apenas “às pessoas de bem, com treinamento e equilíbrio emocional”. Carvalho defende o mesmo argumento da matéria aqui citada pelo *Mises* em vídeo publicado em 21 de janeiro de 2013, intitulado *Desarmamento é engenharia do comportamento*, reiterando que se nos EUA há um número grande de armas e pequeno de homicídios, então a liberação das armas colabora com a legítima defesa, a segurança e o bem estar social. Para os grupos conservadores – conforme Garcia (2017) – o direito à arma de fogo é sinônimo de direito à legítima defesa, e seu uso é mais efetivo contra a criminalidade, inclusive para a mulher em caso de estupro, que o feminismo ou qualquer outra ideologia.

---

<sup>44</sup> Essa expressão ganhou repercussão nas mídias sociais ao fazer referência ao grande número de evangélicos e católicos que representam os brasileiros em vários cargos políticos, desde vereador até a presidência da república, já que Jair Bolsonaro, presidente eleito, afirma-se cristão.

O uso da imagem com Bíblia e arma não são, de todo modo, antagônicas. Conforme já discurremos, o CIC compreende a importância da legítima defesa. Para Idleman (2015), o problema não são as armas, mas o pecado, uma perda moral, já que os cristãos têm confiado mais nas armas que no próprio Deus. Ele atesta que o cristão deve defender sua família também no âmbito físico, desde que a sua moral e espiritualidade estejam ligadas às noções evangélicas. Já para Benê Barbosa, em palestra de 31 de março de 2016 para o 2º Ciclo de Palestras Santa Generosa em São Paulo, intitulada *Armas e Cristianismo – uma visão histórica*, explica que nem toda violência é ruim, já que, em nome da legítima defesa, aquela, quando utilizada pelo bem maior, é justa e necessária. Compreende que o problema do Brasil não é a violência em si, mas a criminalidade. Justifica que o desarmamento é uma tática de controle social e cita como exemplos medidas de desarmamento realizadas por Adolf Hitler e Fidel Castro. Segundo o professor, após desarmarem a população, Hitler e Castro dizimaram seu povo em nome de ideologias enviesadas à esquerda.

Para Arosen (2013), o discurso que equipara o desarmamento a medidas impostas por Hitler e outros ditadores começou nos Estados Unidos, nos anos de 1980, quando adversários da proposta que pretendia coibir o uso de armas em Chicago alegaram que o ditador nazista havia desarmado os judeus para matá-los em câmaras de gás. No Brasil, as comparações com Hitler e Castro ganharam mais espaço nas páginas de relacionamento após a aprovação do Partido dos Trabalhadores à lei do desarmamento. De acordo com Caetano (2016), assim como Hitler desarmou a população, pois era um ditador, o Partido dos Trabalhadores ‘lembrava’ o nazismo por ter, à época, interesse em agir de forma ditatorial e desarmar a população era um passo para tal. Em entrevista ao *Jornal Opção* (2017), o advogado e presidente do *Movimento Viva Brasil*, Bene Barbosa, explicou que, no Brasil, o desarmamento começou com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e foi consolidado pelo também ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, sob a lei 10.826/03, conhecida como *Estatuto do Desarmamento*. Nas mídias sociais (*BBC Brasil*, 2017), o apelo à revogação do estatuto ganhou mais força, principalmente após o presidenciável eleito, Jair Bolsonaro, da extrema-direita, mostrar pleno apoio ao armamento da população (*Exame*, 2018).

Para Sorano (2015), desde a edição do *Estatuto do Desarmamento*, o brasileiro passou a comprar mais armas. Entre 1º de janeiro a 4 de maio de 2014, dados da Polícia Federal mostraram que foram concedidos, diariamente, 82 novos registros. Esses dados evidenciaram que, se em 2004, o número de cidadãos armados era de 3 para cada cem mil habitantes, passou, em 2014, para 20. Apesar do recolhimento de 16.520 armas, houve 24.255 novas

autorizações naquele ano. Entretanto, dados do *Mapa da Violência* de 2015 (*El País*, 2015) mostram que, devido ao estatuto, 160.036 mil vidas foram poupadas, número esse equivalente a uma cidade de médio porte. Para Sorano (2015), o aumento na venda de armas se deve, além da criminalidade, aos discursos totalitários envoltos no desarmamento do cidadão. Segundo Bagatini (2018), devido à proposta de flexibilização da venda de armas por Jair Bolsonaro (PSL), e sua vitória nas eleições presidenciais de 2018, o número de interessados na compra cresceu exponencialmente. Também houve uma consulta pública do *site* do Senado sobre a possibilidade de um novo plebiscito a respeito da comercialização, bem como uma mobilização nas redes sociais em torno do tema, tanto apoiando maior flexibilização na venda, quanto defendendo o não armamento.

A respeito do discurso voltado ao desarmamento da população para fins ditatoriais, é importante lembrar, igualmente, que para muitos partidários da extrema-direita brasileira, e em muitos grupos em páginas enviesadas à direita nas redes sociais, conforme Minotto (2018), o nazismo é considerado de esquerda, já que flertava com o bem-estar social, algo que se vê no socialismo. Também o nome do partido (*Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães*) fez que muitos brasileiros, em grande parte, de alas conservadoras, compreendessem que o nazismo fosse de esquerda, comparando-o, inclusive, ao Partido dos Trabalhadores (PT). Para Barbosa (2018), a ideologia petista disseminada nas universidades, o aparelhamento do Estado e a dicotomia entre ‘bons e maus’, dentre outros aspectos, assemelhavam-se à postura que outrora tivera Hitler. Além da ideia nazista, há conjuntamente a afirmação de Olavo de Carvalho – analisada por Andrada (2018) – de que todos os que foram exilados de nosso país durante a Ditadura Militar eram “profundamente comprometidos com o partido comunista”, e o PT é a representação fiel do comunismo mais radical do Brasil. No entanto, a embaixada alemã produziu um vídeo explicando que é fato, para os alemães, de que o nazismo jamais fora de esquerda, pois (segundo *DW*, 2018) era contrário à ideologia marxista; perseguia, opunha-se e bania comunistas; era racista, imperialista e teve como opositores partidos comunistas e social democratas. Assim, o discurso que qualifica a esquerda como nazista, porque os ideais socialistas refletem o nazismo, e que a partir desta ideologia, o desarmamento era um meio de controle social e aplicação de uma ditadura, é próprio de uma ideologia conservadora disseminada em redes sociais, e foi o que alarmou a população, aumentando, consideravelmente, o interesse por armas e pela defesa própria.

Barbosa prossegue afirmando no vídeo (p. 115) que a preocupação exacerbada em torno do armamento da população no Brasil é um tabu recente e ideológico. Usa algumas personagens importantes para o universo cristão como argumento de autoridade, como São

Gabriel Possenti, conhecido como protetor dos atiradores, que defendeu uma moça com uma arma de fogo de um assédio por parte da tropa de Garibaldi na Itália; Sam Childers, conhecido nos EUA como *Pastor Metralhadora*, que ao ir à zona de guerra do Sudão como missão de salvamento às crianças africanas, precisou usar de armas de fogo para combater o mal; Charl van Wyk, que aos 21 anos estava armado durante o massacre da Igreja de São James em Keniworth, Cidade do Cabo, África do Sul, em 1993, e por esta razão, conseguiu combater terroristas com uma arma de calibre 38, matando 4 deles e espantando os demais. Conclui citando os papas que com sua Guarda Suíça possui armamento bélico e é uma das forças militares mais bem treinadas do mundo. E afirma:

Oras, se o Clero, né? [sic] Se o Vaticano, de uma forma geral, tem pessoas armadas pra sua defesa, é óbvio que cabe ao cristão esse mesmo direito. Que cabe ao cristão, como eu disse, até mesmo essa responsabilidade de defender outras vidas inocentes, de defender, se for necessário, a sua fé, de defender a sua liberdade.

Compreendemos, assim, que o uso da Bíblia e da arma nesse meme não marca uma contradição, mas sim uma união: ao cristão, por razões morais e de fé, não só é permitido o uso de armas, como é um dever e uma responsabilidade. Pensando na FD e FI brasileiras, é plausível que esse discurso ganhe força, inclusive no campo político e em tempos de polarização midiática, mesmo que a história tenha mostrado que o porte de arma de fogo, no Brasil, seja registrada ou não, não tenha colaborado para a segurança, mas aumentado ainda mais o número de homicídios.

As cores também são discursivas, como já vimos na análise dos memes anteriores. Conforme a Psicologia das Cores (2013), o preto está associado ao ódio, à agressividade e à ira. Afirma Heller (2013, p. 119) que “quanto mais ameaçadora a excitação parece, quanto mais o preto se associa”. Em relação ao cinza, é uma cor que discursa o tédio, o antiquado e a crueldade, a sentimentos sombrios.

Aliar o sentido das cores ao meme é um fato importante, pois a Bíblia e a arma em pretos passam a ideia de obscuridade, ansiedade e estão, ambas, também associadas – nesse discurso – ao ódio travestido de legítima defesa. Já o cinza que compõe o fundo da imagem transmite a ideia de tédio, de opacidade. Ou seja: é uma imagem que não transmite alegria, mas sensações gélidas, algo mais amedrontador. Se pensarmos na FD religiosa, esse efeito de sentido não está longe de nossa compreensão, haja vista o discurso religioso também pautar-se na premissa do medo, tanto quanto o discurso da violência que a arma representa.

#### 5.4 MEME PÁGINA CARTAZES & TIRINHAS LGBT

*“Como persistissem em interrogá-lo, Jesus ergueu-se e disse: Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”.*  
João: 8; 7.

O último meme que analisaremos – e que contrapõe o meme conservador – foi selecionado da página *Cartazes & Tirinhas LGBT*.



*Figura 11: Meme página Cartazes & Tirinhas LGBT*

Esse meme foi postado em 11 de janeiro de 2017 e, diferentemente das postagens anteriores, nessa o autor da página postou a imagem com a seguinte legenda: *Só pra lembrar: Jesus foi morto como bandido.*

Na categoria denominada *sobre*, a página foi criada em 30 de abril de 2012 com o intuito de divulgar vídeos, charges e tirinhas LGBT para “combater o preconceito e a ignorância”; pede aos leitores que contribuam com o que chamam luta enviando materiais que poderão ser postados naquele espaço e há, também, um endereçamento à conta de *Twitter*<sup>45</sup> da página.

<sup>45</sup> Mídia social cuja função é a divulgação de textos/*links* de qualquer espécie em um espaço para postagem que pode constar até 140 caracteres. É possível configurar as redes sociais diversas entre si para que um texto postado no *Twitter* seja visível em todas as mídias associadas.



Figura 12: Publicação do meme página Cartazes & Tirinhas LGBT



Figura 13: Categoria denominada “sobre” da página Cartazes & Tirinhas LGBT

A página possui mais de 680 mil seguidores.<sup>46</sup> Há publicações de fotos – a maioria memes – questionando políticos do meio conservador, como o ex-militar Jair Bolsonaro, postagens com frases de ordem, explicações em torno do discurso de gênero, definições políticas sobre os direitos às pessoas de diferentes orientações sexuais. Os vídeos também são relacionados aos assuntos citados nas imagens, alguns em tom de humor/ironia/sarcasmo, outros em tom reflexivo.

É interessante, também, percebermos que a ironia presente nessa página e no meme postado – a qual mostraremos ao longo dessa análise – tenha sido enunciada discursivamente em uma página que trata de assuntos ligados à comunidade LGBTQ. Como bem sabemos,

<sup>46</sup> Conforme verificamos durante a escrita dessa análise, em 27 dez. 2017.

existem ainda muitas visões preconceituosas e estereotipadas ligadas a esse público em específico, principalmente por parte de conservadores e religiosos. O CIC (1993, p. 531) afirma, por exemplo, no parágrafo 2357, que

A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atração sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves (103) a Tradição sempre declarou que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados” (104). São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados.

Apesar de se fazer referência à prática, para Leite (2016), as religiões têm-se utilizado dos textos bíblicos como argumento pró-homofobia, estigmatizando tais práticas sexuais. Mostra que, em 2003, o Vaticano editou seu glossário de termos sexuais, afirmando ser o homossexualismo consequência de conflitos de ordem psicológica, logo, se ordenada, é possível a conversão aderindo a Deus e à ‘normatividade sexual’. Justifica Busin (2008, p. 25) que

[...] declarações deste tipo, especialmente vindas do Vaticano, têm efeitos sociais que ultrapassam as fronteiras do catolicismo. Repercutem amplamente em nosso país [Brasil], reforçando – e sacralizando – os estigmas e os estereótipos relativos à homossexualidade já existentes.

Ou seja: sendo o Brasil um dos maiores países católicos do mundo, e constituído sócio-historicamente por essa ideologia, é de se esperar que qualquer afirmação vinda da Igreja – que também possui papel político – nesse campo possua um efeito de sentido significativo. Para Cury, Souza *et al* (2013), a origem da intolerância cristã ao homossexualismo surge da tradição judaico-cristã, que atravessa a história de modo ideológico, cliva os sujeitos por um discurso de contrariedade à prática e, como resultado, vemos hoje o reforçar de um preconceito às pessoas pertencentes a esse grupo, indo contra o discurso de integração, gênero e inclusão. Assim, consideramos que uma página, cujo intuito seja posicionar-se contra um discurso de marginalização de pessoas que desenvolvem sua sexualidade juntamente a outras do mesmo sexo, postar um meme utilizando o maior símbolo da fé cristã – em especial, o catolicismo – que é o Cristo crucificado, evoca, também, o

discurso de Jesus, que nos lembrou Rossi (2011): Cristo tinha um projeto de inclusão dos marginalizados.

Partindo para a análise do meme, verificamos o que está na legenda: “Só pra lembrar: Jesus foi morto como bandido”. O enunciado vale-se da comparação, figura de linguagem que ocorre quando há uma relação comparativa explícita entre palavras e/ou expressões (*Figuras de Linguagem*, 2018). Assim, percebemos nesse enunciado que Cristo é comparado a um criminoso e partimos desse efeito de sentido para analisarmos tal enunciação. A *Bíblia de Jerusalém*, no livro de Isaías, capítulo 53, fala sobre a crucificação de Cristo numa explanação espiritual. A passagem bíblica, que contém doze versículos, mostra que o Filho de Deus foi sentenciado à morte de cruz pela salvação da humanidade, que se degenerava sob o pecado original. Os versículos 8 e 9 dizem o seguinte:

[...] após a detenção e o julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? Deram-lhe a sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca.

A confirmação bíblica dessa passagem – afirmando que se referia a Cristo – está no Evangelho de Mateus, capítulo 27, versículos 37-38: “E colocaram acima da sua cabeça, por escrito, o motivo de sua condenação: ‘Este é o ‘Rei dos Judeus’. Com ele, foram crucificados dois ladrões, um à direita, outro à esquerda”. Em I Pedro 2, 22-24, diz o seguinte:

Ele não cometeu nenhum pecado; mentira nenhuma foi achada em sua boca. Quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava, antes, punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça. Sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que, mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. Por suas feridas fostes curados [...].

Assim, Cristo é visto para os cristãos como aquele que veio resgatar a humanidade de seu pecado, cuja origem está na desobediência de Adão e Eva. Por sua morte, todos agora têm acesso à morada eterna com Deus. Contudo, para que essa redenção fosse eficaz, era necessário que Jesus fosse humilhado, e essa humilhação passou por sua adesão às características humanas (nascer, viver e morrer), porém ser morto de uma forma escrupulosa, derramando até a última gota de seu sangue para a redenção dos homens.

Segundo Pedrosa (2016, p. 44; 47), o exército romano era muito disciplinador, motivo pelo qual garantia o sucesso de Roma. Afirma, também, que

A morte por crucificação tornou-se um dos mais infames e cruéis métodos de tortura da época antiga. Foi praticado pelos persas em larga escala, pelo exército helênico de Alexandre, o Grande, no Egito e em Cartago, sendo que, destes últimos, os romanos aprenderam o costume, transformando-o na mais cruel e horrenda das torturas [...]

Continua Pedrosa (2016) a afirmar que, para os romanos, não foi difícil impor a Jesus tal pena, posto serem eficientes nessa prática e exerciam, naquele período histórico, absoluto domínio sobre a população. Para Rossi (2011), esse domínio foi imposto à força e com armamento. Conforme Urbel (2000), a pena dada a Cristo era mais romana que judaica, apesar de os próprios judeus terem-na pedido. Segundo ele, essa era uma pena cuja morte era infame. O sentenciado era posto nu sobre a cruz, pregavam-lhe as mãos e os pés e ali passavam-se horas até a sua morte. No caso de uma demora além do esperado, acendia-se uma fogueira aos pés da cruz para asfixiá-lo, cravavam-lhe uma lança ao peito ou quebravam-lhe as pernas. Pedrosa (2016, p.47) conclui: “Por mais cruel que possa parecer aos olhos da cultura ocidental deste século, os legionários daquela época apenas cumpriram cabalmente com seu dever. Para eles, Jesus não passava de um criminoso condenado à morte.”

O Império Romano exigia muitos impostos aos camponeses galileus, reduzindo o povo à miséria. Essa prática beneficiava Roma, que vivia às custas dos tributos, mas essa não era a única forma de opressão. Segundo Rossi (2011), Cristo agia e falava em uma realidade cuja injustiça era sistêmica e a maldade, estrutural. Logo, para Rossi (2011), Jesus foi crucificado porque não era considerado pelos romanos alguém que fosse apenas um demagogo. Crucificá-lo era uma questão necessária, pois suas palavras e práticas ameaçavam a *Pax Romana*. Afinal, assim como Roma tinha seu projeto de poder, Cristo também o tinha. Não era um projeto baseado no poder em si, mas “seu projeto estava baseado na construção do ser da comunidade e de seus membros por meio da inclusão” (Rossi, 2011, p. 74). Um projeto de paz que, de forma política, era, também, um projeto de enfrentamento.

Entretanto, Pimentel (2014, p. 349) afirma que o julgamento de Jesus foi marcado por fatos absurdos, já que não houve um processo: Cristo não possuiu defensores; Pilatos não encontrou nele crime algum, assim não havia condenação para crucificá-lo; todos os depoimentos contra ele partiram de uma elite cujo poder religioso e político era ameaçado, posto que, para os judeus, ‘Ele queria ser Deus.’ Prática semelhante, se pensarmos, com as

práticas de linchamento atuais (virtuais ou não) em nosso país, observando toda a estrutura de violência durante e pós-ditadura militar – analisadas no meme anterior – e que hoje se estende também nas redes sociais: alguém, quando percebido como criminoso, não tem direito à legítima defesa, mas é, o quanto antes, punido pela sociedade de modo covarde e horrendo. Para Barbosa (2015, p. 372),

[...] a morte de Jesus, para os chefes religiosos de sua época ocorreu como blasfemador, por Ele ter assumido para si a proposta do Reino de Deus; para as autoridades romanas, como revolucionário, por ter criticado o sistema político vigente em sua época; para muitos judeus como um profeta, e não como o filho de Deus, uma vez que o mal ainda tem grande força no mundo (quando vier o Messias o mal vai se extinguir na terra); para muitos cristãos Jesus morreu como o Filho de Deus, pelo seu testemunho e cerceania de Deus.

Barbosa (2015) afirma que a cruz é um símbolo de contradição, se vista pelo âmbito da Teologia da Cruz. É que no Cristo crucificado se pode ver a justiça e a injustiça, o bem e o mal. O fato de Jesus ter sido vitimado em meio a ladrões já mostra o quão contraditória é a visão da cruz/crucificação. Afirma, ainda, que Cristo é o centro da fé cristã, e é a cruz o símbolo do cristianismo. Em nossa FD católica brasileira, a cruz é, conforme Viotti (2012), o símbolo da justiça; pertence à tradição religiosa brasileira desde a descoberta desse país; recorda aqueles que devem aplicar a justiça a não serem iníquos, como o foram com Cristo, matando-o injustamente; é soberana sobre o paganismo e não fere o laicismo, se exposta em lugares públicos, já que reflete a fé que formou nossa pátria e que está profundamente arraigada à nossa cultura.

Fica-nos claro um dos possíveis efeitos de sentido de vir acompanhado ao meme, no instante da publicação, o enunciado “Só pra lembrar: Jesus foi morto como bandido”. Não que para a AD seja necessária a intenção do autor na produção discursiva, pois, como afirma Authier-Revuz (2004), o discurso não depende da intencionalidade do interlocutor, já que é interindividual. Ou seja: mais que a intenção, para a AD interessa a forma como a língua se materializa no texto e como que, por este, como um ‘canal’, lemos o discurso. Como afirma Orlandi (2008, p. 53), “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito”. O discurso, constituído de modo heterogêneo, possui várias posições ao longo do texto, porque o discurso não é único: ele é atravessado por tantos outros discursos, outras vozes, construindo sócio-historicamente os sujeitos, formando-os discursiva e

ideologicamente, daquilo que os cindiram até que chegassem à escrita, e pelo texto, as posições discursivas demarcadas.

Vemos, então, que nesse meme em análise, a página, por ser enviesada à esquerda, traz uma ‘nova’ perspectiva, um novo olhar ao discurso religioso. A imagem de Cristo somada à frase “bandido bom é bandido morto” traz uma ironia. Mas se lido, também, o enunciado que introduz o meme (“Só pra lembrar: Jesus foi morto como um bandido”), mesmo havendo a intencionalidade da ironia, remonta ao discurso religioso. É uma evocação de um discurso sobre o outro, como se fizesse o interlocutor buscar, a partir da ironia, em sua memória, o discurso religioso, refletir sobre o seu próprio discurso de penalização à morte do criminoso, recordando que o seu Deus também foi morto da mesma forma, porque houve um grupo de pessoas que defenderam as mesmas práticas de linchamento que alguns cristãos/conservadores atuais, em especial os que estão nas redes sociais defendem.

A ironia – conforme Maliska e Souza (2014, p. 2) – “também é concebida como um processo de desconstrução de sentido, que desequilibra o institucionalizado, assinala uma fenda com aquilo que se depreende sólido e coerente no discurso legitimado.” Para Orlandi (2012, p. 11), “em qualquer perspectiva teórica, [a ironia] tem em sua origem uma dualidade, uma contradição”. Afirma, ainda, que “o básico para a ironia é a dissonância entre o conteúdo comunicativo *pretendido* e o conteúdo *apreendido*” (2012, p. 12). E isso porque a linguagem é carregada por palavras cujos sentidos são polissêmicos. Como outrora afirmou Bakhtin (2006, p. 40), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos”, apresentando-se nas mais diversas enunciações de forma viva, pois a “multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra” (2006, p. 133).

Logo, nesse jogo de efeitos de sentido, o enunciado que introduz o meme expõe, de modo irônico, aquilo que os grupos conservadores – conforme vimos na análise do meme anterior – defendem: que o criminoso seja morto sem possibilidade de defesa, haja vista ser ele inferior ao cidadão de bem, sua vítima. A ironia aqui refletida mostra o quanto o discurso conservador no *Facebook* mantém-se polarizado e vai na contramão do discurso de Cristo: a prática da inclusão, o amor, o bem, o perdão, tendo ele perdoado um dos ladrões que morreram ao seu lado<sup>47</sup>.

Verificaremos, agora, o enunciado “bandido bom é bandido morto” que estampa o meme. Diferentemente do enunciado analisado no meme anterior, esse possui em si uma ironia. Não que o outro meme não pudesse, também, demarcá-la, mas como já comentamos,

---

<sup>47</sup> Conforme é narrado no Evangelho de Lucas, capítulo 23, versículos 32-43.

Orlandi (2012, p. 12) mostra que “o básico para a ironia é a dissonância entre o conteúdo comunicativo *pretendido* e o conteúdo *apreendido*”. Compreendemos que, no meme anterior, o conteúdo pretendido não era o da ironia, posto toda a arqueologia que mostramos: tratar-se de uma página conservadora, de apoio policial, favorável à justiça com as próprias mãos entendidas como legítima defesa, à pena de morte, evocação do divino por meio de passagem bíblica, valorização de pessoas que participam do meio conservador e cujas opiniões reacionárias são consideradas. Mesmo não sendo impossível considerar no meme anterior que o enunciado “até Deus sabe que bandido bom é bandido morto” se trata de uma ironia, nossa busca pelos atravessamentos que formaram discursivamente aquele meme mostrou que o conteúdo pretendido (ser favorável à morte de bandidos) é semelhante ao apreendido (que se mate, então, com o aval divino). O mesmo não se vê nesse meme que estamos analisando, pois o enunciado remete à ironia, ‘chacoalhando’ o leitor acerca do que defende – morte aos bandidos – por meio de uma imagem sagrada que representa o perdão, mas que, pelo seu conteúdo discursivo, foi morta sem direito à defesa. Se o conteúdo pretendido é a reflexão, o apreendido pode ser inúmeros, como o ódio aos LGBTQs, a ironia, o riso, a autopiedade, a vergonha, e assim por diante.

Após verificarmos que esse aforismo – “bandido bom é bandido morto” – é uma paráfrase disseminada por Sivuca Ferreira no Brasil dos anos 1980, e que é utilizada em diferentes contextos, mas, majoritariamente, em seu ‘sentido literal’ (que os criminosos sejam mortos), colocá-la nesse meme é propor um resgate à memória discursiva daquilo que já dissertamos: Cristo foi morto injustamente, linchado, torturado por propor um mundo oposto àquele de que fez parte. É, de maneira irônica, um clamor à reflexão: como se pode querer a morte de um bandido se Cristo foi morto tal qual? Na pessoa de Cristo, o meme chama o leitor a refletir sobre os ensinamentos daquele cujo lema foi o amor e o respeito aos esquecidos de nossa sociedade.

Como aqui já dissemos, a imagem também é discursiva. É – a imagem – um enunciado visual. Assim, analisando-a, percebemos que a produção dessa pintura foi realizada no Período Barroco por Diego Velázquez (1599 – 1660) em 1632, e foi chamada de *Cristo Crucificado*. Conforme o *site Museo Del Prado* (2015) – onde está exposta hoje, Madri, Espanha – Velázquez pintou essa obra com óleo em tela, logo após regressar da Itália a pedido de Jerónimo de Villaneuva (1594 – 1653) para o Convento de *San Plácido* de Madrid, que teria sido fundado em 1623. Explica que o pedido se deveu à demissão de Villanueva por situações ilícitas e blasfemas – assim consideradas pela Inquisição. Conforme Rodríguez G. de Ceballos (*Museo*, 2015),

[...] ha explicado la peculiar combinación de circunstancias que pudo conducir al encargo y la elección del tema: mientras se investigaba a Villanueva, la corte estaba escandalizada por la profanación de un crucifijo esculpido que habían perpetrado unos judíos portugueses en 1630. En 1632 se ejecutó a los culpables tras un gran auto de fe en la Plaza Mayor de Madrid, y tanto en el Alcázar como en los conventos reales tuvieron lugar actos públicos de devoción a Cristo crucificado. Aunque Villanueva no fuera implicado en ese proceso, se le acusaba de favorecer a banqueros judíos portugueses en perjuicio de los acostumbrados genoveses, y se había ganado enemigos influyentes. El encargo a Velázquez de un Cristo crucificado monumental se podría explicar, pues, como una manera de demostrar su piedad, afirmar su ortodoxia religiosa y distanciarse públicamente de los judíos.<sup>48</sup>

Assim, Velázquez realizou uma pintura sacra; conforme o *site Enciclopédia Itaú Cultural* (2017), são essas pinturas que representavam elementos, passagens e/ou personagens bíblicas e eram comumente encomendadas pela/para a Igreja. Afirma, ainda, que após Constantino estabelecer a Igreja Cristã como um poder do Estado em 311 d.C., a arte e a religião foram ressignificadas. Ressalta, também, a importância do Papa Gregório Magno (século VI) para a inclusão de imagens como elementos didáticos dentro das igrejas. Para Nabais (2007, p.374), Velázquez é um dos grandes expoentes do Período Barroco. Afirma, ainda, que

[...] esta é uma época estilística e filosófica menos complexa e passional que a anterior, embora psicológica e emocionalmente seja mais expressiva e realista, ao inspirar-se no fervor e na devoção religiosa que se segue ao Concílio de Trento (1545 – 1563), alinhado pela Contra-Reforma, ao assumir o Barroco como estilo oficial da Igreja Católica numa tentativa de retorno à tradição e à espiritualidade dos costumes, sem contudo o Homem (ser livre e pensante ao ter a plena consciência de si) perder de vista agora a sua dignidade tal como sucedera na Idade Média. O Barroco, ou “arte de conflito”, é uma época de dualidades (ex. céu versus inferno, optimismo versus pessimismo), no eterno jogo entre os poderes sagrado (leia-se divino) e humano, no qual não há mais um tempo de certezas mas que, paradoxalmente, se começam a dar grandes progressos evolucionários na História da civilização e nos vários campos do saber, exs. anatomia, astronomia, matemática, cartografia, cosmografia, etc.

---

<sup>48</sup> “Rodríguez G. de Cabellos explicou a peculiar combinação de circunstâncias que pode conduzir à encomenda e à escolha do tema: enquanto Villanueva era investigado, a corte estava escandalizada pela profanação de um crucifixo esculpido cometida por judeus portugueses em 1630. Em 1632, foram executados os culpados, após um grande auto-de-fé<sup>1</sup> na Praça Maior de Madri, e tanto Alcázar como nos conventos reais, ocorreram atos públicos de devoção a Cristo crucificado. Ainda que Villanueva não tenha sido implicado nesse processo, foi acusado de favorecer aos banqueiros judeus portugueses em detrimento dos habituais genoveses, e ganhou inimigos influentes. A encomenda a Velázquez de um Cristo crucificado monumental poderia ser explicada, portanto, como uma maneira de demonstrar sua piedade, afirmar sua ortodoxia religiosa e distanciar-se publicamente dos judeus.” (Tradução nossa).

Conforme Mazzola (2014, p. 13), “existem discursos que colocam em evidência o sujeito de quem fala.” No caso da imagem de Velázquez, o sujeito é Cristo, e o *ethos* mencionado pelo discurso bíblico está aparente na imagem em si; qualquer um que olhá-lo, se for atravessado pelo discurso religioso de sua morte, saberá que se trata dele. Não é necessário ser cristão para compreender Cristo e sua morte; basta apenas ser atravessado por esse discurso. Contudo, como afirmou Guimarães (2013, p. 339), “a imagem é capaz de argumentar visando corroborar ou romper com os imaginários sociodiscursivos cristalizados.” No caso desse quadro utilizado no meme, quando o enunciado “bandido bom é bandido morto” é associado à imagem, há uma ressignificação do Cristo, de sua divindade, de sua humanidade. É como acionar a memória discursiva pelas razões civil e religiosa que o vitimaram: ser um revolucionário, um sujeito com um discurso político de enfrentamento à realidade política e social de sua época, autoproclamando-se Filho de Deus e o Salvador da Humanidade. Ainda sobre o *Cristo Crucificado* de Velázquez, Mazzola (2014, p. 13-14) comenta que

O corpo esguio de Cristo [...] é uma das principais características observadas na pintura original de D. Velázquez, datada cerca de 1632. A representação desse corpo é fruto de estudos feitos pelo artista na Itália entre 1629 e 1630 sobre os nus nas obras clássicas. Esses estudos permitiram ao mestre pintar esse *Cristo crucificado*, em cujo corpo se fundem a serenidade, a dignidade e a nobreza do personagem. As técnicas empregadas na representação de Cristo convidam o espectador a contemplar tanto a beleza física desse nu frontal, quanto a expressão serena transmitida por seu rosto. Mesmo morto, Cristo não está pendurado. Ele apoia-se sobre quatro pregos (outra questão importante na iconografia, uma vez que há composições de Cristo apoiado sobre apenas três pregos) e seus pés encontram-se sobre um estribo. Esse apoio revela o *contrapposto*, que faz o peso do corpo repousar sobre a perna direita, e dota a figura de um movimento harmônico.

Ou seja: essa pintura de Velázquez transmite mais serenidade que dor. Diferentemente da tradição cristã, que através da Bíblia conta-nos que Jesus estava irreconhecível no momento de sua morte, pelo sofrimento e tortura por que passou; na imagem usada para o meme, está em paz, tendo apenas uma ferida sobresaliente em seu peito, referindo-se ao Evangelho<sup>49</sup> de João, que conta ter sido Cristo ferido com a lança a fim de atestar a sua morte.

---

<sup>49</sup> No Evangelho de João, capítulo 19, versículos 32 a 34, é relatado que Cristo foi ferido com uma lança como forma de acelerar o processo de sua morte, já que foi crucificado às vésperas da Páscoa judaica, e como tal, não poderia ficar exposto. Esta ferida também é uma forma de cumprir os profetas do Antigo Testamento (Êxodo, capítulo 24, versículo 8; Livro dos Salmos, capítulo 34, versículo 20), que afirmaram que Cristo não teria os ossos quebrados e que o sangue jorrado seria a nova e eterna aliança de Deus com a humanidade. Ao ser ferido, saiu sangue e água de seu peito. Para a Tradição, estes elementos configuram o sinal pleno da

Segundo Silva (2012), a importância da luz nas pinturas barrocas é hoje enfatizada por muitos historiadores da arte, principalmente no que tange ao contraste – luz e escuridão – como podemos perceber na pintura de Velázquez. A luminosidade em sua coroa de espinhos ressalta sua santidade, tal como uma auréola, que, em contraste com o fundo preto, pode ser compreendido – dentre tantos efeitos de sentidos – ser Cristo a luz em meio às trevas desse mundo. A tradição cristã também comenta que, no momento de sua morte, o céu ficou escuro, o véu do templo rasgou-se ao meio e todos esses fatores corroboraram na compreensão de que Cristo era mesmo o Filho de Deus.<sup>50</sup>

Assim, ao visualizarmos esses memes em análise, compreendemos que ambos trazem o discurso religioso como referente. É – o discurso religioso – o centro da reflexão. Contudo, podemos notar que, enquanto no primeiro meme o discurso religioso é usado para disseminar um discurso pró-morte, pró-violência, contra os Direitos Humanos, no segundo, o mesmo discurso é usado para refletir, para levar o interlocutor a observar as consequências que tais discursos favoráveis à justiça indevida podem acarretar. São discursos que se evocam entre si, se atravessam, mas não são iguais: pertencem ao mesmo campo (religioso), mas não dizem ‘o mesmo’. Enquanto o discurso do meme anterior está preso ao Velho Testamento, clama pelo equilíbrio entre pena e crime, o discurso do Novo Testamento transforma o discurso anterior, ensinando a importância do amor, do perdão e da justiça não atizada pelo ódio, e sim pela misericórdia, fazendo-se presente no meme que analisamos neste capítulo.

Percebemos, então, que os dois memes trazem em si *ethos* diferenciados. Enquanto no primeiro, por pertencer a uma página de apoio à polícia, o *ethos* construído é em torno de um herói, de um vingador, de alguém que livrará a sociedade do mal, no discurso do segundo meme, Cristo não é o Salvador, conforme ensina o cristianismo: seu *ethos* é de um derrotado, de um sujeito plenamente humano, alguém que perdeu toda a sua glória ao ser crucificado inocentemente. Assim, quando entrecruzamos esses discursos, percebemos claramente a importância da reflexão de ambos, do quanto formam uma díade: não é possível um discurso sem o outro. Não se pode falar de justiça, de legítima defesa, de Direitos Humanos, de cristandade sem questionarmos todos os fatores que levam nossa sociedade à criminalidade, à marginalização, à necessidade de discutir o que fazer com os criminosos, por que existem, por

---

misericórdia divina. Santa Faustina (1905-1938), reconhecida entre os católicos como *santa da divina misericórdia*, pintou uma imagem alegando ter sido pedida pelo próprio Cristo, em que se jorra sangue e água de seu coração já ressuscitado. Essa imagem ficou conhecida como *Jesus Misericordioso* e sua devoção é celebrada em todo o primeiro domingo após a Páscoa, chamado *Domingo da Divina Misericórdia*, festa instituída pelo papa João Paulo II, quando do Jubileu do ano 2000.

<sup>50</sup> Essa passagem se encontra nos evangelhos de Mateus, capítulo 27, versículos 50-53; Marcos, capítulo 15, versículos 37-38 e Lucas, capítulo 23, versículos 44-46.

que se mantêm e por que aceitamos a violência sem cogitarmos a possibilidade de defesa da vítima, tal qual foi feito com Jesus. São discursos atuais que, mesmo viajando pelo tempo e a história, seus efeitos de sentidos permanecem e, ao mesmo tempo, ressignificam-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Aqueles que se opõem ‘a tudo’, os que objetam automática e invariavelmente, se revelam por isso ‘previsíveis’.”*  
Julián Marías.

Ao longo da leitura deste trabalho, observamos que os discursos conservadores e não conservadores no *Facebook* são atuais e estão atravessados por diferentes contextos históricos pelos quais a política brasileira vem passando, bem como a sociedade. Analisá-los em meio aos fatos que agora ocorrem é de extrema importância não apenas para compreendê-los, mas também para observar suas CPs, FDs e FIs. É uma forma de entender como o discurso conservador é visto neste momento da história, tendo como suporte uma plataforma virtual.

Refletir sobre o discurso conservador brasileiro na *internet* e sua expansão não é uma forma de ajuizar valores a esse ou àquele discurso, e sim levantar questões para serem discutidas, tomando como ponto-chave para o debate a presença e o domínio da *internet* na atualidade, como o meio digital proporcionou o ‘vigorar’ de ideias entendidas como conservadoras e como essa ideologia tem ganhado mais e mais adeptos, principalmente após o advento do *Facebook* e das mídias sociais.

Seria possível pensar que a força do discurso conservador em um espaço midiático, como o *Facebook*, é um contrassenso diante do que estamos vivendo, já que, desde o século passado, há um engajamento mundial na luta por Direitos Humanos e das minorias, pelo fim dos preconceitos, pelos cuidados com o meio ambiente, o acolhimento dos mais necessitados, a valorização da mulher, do negro, dos homossexuais? Não seria de todo estranho que, exatamente neste século, em que o avanço das tecnologias é gritante, o acesso à informação está à palma da mão, haja discurso que apele à tradição como resposta à modernidade, que rejeite um novo olhar ao obsoleto; enfim, que esteja não só forte, mas ganhando espaço no universo real e digital, no campo político, midiático, nas universidades e nas rodas de conversa?

Essas perguntas nos levam a compreender que isso tudo serve para nos mostrar que a rapidez e a efemeridade alcançadas pela tecnologia nem sempre (ou muito pouco) conseguem ser acompanhadas pela sociedade, afinal não há como desvencilhar o homem da história e da ideologia: um determinado discurso vai sempre remeter ao discurso já-dito que, por sua vez, vai levar à produção de discursos outros.

Em pleno século XXI, que outrora parecia tão distante, e que imaginávamos carros voadores, como no extinto desenho *The Jetsons*,<sup>51</sup> ou com *skates* superpotentes, como em *De volta para o futuro*,<sup>52</sup> o que temos observado são discussões que acreditávamos não mais serem necessárias, como a importância da vacina ou afirmar que a Terra não é plana.<sup>53</sup> É fato que as redes sociais ‘reativaram’ discursos que antes estavam adormecidos. Com a facilidade em disseminar informações, discursos alienatórios, *fake news*, sensacionalistas, difamatórios, conspiratórios e irracionais têm ganhado cada vez mais espaço e adeptos na *internet*. Em entrevista à revista *Época* (2011), Umberto Eco afirmou:

A *internet* não seleciona a informação. [...] A *internet* ainda é um mundo selvagem e perigoso. [...] A imensa quantidade de coisas que circula lá é pior que a falta de informação. [...] Conhecer é cortar, selecionar. [...] Hoje, na *internet*, Júlio César e Calpúrnia têm a mesma importância. Ora, isso não é conhecimento. [...] A *internet* é perigosa para o ignorante, porque não filtra nada para ele. [...] A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a *internet* para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes.

É fato, contudo, que é também lugar em que se aprende muitas coisas positivas e importantes, e o acesso a conteúdo de boa qualidade também tem aumentado, bem como a discursos outros, e não apenas conservadores. Ao longo da entrevista, Eco (2011) afirmou que a *internet* pode ser muito útil a quem tem conhecimento, mas orientou sobre a importância da filtragem dos discursos. Bauman (2015), em entrevista ao *El País*, pontuou que as redes sociais são importantes, úteis, mas também servem como uma armadilha. E concluiu:

As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente não as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras.

---

<sup>51</sup> Desenho estadunidense criado em 1962 que mostrava uma família tradicional em um futuro cujos carros voavam, as empregadas eram robôs e a modernidade era extremamente avançada. Seu último episódio foi exibido em 1987.

<sup>52</sup> Filme americano de 1985 em que o adolescente Marty McFly foi transportado à década de 1950 em um carro, fruto de uma experiência do cientista Doc Brown.

<sup>53</sup> Nas mídias sociais, mais precisamente este ano, muitos grupos têm disseminados inverdades a respeito da importância da vacina e de que a Terra é plana. O material consultado a esse respeito consta nas referências bibliográficas, p. 141.

Porém, conforme analisado nesta dissertação, não é um mistério o reacender do discurso conservador nas mídias sociais, nem tão pouco se trata de algo novo, e sim de um discurso em um novo contexto, em uma outra era, ressignificado em seus sentidos graças às CPs, às FDs e às FIs dos sujeitos virtuais que, constituídos por esses discursos (conservador e virtual), enunciam, nesse tempo, formas diferenciadas de gerações passadas. Se, outrora, era negado à mulher trabalhar fora, hoje, entende-se que ela tem esse direito, desde que isso não a impeça de ser mãe e esposa. Se antes, principalmente para os grande senhores de escravos, era bem vista a escravidão negra, atualmente, há quem entenda ter sido essa fase da história ruim, mas não compreende – ainda – a importância de políticas afirmativas e assistenciais como ponto de partida a fim de resgatar uma dívida histórica, social e cultural, ou não entende que a violação às leis trabalhistas por seus empregadores seja de todo ruim.

É interessante perceber que os discursos conservadores, nas redes, não são homogêneos, mas plurais. Enquanto vemos grupos apoiando durante as eleições presidenciais deste ano candidatos como Jair Bolsonaro (PSL), cujo vice-candidato, o general Mourão, não descarta a possibilidade de uma intervenção militar (2018),<sup>54</sup> ou o também candidato à presidência, Cabo Daciolo (PATRI), que em um debate em uma rede televisiva, disseminou a ideia da criação da URSAL (2018),<sup>55</sup> que seria, segundo ele, uma espécie de programa da esquerda para tornar toda a América do Sul comunista, em um modelo cubano ou venezuelano, também percebemos grupos que apoiam candidatos não tão radicais, que lutam por Direitos Humanos e que valorizam o diálogo.

Esta dissertação foi defendida em 06 de novembro de 2018, nove dias após o resultado do segundo turno das eleições presidenciais deste ano, que mostraram a adesão da população brasileira aos *outsiders*,<sup>56</sup> renovando a bancada da Câmara e do Senado com nomes expressivos nas redes sociais, muitos deles, em grupos considerados conservadores e/ou liberais (*El País*, 2018), e que elegeu Jair Bolsonaro presidente da nação brasileira com mais de 55% dos votos, em 28 de outubro de 2018.

O que o resultado das eleições mostrou é que o brasileiro elegeu uma das bancadas mais conservadoras desde a redemocratização. Contudo, isso não evidencia que o brasileiro é, em

---

<sup>54</sup> Noticiado pela revista *Fórum on-line*, em 10 ago. 2018. O acesso consta nas referências bibliográficas, p.166.

<sup>55</sup> Conforme reportagem da *Folha de São Paulo* (13 ago. 2018), a socióloga Maria Lucia Victor Barbosa inventou esse termo (URSAL) em 2001 como resposta irônica às críticas conspiratórias realizadas na época ao *Foro de São Paulo*, que ocorreu em Havana, no mesmo ano. O termo foi empregado pelo candidato à presidência de 2018, Cabo Daciolo (PATRI), em um debate realizado por uma emissora, em que alegava ser o também presidencialista, Ciro Gomes (PDT), fundador da organização. Mais informações podem ser obtidas no *link* que consta nas referências, p. 160.

<sup>56</sup> Conforme o *JusBrasil* (2009), *outsiders* (do inglês, *estranhos*) são, na política, “produtos de momentos críticos da conjuntura política”, vindo a ter destaque sobre o que é tradicionalmente aceito na sociedade.

si, conservador, já que Bolsonaro teve pouco mais de dez milhões de votos em relação a Haddad (PT) e 42 milhões de eleitores não escolheram nenhum candidato no segundo turno (o maior percentual desde 1989, segundo *O Globo*, 2018). Assim, consideramos que o país não está dividido entre direita e esquerda, mas entre direita, esquerda e “*nem nem*.”<sup>57</sup> Em muitos canais do *YouTube* sobre política, bem como muitos colunistas, de vários jornais importantes do País, consideram que, além da abstenção ter sido alta, muitos dos eleitores de Bolsonaro o escolheram mais por insatisfação ao PT do que por compactuarem com suas ideias. Também concordam que grande parte dos eleitores do candidato petista apostaram em sua vitória, não por compactuarem com suas propostas, e sim por não desejarem um ex-militar no cargo mais importante do País. O fato é que seremos governados por Bolsonaro, cuja visão de governo é enviesada à direita, mas que, diferentemente da tradição política de falar com o povo pelas mídias convencionais, aderiu à prática de falar diretamente com o seu eleitorado pelo *Twitter* e *Facebook*, semelhante ao republicano Donald Trump, ambos estreando uma nova forma retórica política, mesmo que de viés conservador e religioso.

Apesar da afirmação de João Pereira Coutinho (2012, p. 27) de que “um esquerdista moderado é preferível a um direitista reacionário que procura recriar no presente um estado de perfeição que ele acredita ter existido no passado”, entendemos que o sujeito conservador brasileiro virtual é interpelado pela sócio-historicidade, possui uma relação com a máquina e crê interagir com outro sujeito histórico e ideológico. Graças ao atravessamento conservador, ele reage ao diferente em nome da manutenção da ordem e da tradição. No entanto, ele é moderno, pois isto é realizado em um universo tecnológico que avança em larga escala, materializando seu discurso em memes, sem perceber, em alguns casos, que ‘memifica’ a política, o preconceito e a violência a ponto de, segundo Esther Solano (2018), não perceber o discurso antidemocrático presente neste gênero, em casos específicos. Podemos considerar que um dos objetivos desse sujeito é a reação àquilo que compreende ferir a tradição e a moral; dessa forma, a linguagem é utilizada para esboçar suas ideias em torno da defesa da moral e dos bons costumes.

Na análise do meme 5.1, percebemos que os discursos afirmavam a importância de formar as moças para um casamento cristão. É curioso, pois, por mais que a página dissesse que o espaço era aberto a todos, o enfoque estava nas mulheres, o que nos levou a observar, também, a presença de um discurso de submissão da mulher ao homem, e de ambos, a Deus,

---

<sup>57</sup> Conforme Toledo (2018), o eleitor *nem nem* é aquele que demora a decidir seu voto porque não se interessa por extremos, se informa pouco sobre questões políticas alegando ‘não ter tempo’ e costuma decidir seu voto no dia da eleição.

mesmo havendo, na igreja, santas como Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), que lutou, enquanto professora e religiosa, pelo respeito à igualdade de gênero e o direito das mulheres. Esse meme também mostrou como ainda existe, no pensamento brasileiro, a ideia de que cabe à mãe a educação dos filhos, e que essa educação é pensada através de questões de gênero, mantendo diferenças quanto ao que é ‘próprio’ de menina e de menino (brincadeiras, roupas, cores, entre outros). O discurso a respeito do papel da mulher à imagem de Maria, submetendo a mulher ao poderio divino, também se fez presente. Percebemos que o discurso que elenca a mulher como imitadora de uma santa, mas que conserva ao homem a liberdade, mostra um discurso que procura ‘manter a ordem’ daquilo que, outrora, foi naturalizado.

Entretanto, esse mesmo meme não se mostrou plenamente conservador, dada a paráfrase realizada. Se antes cabia à mãe apenas criar os filhos, agora, ela também tem autoridade para definir o que serão, realizando-se plenamente neles, pois, como afirmou Lacan (citado por. Vieira, 2005, p.5), “a mãe se interessa por seus filhos, porque eles a atraem.” Logo, o *ethos* da mulher submissa, sexo frágil, vocacionada ao matrimônio e à maternidade, inapropriada a alguns esportes e sensualizada em outros, torna-se ‘empoderada’ quando o assunto é a forma como criará seus filhos, mesmo que essa educação esteja, ainda, submissa a um modelo tradicionalista.

Na análise do meme 5.2, considerado, a priori, não conservador, percebemos que, apesar de se ter uma intencionalidade em discutir padrões acerca da paternidade, o discurso conservador também se faz presente nele. É fato que usa da ironia para questionar a forma como os grupos conservadores enxergam a criação dos filhos, mas o meme mostrou que a infância ali projetada é inacessível aos brasileiros, que, em sua maioria, não são brancos, ricos e, por isso, não podem comprar uma boneca cara, por exemplo. Observamos que a forma irônica questiona o discurso autoritário em torno da visão de família tradicional, retoma a discussão de gênero sob um outro olhar e, ao mesmo tempo, também traz o discurso racial, no qual um mundo cuja paternidade seja mais participativa ainda é para brancos, pertencentes a um *status* social alto e que têm acesso a diferentes modos culturais.

Já na análise do meme 5.3, notamos a presença do discurso de ódio, principalmente no que tange aos Direitos Humanos para criminosos. A extremada valorização da polícia e da justiça com as próprias mãos também se fez presente, juntamente do discurso religioso, que evocou Deus como discurso de autoridade. Ao trazer a passagem bíblica de Êxodo, o discurso retratado no meme impõe, a quem é do meio conservador e religioso, a afirmação de que Deus é favorável à justiça tal qual era no tempo das leis hamurábicas, cuja pena era dada

conforme o crime. Percebemos, também, que o Decálogo não só embasou o pensamento conservador brasileiro, como constituiu nossas leis e as sustenta até hoje; que esse justicamento está enraizado em nossa cultura desde o período escravocrata, e que o linchamento não se realiza apenas na vida real, mas também virtual, e de modo cotidiano. Esses discursos inflamam discursos alarmistas, potencializando ainda mais a dicotomia bem *versus* mal, polícia *versus* ladrão, dando espaço à ideia de tranquilidade com a liberação das armas como forma de proteção. Contudo, o meme também remonta ao discurso do quinto mandamento da lei divina, que instrui a não matar o próximo, bem como à lei maior ensinada por Cristo. No entanto, a prática de amor e de perdão não se sobrepõem à carnificina travestida de justiça, levando-nos a perceber que o discurso conservador brasileiro, em determinadas páginas dessa rede social, ainda está preso ao Velho, e não ao Novo Testamento.

No meme 5.4 percebemos, ainda, a presença da ironia em um meme cuja tônica também era religiosa, haja vista a presença do Cristo crucificado chamado de bandido, não de modo ofensivo, mas retomando o discurso bíblico, que aqui foi mostrado. Verificamos a presença do discurso homossexual, posto que a página que fez a divulgação pertence a esse grupo, e como tal, se coloca, assim como Cristo, como marginalizados sociais, de modo inconsciente. Percebemos, a partir dessa postagem, que Jesus foi sentenciado injustamente, linchado, perseguido, assassinado, mesmo sendo ele um inocente. A comparação realizada pela página, nessa postagem, chama a atenção dos que professam um discurso de ódio a uma análise profunda do que seja o amor, a misericórdia, a compaixão, o respeito ao próximo, o direito a uma nova chance àqueles que erraram de se reconstituírem e ressignificarem. Essa constituição de sentido já foi, outrora, explicada por Brandão (2012, p.42): “Os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material que se realizam os efeitos de sentido.”

Assim, percebemos que a tônica nos quatro memes é o discurso religioso. Contudo, os outros discursos presentes se atravessam, mas não são iguais nem dizem ‘o mesmo’ já que, conforme Foucault (2008, p. 11), “o jogo das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições” acontecem na cena discursiva, onde o já-dito constitui as formações imaginárias enunciadas. Enquanto o discurso do primeiro meme está preso a uma educação tradicionalista, o do segundo chama a atenção a um modelo diferenciado. Enquanto no terceiro meme, o policial possui o *ethos* de herói, de um vingador, de alguém que livrará a sociedade do mal, no quarto, Cristo não é o Salvador, conforme ensina o cristianismo: o *ethos* é de um derrotado, alguém que perdeu toda a sua glória ao ser crucificado inocentemente.

Quando entrecruzamos esses discursos, percebemos claramente a importância da reflexão de ambos, do quanto formam díades: não é possível um discurso sem o outro, pois, conforme Orlandi (2009), o discurso é uma mediação constituída de formulações determinadas pelas perspectivas do dizível e pela relação estabelecida com o interdiscurso. Logo, não se pode falar de papéis sociais, direitos das mulheres, educação dos filhos, casamento, formação familiar, gênero, vocação, maternidade *versus* paternidade, feminismo, patriarcado, machismo, direitos igualitários, gêneros e esportes, poder, superioridade, raça, autoritarismo, medo, política, justiça, legítima defesa, Direitos Humanos, cristandade sem questionarmos todos os fatores que levam nossa sociedade a enxergar a mulher como submissa, a apoiar uma educação opressora, a entender o casamento somente como o que é ‘natural’, à criminalidade, à marginalização, à necessidade de discutir o que fazer com os criminosos, por que existem, como se mantêm e por que aceitamos a violência sem nem sequer cogitarmos a possibilidade de defesa da vítima, tal qual foi feito, segundo o posicionamento religioso, com Jesus. Mesmo viajando pelo tempo e pela história, são discursos atuais cujos efeitos de sentido permanecem e, ao mesmo tempo, se ressignificam e se constituem, mostrando que a memória discursiva presente neles, os atravessamentos ideológicos em sua sócio-historicidade, as FDs e as FIs, e as vozes heterogêneas cristalizam esses discursos conservadores, até mesmo em lugares cuja tônica “não deveria” pender ao conservadorismo.

O que esperamos é que tudo o que foi apresentado neste trabalho sirva como estímulo para todas as reflexões pertinentes em torno do discurso conservador, em especial, o que é difundido nas redes sociais, que não só constitui o brasileiro, mas que prossegue constituindo, cindindo, clivando, assujeitando e transvalorando – sujeitos e discursos – em sua sócio-historicidade, seja no plano real, seja na *internet*, nessa ‘nova’ simbiose do homem-máquina do século XXI, preso ainda a uma tradição que nos parecia tão distante. Que esta dissertação instigue os leitores a perceberem a importância dos valores éticos e morais, uma vez que a propagação de *fake news* como ‘construção de verdade’ mostrou-se evidente durante a corrida eleitoral nas mídias e que seja um estímulo para pensarmos sobre a importância e a necessidade de reflexões em torno dos valores humanos, além de qualquer discurso. Que haja espaço para a dúvida além da certeza, pois é através da dúvida que nos propomos a analisar, refletir, questionar. Que haja, nesta era, mais espaço para a autorreflexão e menos para a idolatria; que este momento histórico-político possa nos levar ao amor pleno, que não meça o próximo pela sua crença ou descrença, mas sim ao acolhimento do outro em sua plenitude; que conservadores de todas as vertentes ideológicas questionem-se sobre o que propõem, bem

como os não conservadores; que os religiosos e não religiosos deem as mãos pelo bem comum, a fim de que inverdades, principalmente em redes sociais, jamais superem o real apresentado; que nossa geração saiba da importância do conhecimento, sobretudo do conhecimento que leva tempo para ser constituído e que não deve ser odiado ou desconsiderado. Por fim, que o ódio nunca vença. Nem por um instante.

## REFERÊNCIAS

- A ORIGEM DA BARBIE. **A origem das coisas**. Disponível em: <<http://origemdascosas.com/a-origem-da-barbie/>>. Acesso em: 7 Mar. 2017.
- ADAMI, Anna. Memes. **InfoEscola**, 2017. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>>. Acesso em: 05 Ago. 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- AFONSO, Cláudia. A metafísica, o nada e o medo em Heidegger. **Revista Estética e Semiótica**. v. 7, n. 1, p. 115-119. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/viewFile/27071/19095>> Acesso em: 28 Nov. 2017.
- ALAVARCE, CS. A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2009. 208 p. ISBN 978-85- 7983-025-9. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/5dcq3/pdf/alavarce-9788579830259.pdf>>. Acesso em: 23 Ago. 2017.
- ALLAN, Dennis. **Resumos dos Livros da Bíblia: Êxodo e Levítico**. Unidade 2. 2009. *E-book*. Disponível em: <<https://www.estudosedabiblia.net/audio/exelev/exlvcompleto.pdf>>. Acesso em: 20 Out. 2017.
- ALESSI, Gil. Estatuto do Desarmamento salvou 160.000 vidas, calcula estudo. **El País**, 14 Mai. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/13/politica/1431545595\\_563619.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/13/politica/1431545595_563619.html)>. Acesso em: 14 Nov. 2018.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE). 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALVES, Carolina Assunção e. Retórica da imagem em movimento: uma abordagem possível? In. MENDES, Emília (coord.). **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.
- ALVES, Paulo. Possibilidades teóricas da Análise de Discurso e da Hermenêutica para a interpretação histórica. In. GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogério. **Epistemologias da História**: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade. Londrina: Eduel, 2011.
- ALVES, Renato Paredes. **Hostilidades nas redes sociais**: análise das dinâmicas de linchamento virtual a partir de dois casos de fevereiro de 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

ALVIM, Mariana. Com forte apoio popular, projetos contra o desarmamento aceleram para incluir plebiscito na eleição 2018. **BBC Brasil**, 4 Out. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41493672>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

ANDRADA, Alexandre. Olavo de Carvalho: o ideólogo do conservadorismo paranoico nacional. **The Intercept Brasil**, 29 Out. 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/28/olavo-de-carvalho-conservadorismo-paranoico/>>. Acesso em 29 Out. 2018.

ANDRADE, Juan. “Quase custou a vida de dois inocentes”, diz vítima de tentativa de linchamento. **Globo.com**. Seção Região dos Lagos. 6 Abr. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2017/04/quase-custou-vida-de-2-inocentes-diz-vitima-de-tentativa-de-linchamento.html>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ANTÔNIO, Juliano Desiderato; BARBOSA, Camila Takahashi. Relações retóricas estabelecidas por perguntas e respostas em elocuições formais. **TODAS AS LETRAS**, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/3831/3768>>. Acesso em 15 Mar. 2017.

ANTÔNIO, Marcos. A modalidade da vez: basquete. **Surto Olímpico**. 5 Jan. 2012. Disponível em: <<http://www.surtoolimpico.com.br/2012/01/modalidade-da-vez-basquete.html>>. Acesso em: 04 Dez 2017.

ANTUNES, Dinler Amaral. Sobre vacinas e foguetes nos tempos da Terra plana. **Sociedade Brasileira de Imunologia**. 2018. Disponível em: <<http://sbi.org.br/sobre-vacinas-e-foguetes-nos-tempos-da-terra-plana/>>. Acesso em: 15 Ago. 2018.

ANUÁRIO PONTIFÍCIO 2017 REVELA OS DADOS DA IGREJA NO MUNDO. **Arquidiocese de São Paulo**. 7 Abr. 2017. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/anuario-pontificio-2017-revela-os-dados-da-igreja-no-mundo>>. Acesso em: 8 Jun. 2017

APOIO POLICIAL. Meme In: **Facebook**, 08 Out. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FanpageApoioPolicial/photos/a.574928075876390.1073741825.411379318897934/739647362737793/?type=3&theater>>. Acesso em: 12 Nov. 2017.

AQUINO, Felipe. Por que o Brasil é católico? **Blog Canção Nova**. 5 Ago. 2014. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2014/08/05/por-que-o-brasil-e-catolico/>> Acesso em: 23 Mai. 2017.

AQUINO, Felipe. Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). **Cléofas**, 9 Ago. 2012. Disponível em: <<https://cleofas.com.br/santa-teresa-benedita-da-cruz-edith-stein/>>. Acesso em 13 Nov. 2018.

ARAGÃO E RAMIREZ, Heloísa Helena. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 89-105, nov. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 Mai. 2017.

ARANHA, Carla *et al.* A magia das bonecas. **Revista Super Interessante On-line**. 31 Out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/a-magia-das-bonecas/>>. Acesso em: 20 Set. 2017.

ARAUJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. “Quem pergunta quer resposta!” – Perguntas como estratégias de interação na escrita. **Revista Eletrônica Via Litterae**. ISSN 2176-6800. Anápolis, v. 2, n. 2, p. 321-335, Jul./Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5421>>. Acesso em: 17 Jul. 2017.

AROSÉN, Gavin. Adolf Hitler, fã do controle de armas ou pura falácia? **Pragmatismo Político**, 18 Jan. 2013. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/01/adolf-hitler-fa-do-controle-de-armas-ou-pura-falacia.html>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

ARRETCHE, Marta; ARAÚJO, Victor. O Brasil tornou-se mais conservador? Apoio à redistribuição e à taxação no Brasil. **Novos Estudos**; CEBRAP – São Paulo: Especial, p. 15-22, junho de 2017.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8%; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. **Blog Veja**. 18 Fev. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 4 Jun. 2017.

AZEVEDO, Thales de. **1904 - O catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. – Salvador: Edufba, 2002.

BAGATINI, Olga. Buscas por armas disparam no Google com eleição de Bolsonaro. **UOL**, 30 Out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/10/30/buscas-por-armas-disparam-no-google-com-eleicao-de-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 12 Nov. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Alex Durães. Teologia da cruz: um olhar humano ao Deus Crucificado. In. CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, 2, 2015, São Leopoldo. **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. São Leopoldo: EST, v. 2, p. 363 – 375, 2016.

BARBOSA, Letícia. Maternidade, vocação do amor. **Canção Nova**. 9 Mai. 2014. Disponível em: <<http://tv.cancaonova.com/especiais/maternidade-vocacao-do-amor/>>. Acesso em: 23 Mai. 2017.

BARBOSA, Maria Lucia Victor. O PT e as sementes do nazismo. **ABDIC** – Jornal Eletrônico Grito do Cidadão. 2018. Disponível em: <<http://www.abdic.org.br/index.php/1952-o-pt-e-as-sementes-do-nazismo>>. Acesso em: 29 Out. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha.” Entrevista concedida a Ricardo de Querol. **El País On-line**, 8 Jan. 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)>. Acesso em: 25 Ago. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BECKER, Fernanda.; GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Bolsonaro, um candidato que cresceu no Facebook e não quer sair de lá. **El País**, 26 Out. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540388654\\_185690.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540388654_185690.html)>. Acesso em 28 Out. 2018.

BENTES, Ivana. A memética e a era da pós-verdade. **Revista Cult On-line**. 31 Out. 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-memetica-e-a-era-da-pos-verdade/>>. Acesso em: 13 Abr. 2017.

BERLESI, Josué. **História, arqueologia e a cronologia do Êxodo: historiografia e problematizações**. Dissertação (Programa de Teologia). – São Leopoldo: EST/IEPG, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução e direção editorial de Paulo Bazagila. 4ª impressão. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino: edição de estudo**. Tradução de Ivo Storniolo, José Bortolini e José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 54ª ed. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria, 1987.

BITTENCOURT, Renato Nunes: O reacionarismo da opinião pública e seu papel determinante na legitimação ideológica da violência policial. In: **Revista Desafios** 1 (2014), 1, pp. 5-24. URN: <<https://doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2014v1n1p5>>. Acesso em 24 Jun. 2017.

BOLSONARO LIDERA PESQUISA ELEITORAL EM TODOS OS CENÁRIOS; **Ciro cresce e fica em 2º lugar**. **O POVO On-line**, 05 Jun. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/06/pesquisa-eleitoral-aponta-bolsonaro-com-no-minimo-21-das-intencoes-de.html>>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

BOMBONATO, Pedro Guilherme O. Reflexões sobre a ideologia em Pêcheux e Bakhtin: esboço de uma análise corporativa. **Linguasagem**. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao05/artigoic\\_ed05\\_bombonatopgo.php](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao05/artigoic_ed05_bombonatopgo.php)>. Acesso em: 09 Set. 2015.

BONECAS *REBORN*. **GOOGLE SHOPPING**, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=bonecas+reborn&source=univ&tbm=shop&tbo=u&sa=X&ved=0ahUKEwjLxLLjqfbXAhXJWpAKHb4JAO4QsxgIKQ&biw=1366&bih=637>>. Acesso em: 6 Dez. 2017.

BONIS, Gabriel. As origens ideológicas do nazismo. **DW**, 21 Set. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/as-origens-ideol%C3%B3gicas-do-nazismo/a-45591317>>. Acesso em 29 Out. 2018.

BORGES, Gabriela; TRINTA, Aluísio. A fotografia na era do meme: o fenômeno da cocriação. **Blog Literacia das Mídias e das Artes**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<https://literaciesufjf.wordpress.com/2016/12/02/a-fotografia-na-era-do-meme-o-fenomeno-da-cocriacao/>>. Acesso em: 13 Abr. 2017.

BORGES, Rodolfo. Por renovação do Congresso, movimentos independentes disputam espaço com partidos. **El País**, 17 Mai. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526330396\\_211070.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526330396_211070.html)>. Acesso em: 27 Out. 2018.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3ª ed. ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL É LÍDER NA PREOCUPAÇÃO COM AS *FAKE NEWS*. **ABI – Associação Brasileira de Imprensa**, 19 Jun. 2018. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/brasil-e-lider-na-preocupacao-com-as-fake-news/>>. Acesso em 28 Out. 2018.

BRASIL, Ministério Público Federal. **Para o cidadão**. Caso Lava-Jato. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato>>. Acesso em 28 Out. 2018.

BRASÍLIA. **Senado Federal**. Projeto de Lei do Senado nº 378, de 2017. Ementa: Dispõe sobre a fabricação, importação, comercialização, registro, posse e porte de armas de fogo e munição em todo o território nacional. Explicação da Ementa: Institui o Estatuto do Armamento, para disciplinar a fabricação, importação, comercialização, registro, posse e porte de armas de fogo e munição no território nacional. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/131130>>. Acesso em: 30 Dez. 2017. Texto original.

BRINQUEDOS DE MENINA: bonecas mais vendidas de 2017. **Brinquedos.blog**. 2017. Disponível em: <<http://brinquedos.blog.br/brinquedos-de-menina/bonecas-mais-vendidas-de-2017>>. Acesso em: 7 Mai. 2017.

BRITO, Luís Paulo Lima de. **Netiqueta e Educação [manuscrito]**: a importância da etiqueta nos espaços virtuais. Graduação (Universidade Estadual da Paraíba). Campina Grande, Paraíba: 2012.

BRUN, Edna Pagliari. Capa de revista: estratégias argumentativas para a persuasão e a construção da crítica social. **Revista PERcursos Linguísticos**. Vitória (ES). V. 7. N. 14. 2017. ISSN:2236-2592. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/issue/view/760>>. Acesso em: 22 Dez. 2017.

BUARQUE, Daniel. Deu na ‘Time’: onde conservadora do Brasil quer copiar lei de armas dos EUA. **Jusbrasil**, 2015. Disponível em: <<https://caiotargino.jusbrasil.com.br/noticias/255637501/deu-na-time-onda-conservadora-do-brasil-quer-copiar-lei-de-armas-dos-eua>>. Acesso em: 30 Dez 2017.

BUARQUE, Daniel. Onda reacionária toma o Congresso do Brasil, diz 'Le Monde'. **Blog do Brasilianismo**. 9 Nov. 2015. Disponível em: <<https://brasilianismo.blogosfera.uol.com.br/2015/11/09/onda-reacionaria-toma-o-congresso-do-brasil-diz-le-monde/>>. Acesso em: 30 Dez. 2017.

BUCCI, Eugênio. COMO A VIOLÊNCIA NA TV ALIMENTA A VIOLÊNCIA REAL - DA POLÍCIA. **Revista USP**, Brasil, n. 48, p. 68-73, feb. 2001. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32892>>. Acesso em: 29 Jun. 2017.

BUCKERIDGE, Marcos. Deus fez, Lineu organizou. **Revista Pesquisa – FAPESP**. 6 Mar. 2008. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2008/03/06/deus-fez-lineu-organizou/>>. Acesso em: 4 Dez. 2017.

BUSIN, Valéria Melki. **Homossexualidade, religião e gênero**: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **Ducrot**. In. OLIVEIRA, Luciano Amaral (organização). **Estudos do Discurso**: perspectivas teóricas. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAETANO, Camilo. 5 motivos pelos quais o Partido dos Trabalhadores (PT) lembra o Nazismo. **Ilisp**, 03 Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.ilisp.org/artigos/5-motivos-pelo-qual-o-partido-dos-trabalhadores-pt-lembra-o-nazismo/>>. Acesso em 28 Out. 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Direitos Humanos ou “privilégios de bandidos?” Desventuras da democratização brasileira. Desventuras da democratização brasileira." In. **Novos Estudos** n. 30, Julho, 1991. Disponível em: <<https://politicaedireitoshumanos.files.wordpress.com/2011/10/teresa-caldeira-direitos-humanos-ou-privilegios-de-bandidos.pdf>>. Acesso em: 28 Set. 2017.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Violência, direitos e cidadania: relações paradoxais. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 44-46, 2002. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252002000100021&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Dez 2017.

CALLSAUL VÍDEO. **Armas e cristianismo** – uma visão histórica, por Benê Barbosa. *Youtube*. 1 Mai. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=454&v=\\_YDyZHXS0](https://www.youtube.com/watch?time_continue=454&v=_YDyZHXS0)>. Acesso em: 14 Jan. 2018. (90 min.).

CAMPOS, Lorraine Vilela. Por que Maio é o mês das noivas? **Brasil Escola**, 2016. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/mes-das-noivas.htm>>. Acesso em: 29 Abr. 2017.

CAPÍTULO DEZESSETE: “Eis a escrava de Jeová”. **JW – Testemunhas de Jeová**. 2017. Disponível em: <<https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/verdadeira-fe/anjo-gabriel-visitaria/>>. Acesso em: 30 Jun. 2017.

CARBONE, Silvia Maria. Justiceiros: agentes e vítimas da violência? **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 3, Mar. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14250>>. Acesso em 23 Dez. 2017.

CARPANEZ, Juliana. Ataques recentes colocam violência política na rotina do brasileiro. **UOL**, 12 Out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/12/odio-agressao-ataque-violencia-politica-eleicoes-2018-bolsonaro-haddad.htm>>. Acesso em 28 Out. 2018.

CARTAZES & TIRINHAS LGBT. Meme. In. **Facebook**. 11 Jan. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CartazesLgbt/photos/a.228904437209393.37771.228900067209830/1034172093349286/?type=3>>. Acesso em 12 Nov. 2017.

CARVALHO, Fabiana Castro. Interdiscurso, cenas de enunciação e ethos discursivo em canções de Azael Alves. **Revista PERcursos Linguísticos**. Vitória (ES). v. 3. n. 1. p. 82-98. 2011 (edição especial). Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/1746>>. Acesso em: 23 Dez. 2017.

CARVALHO, Olavo de. **O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo**. – Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

CARVALHO, Olavo de. **Desarmamento é engenharia do comportamento**. *Youtube*. 21 Jan. 2013 Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Gx9ju\\_Ksqvg](https://www.youtube.com/watch?v=Gx9ju_Ksqvg)>. Acesso em: 18 Jan. 2018 (14m 52s).

CASTRO, Janaína. Como funciona o Facebook? **Nova Escola**, 2011. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/internet/historia-do-facebook/>>. Acesso em: 05 Ago. 2018.

CAVALCANTI, Hylda. Câmara tem maior renovação dos últimos 24 anos, mas fica mais conservadora. **Rede Brasil Atual**, 8 Out. 2018. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/eleicoes-2018/camara-tem-maior-renovacao-dos-ultimos-24-anos-mas-fica-mais-conservadora>>. Acesso em 27 Out. 2018.

CERTEAU, Michel de. **Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARADEAU, Patrick. **Dicionário de análise de discurso**. / Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3ª.ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Marcella. A (sensual) história da Barbie. **Revista Super Interessante On-line**, 4 Mai. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/a-sensual-historia-da-barbie/>>. Acesso em: 7 Jun. 2017.

CHAUI, Marilena. **Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político**. In. BORON, Atilio A. **Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania**. 1ª ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2006. Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolconbr/ChauI.pdf>>. Acesso em: 28 Mai. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 1ª ed. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 15ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos, v. 13).

CIDADE, R.E.A. **A mulher e o esporte: o processo civilizador e o envolvimento feminino nos esportes**. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). Universidade Estadual de Londrina, 2004.

CNI/IBOPE: 46% da população é a favor da pena de morte. **Isto é**. 19 Jan. 2011. Disponível em:

<[https://istoe.com.br/169547\\_CNI+IBOPE+46+DA+POPULACAO+E+A+FAVOR+DA+PENNA+DE+MORTE/](https://istoe.com.br/169547_CNI+IBOPE+46+DA+POPULACAO+E+A+FAVOR+DA+PENNA+DE+MORTE/)>. Acesso em: 23 Dez. 2017.

COMPARAÇÃO. **Figuras de Linguagem**, 2018. Disponível em:

<<https://www.figurasdelinguagem.com/comparacao/>>. Acesso em 29 Out. 2018.

CONFIRA 50 CURIOSIDADES SOBRE OS 50 ANOS DA BARBIE. **TERRA**. 12 Fev. 2009. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/confira-50-curiosidades-sobre-os-50-anos-da-barbie,ea086ee9f9e27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 Mai. 2017.

CONSELHO CONSULTIVO SOBRE *INTERNET* E ELEIÇÕES DISCUTE IMPACTO DAS *FAKE NEWS*. **TSE**, 10 Out. 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/conselho-consultivo-sobre-internet-e-eleicoes-discute-impacto-das-fake-news>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

CONSERVADORES VENCEM ELEIÇÃO NA AUSTRÁLIA. **O Globo**, 7 Set. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/conservadores-vencem-eleicao-na-australia-9869320>>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

COSTA, Edna. Qual a origem da expressão: mãe coruja? **Blog Pausa pra prosa**. 21 Mar. 2011. Disponível em: <<http://pausapraprosa.blogspot.com/2011/03/qual-origem-da-expressao-mae-coruja.html>>. Acesso em: 20 Dez. 2017.

COSTA, Marvin. Como criar memes com fotos de celular? **TECH TUDO**, 28 Jun. 2015. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/06/como-criar-memes-com-fotos-do-celular.html>>. Acesso em: 12 Abr. 2017.

COUTINHO, João Pereira. **Por que virei à direita?** São Paulo: Três Estrelas, 2016.

CRIADORA DA BONECA BARBIE MORRE AOS 85 ANOS. **BBC Brasil**. 28 Abr. 2002. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020428\\_barbie.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020428_barbie.shtml)>. Acesso em: 4 Mai. 2017.

CRUZ, Ivan. Dez princípios conservadores, por Russel Kirk. **Blog 10 princípios**, 13 Out. 2015. Disponível em: <<http://10principios.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 11 Out. 2016.

CRUZ, Michelle Brugnera. Bonecas, diversidade inclusão: brincando com as diferenças. **Rev. Psicopedagogia** 2011; 28 (85): 41-52. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/05.pdf>>. Acesso em: 21 Set. 2017.

CURY, Daniel Gonçalves *et al.* A influência da religião cristã na formação de posicionamentos referentes à homossexualidade. **Perspectivas em Psicologia**, Vol. 17, N. 2, Jul/Dez 2013, p. 51-65. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/28039>>. Acesso em: 17 Jul. 2017.

DESIDÉRIO, Plabo Marcos Martins. O sujeito virtual nas mídias sociais: contribuições da Análise do Discurso para a compreensão de *fakes*. **Revista Mosaico**, v.6, n.1, p. 121-130, Jan/Jul 2013.

DETIENNE, Claude Valentin René. **O lugar histórico do intérprete**: estudos sobre a história da interpretação de Êxodo 3 à luz das teorias hermenêuticas [manuscrito]. Tese (Stricto Sensu – Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. – 2011.

DI CIOMMO, Regina. A boneca Barbie e o modelo de beleza irreal que traz consequências para a saúde das mulheres. **Plano de saúde.net**. 22 Nov. 2016. Disponível em: <<https://www.planodesaude.net/o-modelo-de-beleza-irreal>>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas – SP. Pontes Editora. 2018.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. O emprego doméstico no Brasil. **Estudos e Pesquisas**. N. 68 – Ago. 2013. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/estudosetorial/2013/estPesq68empregoDomestico.pdf>>. Acesso em: 01 Dez. 2017.

DINIZ, Augusto. “O Estatuto do Desarmamento fracassou na redução da criminalidade.” **Jornal Opção**, 07 Out. 2017. Edição 2204. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/o-estatuto-do-desarmamento-fracassou-na-reducao-da-criminalidade-106894/>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

DONATELLI, Dante. Os conservadores e seus medos. **Obvious**. Seção: Sociedade. Jun. 2015. Disponível em: <[http://obviousmag.org/obra\\_das\\_palavras/2015/06/os-conservadores-e-seus-medos.html](http://obviousmag.org/obra_das_palavras/2015/06/os-conservadores-e-seus-medos.html)>. Acesso em: 15 Nov. 2017.

ECO, Umberto. Umberto Eco: “O excesso de informação provoca amnésia.”. **Revista Época**. 30 Dez. 2011. Entrevista concedida a Luis Antonio Giron. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>>. Acesso em: 25 Ago. 2018.

EMÍLIA. A origem da boneca. **Blog The Word Dolls**, 12 Mar. 2009. Disponível em: <<http://theworddolls.blogspot.com/2009/03/origem-da-boneca.html>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

- ESCRAVOS NO JUDAÍSMO. **Chabad.org**, 2011. Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/1595122/jewish/Escravos-no-judasmo.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1595122/jewish/Escravos-no-judasmo.htm)>. Acesso em: 01 Jul. 2017.
- FABER, Marcos Emílio Ekman. Uma breve história dos hebreus. **História Livre**, 2015. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/antiga/hebreus.htm>>. Acesso em: 10 Nov. 2017.
- FARIAS, Cynthia Nunes de Freitas; LIMA, Glaucineia Gomes de. A relação mãe-criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. **Revista Estilos da Clínica**, 2004, Vol. IX, no 22 16, 12-27. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v9n16/v9n16a02.pdf>>. Acesso em: 7 Abr. 2017.
- FEITOSA, Kenia Lima; ALMEIDA, Marcos Bezerra de. Basquetebol feminino: breve histórico e tendências atuais. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 16, Nº 162, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd162/basquetebol-feminino-breve-historico-e-tendencias-atuais.htm>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.
- FERNANDES, Cláudio. Dia das Mães. **Brasil Escola**, 2017. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-das-maes.htm>>. Acesso em: 29 Abr. 2017.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. **Letras**, [S.l.], n. 27, p. 39-46, Nov. 2013. ISSN 2176-1485. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896>>. Acesso em: 27 Nov. 2017:
- FIGUEIRÊDO, Eduardo. A influência das cores na publicidade e propaganda. **Marketing Moderno**. 28 Dez. 2016. Disponível em: <<http://www.marketingmoderno.com.br/a-influencia-das-cores-na-publicidade-e-propaganda/>>. Acesso em: 7 Mar. 2017.
- FILHO, Luís Francisco Carvalho. Impunidade no Brasil: Colônia e Império. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 181 - 194, Aug. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 Dez. 2017.
- FILHO, Valmar Hupsel. “Arma é garantia de nossa liberdade”, defende Bolsonaro em Curitiba. **Exame**, 15 Out. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/arma-e-garantia-de-nossa-liberdade-defende-bolsonaro-em-curitiba/>>. Acesso em: 28 Out. 2018.
- FILHO, Walter Barbosa Lacerda. Breve panorama da Análise do Discurso como Disciplina Científica. **Faculdades Cearenses**. Revista 2, v. 3, n. 1, artigo 4, 2012.
- FLOR, Patrícia. Esporte feminino venceu preconceitos e tradições. **Revista Digital Livre Esporte**, 11 Mar. 2011. Disponível em: <<http://www.livresportes.com.br/reportagem/esporte-feminino-venceu-preconceitos-e-tradicoes>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.
- FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves – 7ª. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. 5ª ed. São Paulo, Loyola; 1999.
- FOUCAULT, Michael. **A palavra e as coisas**. 8ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Thyago Madeira. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêuchex. **INTERLETRAS**, ISSN N° 1807-1597. V. 4, Edição número 22, de Outubro/2015 a Março/ 2016 – p. 1-10. Disponível em: <[http://www.interletras.com.br/ed\\_anteriores/n22/artigos/17.pdf](http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n22/artigos/17.pdf)>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

FREITAS, Ana. **Justiça com as próprias mãos**: uma realidade cotidiana. **Nexo**, 15 Mar. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/03/15/Justi%C3%A7a-com-as-pr%C3%B3prias-m%C3%A3os-uma-realidade-cotidiana>>. Acesso em: 23 Set. 2017.

FREITAS, Ana Karina Miranda de. Psicodinâmica das cores em comunicação. **Revista NuCom**. Limeira/SP – Ano 4, n. 12 – De Outubro à Dezembro de 2017. Disponível em: <[http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica\\_das\\_cores\\_em\\_comunicacao.pdf](http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf)>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e *et al.* Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 1, p.85-90, Fev. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102009000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

FUNDAÇÃO WIKIPÉDIA. Seleção brasileira de futebol feminino. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o\\_Brasileira\\_de\\_Futebol\\_Feminino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol_Feminino)>. Acesso em: 23 Out. 2017.

FUNDAÇÃO WIKIPÉDIA. História do futebol do Brasil em **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_do\\_futebol\\_do\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_futebol_do_Brasil)>. Acesso em: 23 Out. 2017.

FURLANETTO, Maria Marta. Pontuação e discurso: para além da gramática. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Artigo apresentado durante o IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO/ 1969-2009: **Memória e história na/da Análise do Discurso**. P. 1-7. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/MariaMartaFurlanetto.pdf>> Acesso em: 13 Ago. 2017.

GARCIA, Afrânio. TIPOS DE DISCURSO. **Revista SOLETRAS**, [S.l.], n. 5-6, p. 186-190, Dez. 2012. ISSN 2316-8838. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4469>>. Acesso em: 29 Nov.2017.

GARCIA, Everthon. Bandido bom, é bandido morto. **Conservadorismo do Brasil**, 13 Mai. 2017. Disponível em: <<http://www.conservadorismodobrasil.com.br/2017/05/bandido-bom-e-bandido-morto.html>>. Acesso em: 22 Dez. 2017.

GARCIA, Everthon. Armas e leis: é isso que intimida os criminosos. **Conservadorismo do Brasil**. 13 Mai. 2017. Disponível em: <<http://www.conservadorismodobrasil.com.br/2017/05/armas-e-leis-e-isso-que-intimida-os-criminosos.html>>. Acesso em: 22 Dez. 2017.

GARCIA, Janaina. Após ser condenado a 623 anos por massacre, coronel Ubiratan foi absolvido e assassinado em 2006. 6 Abr. 2013. **UOL – Seção Cotidiano**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/04/06/condenado-a-623-anos->

por-massacre-coronel-ubiratan-foi-absolvido-e-assassinado-em-2006.htm>. Acesso em: 2 Dez. 2017.

GAROTA CONSERVADORA. Meme. In: **Facebook**. 3 Mai. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/gconservadora/photos/a.906785519466863.1073741828.778933445585405/1133767090102037/?type=3&theater>>. Acesso em: 5 Nov. 2017.

GRANDIN, Felipe; OLIVEIRA, Leandro; ESTEVES, Rodrigo. Percentual de voto nulo é o maior desde 1989; soma de abstenções, nulos e brancos passa de 30%. **Globo**, 28 Out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/28/percentual-de-voto-nulo-e-o-maior-desde-1989-soma-de-abstencoes-nulos-e-brancos-passa-de-30.ghtml>>. Acesso em 13 Nov. 2018.

GUERRA, Claudia Bucceroni. As cores em Wittgenstein: da fenomenologia aos jogos de linguagens e a fotografia digital. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 2 n. 2, p. 66-79, Mar./ Set. 2016. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1767>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. Ler um texto uma perspectiva enunciativa. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 12, n. 2, Dez. 2013. ISSN 0102-7158. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/38246>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas, Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, Maira. **A religiosidade como estratégia de argumentação no discurso icônico**. In MENDES, Emília (coordenação). **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêuchex (1969). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêuchex**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

HISTÓRIA DOS JUDEUS NO BRASIL. **CONIB**, 2017. Disponível em: <[http://www.conib.org.br/historia?gclid=CjwKCAiAjuPRBRBxEiwAeQ2QPs\\_SEdj\\_Z3sUuEO5\\_7LMzA5Miqfv1QdzBdsucuHnBDJwerTF8Ae\\_khoCk2YQAvD\\_BwE](http://www.conib.org.br/historia?gclid=CjwKCAiAjuPRBRBxEiwAeQ2QPs_SEdj_Z3sUuEO5_7LMzA5Miqfv1QdzBdsucuHnBDJwerTF8Ae_khoCk2YQAvD_BwE)>. Acesso em :18 Dez. 2017.

HOBBSAWN, E. J. **Bandidos**. 1ª edição. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Editora Forense, Rio de Janeiro, 1975.

IDLEMAN, Shane. Porte de armas: o que a Bíblia realmente diz? In: **Blog Julio Severo**. Tradução e publicação Júlio Severo. 27 Out. 2015. Disponível em: <<http://juliosevero.blogspot.com/2015/10/porte-de-armas-o-que-biblia-realmente.html>>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta apostólica *Mulieris dignitatem*** (Sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano). São Paulo: Paulinas, 1988.

JOSÉ GUILHERME GODINHO FERREIRA, o delegado aposentado e ex-deputado Sivuca, dá um recado sempre atual. **Amigos da Guarda Civil**. 26 Out. 2013. Disponível em: <<http://amigosdaguardacivil.blogspot.com/2013/10/jose-guilherme-godinho-ferreira-o.html>>. Acesso em 23 Dez 2017.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 5ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2000.

JUNGES, Rafaela. **Meninos que brincam com bonecas viram meninas?** Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. Graduação (Pedagogia) UNIVATES: Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/712/1/2014RafaelaJunges.pdf>>. Acesso em: 3 Set. 2017.

JUNIOR, Dante de Rose. O basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos: de Berlin a Atenas. **Revista Digital** - Buenos Aires – Año 10 - N° 80 - Enero de 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd80/basquet.htm>>. Acesso em: 30 Nov. 2017.

KAMENETZ, Simone. Do que as pessoas têm medo? *Blog do Noblat –O Globo On-line*. 18 Out. 2017. Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com/geral/noticia/2017/10/do-que-pessoas-tem-medo.html>>. Acesso em: 12 de Nov. de 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16:** de um outro ao outro. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução M.D. Magno. – Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

LEITE, Alexandra Ribeiro. Homens católicos com práticas sexuais: o lugar da religião na produção de sentidos. **Revista Interfaces Científicas** – Humanas e Sociais. Aracaju. V.5. N.2. p. 33 – 42. Out. 2016 ISSN impresso 2316 – 3348. E-ISSN 2316 – 3801 Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/download/2834/1917>> Acesso em: 30 Mar. 2017.

LILÁS: a cor que tranquiliza os ambientes da casa. **M de Mulher**. 27 Out. 2011. Disponível em <<https://mdemulher.abril.com.br/familia/lilas-a-cor-que-tranquiliza-os-ambientes-da-casa/>>. Acesso em: 12 Abr. 2017.

LIMA, José R.; SANTOS, Ivaldo O. O discurso e as transformações sociais. **Revista de Ciências HUMANAS**, v. 47, n. 2, p. 184 – 197, Out. 2013.

LONGO, Fabrício. Por que menino não pode brincar de boneca? **Revista Fórum On-line:** Seção *Os Entendidos*, 14 Out. 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/10/14/por-que-menino-nao-pode-brincar-de-boneca/>>. Acesso em: 10 Set. 2017.

LOPES, Janara. A polêmica da Virgem Barbie. **Ideia Fixa**, 2014. Disponível em: <<https://www.ideafixa.com/oldbutgold/polemica-da-virgem-barbie>>. Acesso em: 25 Jun. 2017.

LYNCH, Cyril; EDWARD, Christian. O pensamento conservador ibero-americano na era das independências (1808 – 1850). **Lua Nova** [em linea] 2008, (Sin mes) Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67313615004>> Acesso em: 17 Mai. 2017.

M., GUILHERME. O quebrador de tabus. **Revista Trip – UOL**, 26 Jul. 2016. Entrevista concedida a Juliana Sayuri. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-guilherme-m-criador-da-fanpage-quebrando-tabu>>. Acesso em: 30 Nov. 2017.

MACEDO, Gabriela. Simbologia da coruja. **Portal dos animais**. 13 Dez. 2016. Disponível em: <<http://www.portaldosanimais.com.br/informacoes/simbologia-da-coruja/>>. Acesso em: 20 Dez. 2017.

MACEDO, Karen Tank Mercuri. **Linchamentos virtuais: paradoxos nas relações sociais contemporâneas**. Dissertação (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na Área de Modernidade e Políticas Públicas). – Limeira, SP: [s.n.], 2016.

MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [s.l.], v.9, n. 1, p. Port. 108-128 / Eng. 118 – 137, jun. 2014. ISSN 2176-4573. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/13840/14753>>. Acesso em: 23 Ago. 2017.

MAGNUS, Fernando. A influência da fotografia na publicidade. **PLUGCITÁRIOS**. 24 Nov. 2016. Disponível em: <<http://plugcitarrios.com/blog/2016/11/24/influencia-da-fotografia-na-publicidade/>> Acesso em: 13 Abr. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. – 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S.(Orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008:11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Texto de Comunicação**. 3ª ed. São Paulo, Cortez; 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução Freda Indusky: Campinas, SP. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed. 1997.

MALISKA, Maurício Eugênio; SOUZA, Silvana Colares Lúcio de. Os efeitos de sentido da ironia e do humor: uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda. **Recorte – Revista Eletrônica**. ISSN 1807-8591 Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR V. 11 - N.º 1 (Janeiro-Junho - 2014). Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495>>. Acesso em: 15 Nov. 2017.

MASCARENHAS, Eduardo. **Psicanálise do pensamento neoconservador: o que é ser social-democrata hoje?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MASSARUTO, Filippo Antonio. *et al.* Educomunicação: o meme enquanto gênero textual a ser utilizado na sala de aula. **Revista Pandora Brasil** - N° 83 - Junho 2017 ISSN 2175-3318 - "Letras em Foco".

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história das interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/107167349/Atraves-da-Imagem-Fotografia-e-Historia-Interfaces>>. Acesso em: 13 Abr. 2017.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. Tradução de Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Discurso e imagem: transformações do cânone visual nas mídias digitais** / Tese Doutorado: Araraquara, SP – 2014.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso: um campo de reformulações**. Artigo disponível em **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. São Carlos: Claraluz, 2009. *E-Book*.

MEDO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/medo>>. Acesso em: 13 Out. 2017.

MEISTER, Mauro Fernando. Olho por olho: a Lei do Talião no Contexto Bíblico. **FIDES REFORMATATA XII**, Nº 1 (2007): 57-71. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_XII\\_\\_2007\\_\\_1/mauro.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XII__2007__1/mauro.pdf)>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

MELO, Lafayette Batista. Aforização em redes sociais: o discurso na interação humano-computador-humano. **Anais do 6º Workshop sobre Aspectos da Interação Humano-Computador para a Web Social (WAIHCWS'15)**. Unidade Acadêmica de Informática – IFPB: João Pessoa, PB – 2015.

MENDES, Emília. **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MENEZES, Renata. Bebê *reborn*: mulheres cuidam de bonecas realistas como se fossem de verdade. **Revista Crescer On-line** – Editora Globo. 6 Abr. 2017. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2017/04/bebes-reborn-mulheres-cuidam-de-bonecas-realistas-como-se-fossem-de-verdade.html>>. Acesso em: 3 Dez. 2017.

MICHAELIS ONLINE. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=1pqq>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

MILITÃO, Eduardo. Brasil elegerá um presidente réu pela 1ª vez desde a redemocratização. **UOL**, 20 Out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/28/brasil-elegera-um-presidente-reu.htm>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

MINOTTO, Elias. O nazismo e sua aproximação ao socialismo. **Instituto Liberal**, 19 Set. 2018. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/nazismo-e-sua-aproximacao-ao-socialismo/>>. Acesso em 29 Out. 2018.

MITSUKO, Katya Z. B. Juventude e pensamento conservador no Brasil: a constituição de uma “vanguarda brasileira” em tempos de ditadura civil-militar no Brasil (1961 – 1970). **37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de Outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

MONTFORT, S. Luís Maria Grignon de. **Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem**. 31ª ed. Petrópolis, RJ – Editora Vozes, 2002.

MORAIS, Marlene Notelio de. Mulher conservadora e Modernidade. **Blog Garota Conservadora**, 22 Set. 2016. Disponível em: <<https://garotaconservadora.com/2016/09/22/o-carater-da-mulher-conservadora-e-seu-impacto-na-sociedade-contemporanea/amp/>>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

MORAIS, Marlene Notelio de. Submissão feminina: a Bíblia é machista? **Blog Garota Conservadora**, 29 Set. 2016. Disponível em: <<https://garotaconservadora.com/2016/09/29/submissao-feminina-a-biblia-e-machista/comment-page-1/>>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; BORGES, Adriana Araújo Pereira. A castração e seus destinos na construção da paternidade. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 71-81, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652010000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Nov. 2017.

MOURA, Ozeas Caldas. LEIS MOSAICAS: PLAGIADAS DO CÓDIGO DE HAMURÁBI?. **Literatura Bíblica. Hermenêutica**, Volume 6, 19-26. 2006, Centro de Pesquisa de Literatura Bíblica. Disponível em: <<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/viewFile/199/195>> Acesso em: 19 Dez. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**-PENESB-RJ, 05/11/03 Universidade Federal de Minas Gerais – UFGM. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acesso em: 4 Dez. 2017.

MUNHOZ, Vinícius. Por conta de uns rumores falsos no WhatsApp, inocentes são linchados na Índia. **TECMUNDO**. 26 Mai. 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/whatsapp/117125-conta-rumores-falsos-whatsapp-inocentes-linchados-india.htm>>. Acesso em: 7 Nov. 2017.

MUNIZ, Montgomery Wellington. “Bandido bom é bandido morto! (?)”. **BDJur**. Brasília, DF. 2009. Disponível em: <<http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/26428>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

MURPHY, Verity. Estudo do Vaticano diz que a Inquisição torturou e matou menos do que se pensava. **BBC Brasil**, 16 Jun. 2004. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2004/06/printable/040616\\_vaticanoms.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2004/06/printable/040616_vaticanoms.shtml)> Acesso em: 18 Set. 2017.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso** In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3ª.ed. São Paulo: Cortez, 2003

MUSSKOPF, André Sidnei. Deus é brasileiro! Mas que brasileiro? **Revista Mandrágora – Gênero e Religião nas Artes**. v.15, n.15, p. 26 – 34. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/677>>. Acesso em: 20 Out. 2017.

NABAIS, João-Maria. A arte do retrato n'As Meninas de Velásquez. **Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO** Porto 2007 I Série vol. V-VI, pp. 363-389. Disponível em:

<[http://tv.up.pt/uploads/attachment/file/317/A\\_Arte\\_do\\_Retrato\\_As\\_Meninas\\_de\\_Velasquez.pdf](http://tv.up.pt/uploads/attachment/file/317/A_Arte_do_Retrato_As_Meninas_de_Velasquez.pdf)> Acesso em: 3 Dez. 2017.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. O que são direitos humanos? **ONUBR**, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **A história da Organização**. **ONUBR**, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/historia/>>. Acesso em: 25 Out. 2017.

NARCISO, Luiz Fernando Santos. **“CURTIR”**: reflexões sobre um festo enunciativo no *Facebook*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. 2015.

NASCIMENTO, Edilaine P.; SILVA, Ruteléia C. S. “Questão social”: entre o conservadorismo e a emancipação humana. **Repositório Institucional UFSC**, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180044>> Acesso em: 23 Dez. 2018.

NEGROS REPRESENTAM 54% DA POPULAÇÃO DO PAÍS, mas são só 17% dos mais ricos em. **UOL**. 4 Dez. 2015. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em: 18 Ago. 2017.

NUNES, Samira Bueno. **Bandido bom é bandido morto**: a opção ideológico-institucional da política de segurança pública na manutenção de padrões de atuação violentos da polícia militar paulista. Dissertação (Administração Pública). Fundação Getúlio Vargas. – São Paulo, 2014.

O IMPACTO DAS FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS. **CNseg**, 16 Jan. 2018. Disponível em: <<http://cnseg.org.br/cnseg/servicos-apoio/noticias/o-impacto-das-fake-news-nas-eleicoes-presidenciais.html>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

O QUE É A MARCAÇÃO E COMO ELA FUNCIONA? **Facebook**, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/124970597582337/>>. Acesso em: 2 Dez. 2017.

O SIGNIFICADO DAS CORES: o branco em Propaganda, Publicidade e Marketing. **Portal do Marketing Net**. 21 Jul. 2014. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.net.br/o-significado-das-cores-o-branco-em-propaganda-publicidade-e-marketing/>> Acesso em: 7 Mar. 2017.

OAKESHOTT, Michael. **Ser Conservador**. *E-book*, 2012. Disponível em: <[https://direitasja.files.wordpress.com/2012/04/serconservador\\_oakeshott.pdf](https://direitasja.files.wordpress.com/2012/04/serconservador_oakeshott.pdf)>. Acesso em: 04 Mai. 2015.

OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Tradução André Bezamat. Editora Âyné: Itália, 2016.

OLIVEIRA, Edson. Psicologia das cores no marketing e nas vendas: infográfico completo. **Mais Persuasão**. 25 Jan. 2015. Disponível em: <<https://maispersuasao.com.br/psicologia-das-cores>>. Acesso em: 12 Jun. 2017.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O ETHOS em(cena): a força argumentativa do humor. **VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO. ISSN 2316-3267**, [S.l.], n. 3, p. 4-24, Maio 2013. ISSN 2316-3267. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/15268>>. Acesso em: 27 Mai. 2018.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Sérgio. Futebol feminino no Brasil – A História. **Última Divisão**. 8 Fev. 2011. Disponível em: <<https://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia/>> Acesso em: 23 Nov. 2017.

OLIVEN, Rubem George. A violência como mecanismo de dominação e como estratégia de sobrevivência. In: Violência e cultura no Brasil [online]. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisa Social**, 2010, pp. 5-13. ISBN 978-85-7982-006-9. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/b8n7j/pdf/oliven-9788579820069-02.pdf>>. Acesso em: 8 Dez. 2017.

ORLANDI, Eni P. **Ciência da Linguagem e Política: anotações ao pé das letras**. Campinas – SP, Pontes Editores, 2014.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª ed., Campinas – SP, Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. **Discursividade**. Edição nº 09 - Janeiro/2012 - Maio/2012 - ISSN - 1983-6740. Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>> Acesso em: 23 Mar. 2017.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. São Paulo, Editora Pontes; 2009.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. 5ª ed. – São Paulo, Cortez Editora, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas – SP, Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, Eni P. Texto e Discurso. In **ORGANON**. Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v.9, n.23. 1995.

ORSI, Carlos. Com 10% das armas dos EUA, Brasil tem taxa de homicídios com armas de fogo 5 vezes maior. **Gazeta do Povo On-line**. Seção Ideias, 3 Out. 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/ideias/com-10-das-armas-dos-eua-brasil-tem-taxa-de-homicidios-com-armas-de-fogo-5-vezes-maior-6zn5gstr2xtthjth8y77xsi67>>. Acesso em: 29 Dez. 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Tradução de Marylene Pinto Michel. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007, Coleção Tópicos.

OS FARAÓS DA BÍBLIA. **IADRN**. 4 Fev. 2012. Tradução e compilação: Pr. José Silva. Disponível em: <<http://iadrn.blogspot.com/2012/02/os-faraos-da-biblia.html>>. Acesso em: 28 Dez 2017.

**OUTSIDERS**. **JusBrasil**, 2009. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/26392097/outsidere>>. Acesso em 29 Out. 2018.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais: arte e decadência de Nerfette a Emily Dickinson**. Tradução de Marcos Santarrita. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAPA MUDA DOCTRINA DA IGREJA E PENA DE MORTE PASSA A SER INADMISSÍVEL. **Folha de São Paulo**. 2 Ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/papa-muda-doutrina-da-igreja-e-torna-pena-de-morte-inadmissivel.shtml>>. Acesso em: 04 Ago. 2018.

PARDO, Aristides Leo. O futebol feminino no Brasil. **Leituras da História**. 10 Fev. 2017. Disponível em: <<http://leiturasdahistoria.com.br/o-futebol-feminino-no-brasil/>>. Acesso em: 18 Ago. 2017.

PAULO VI, Papa. **Carta Encíclica Mense Maio** (por ocasião do mês de maio). São Paulo: Paulinas, 1965.

PÊCEGO, Antônio José F. de S. Bandido bom é bandido morto!? Uma frase da década de 80 que renasce como ditado popular. **Empório do Direito**, 7 Nov. 2016. Disponível em: <<http://emporiiodireito.com.br/leitura/bandido-bom-e-bandido-morto-uma-frase-da-decada-de-80-que-renasce-como-ditado-popular>>. Acesso em: 30 Dez. 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **A Análise de Discurso: três épocas**. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O mecanismo do (des) conhecimento ideológico**. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966. p. 143-166.

PECK, Emily. A surpreendente volta por cima da Barbie tem tudo a ver com raça. **HUFFPOST Edição Brasileira**. 16 Mar. 2017. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/16/a-surpreendente-volta-por-cima-da-barbie-tem-tudo-a-ver-com-raca\\_a\\_21898695/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/16/a-surpreendente-volta-por-cima-da-barbie-tem-tudo-a-ver-com-raca_a_21898695/)>. Acesso em: 30 Mai. 2017.

PEDROSA, Edmar dos Santos. A disciplina militar como escusa de consciência. **Revista Ensaios Teológicos** – Vol. 02 – Nº 02 – P. 40 – 55. – Dez/2016 – Faculdade Batista Pioneira – ISSN 2447-4878

PEDROSO, Ten. Armas utilizadas pelas polícias militares. **Blog Força Policial**. 16 Ago. 2010. Disponível em: <<https://forcapolicial.wordpress.com/2010/08/16/armas-utilizadas-pelas-policias-militares/>>. Acesso em: 27 Dez. 2017.

PEIL, Luciana Marins Nogueira; MESQUITA Roberto Maluf de. **Basquetebol Feminino**. In: DACOSTA, Lamartine, Pereira (org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2002.

PERCÍLIA, Eliene. Em nome da Mãe. **Brasil Escola**, 2017. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/em-nome-mae.htm>>. Acesso em: 29 Mai. 2017.

PEREIRA, Antonia Suelle de Souza Alves. Funções discursivas dos processos referenciais – uma rediscussão dos critérios de análise. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

PERETTI, Clélia. A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein. **Estudos e Pesquisa em Religião**, v. 02 – n. 02, 2013.

PEROTI, Denise. Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001 como ironia. **Folha de São Paulo on-line**, 13 Ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>>. Acesso em: 15 Ago. 2018.

PIMENTEL, Fernando José Castim. Um pequeno resumo do memorial da paixão e morte de Jesus. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife-PE, v. 4, n. 8, p. p. 347-351, Fev. 2014. ISSN 2178-8162. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/314>>. Acesso em: 29 Mai. 2017.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Violência, crime e sistemas policiais em países de novas democracias. **Tempo Social**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 43-52, Jun. 1997. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86438>>. Acesso em: 23 Mar. 2017.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação & Sociedade** [em linea] 2007, 28 Out. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/873/87313704007/>>. Acesso em: 7 Dez. 2017. ISSN 0101-7330.

PINTO, Paula Cosme. Porque que é que os meninos não devem brincar com bonecas? **Expresso**: Seção *A vida de saltos altos*, 1 Mar. 2017. Disponível em: <[https://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet\\_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2017-03-01-Porque-que-os-meninos-naodevembrincar-com-bonecas-#gs.P3fvlwk](https://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2017-03-01-Porque-que-os-meninos-naodevembrincar-com-bonecas-#gs.P3fvlwk)>. Acesso em: 15 Set. 2017.

PINTURA Sacra. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 23 Fev. 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3823/pintura-sacra>>. Acesso em: 30 Dez. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

PLAYMOBIL DE MARTINHO LUTERO TEM PRODUÇÃO ESGOTADA EM 72 HORAS. *Blog Retratos da Economia – Estadão*. 19 Fev. 2015. Seção Economia & Negócios. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/blogs/retratos-da-economia/playmobil-martinho-lutero/>>. Acesso em: 24 Set. 2017.

POGGIO, Carlos Gustavo. Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudioso. **Nexo**. Entrevista concedida a João Paulo Charleaux. 29 Set. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

POLONINI, Janaína. Barbie, criada por Ruth Handler em 1959, inspirada na filha, revolucionou brinquedos. **O GLOBO**, 24 Abr. 2017. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/barbie-criada-por-ruth-handler-em-1959-inspirada-na-filha-revolucionou-brinquedos-21236214>>. Acesso em: 8 Ago. 2017.

POR QUE MAIO É O MÊS DE MARIA? **ACI Digital**. 2 Mai. 2017. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/archivo.php?fecha=2017-05-02>>. Acesso em: 8 Set. 2017.

PORTELA, Solano. A pena capital e a lei de Deus: Parte 1. **SOLANOPORTELA.NET**, 2005. Disponível em: <[https://www.solanoportela.net/na\\_integra/pena\\_capital\\_pt1.htm](https://www.solanoportela.net/na_integra/pena_capital_pt1.htm)>. Acesso em: 14 Nov. 2018.

PORTO, Walter. Redes sociais empoderam indivíduos, mas viram nova praça de linchamento. **Folha de São Paulo on-line**: Seção – Ilustrada. 24 Abr. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1620518-redes-sociais-empoderam-individuos-mas-viram-nova-praca-de-linchamento.shtml>>. Acesso em: 13 Dez. 2017.

PORTUGAL, Ministério Público. Direitos Humanos. **MP-Portugal**. Disponível em: <<http://gddc.ministeriopublico.pt/pagina/direitos-humanos?menu=direitos-humanos>>. Acesso em: 28 Out. 2017.

POSSENTI, Sírio. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. Alfa **Revista de Linguística**. V. 39. P. 44-55. São Paulo, 1995. E-ISSN: 1981-5794.

PUGGINA, Percival. Então, vítima boa é vítima morta? **Puggina.com**. 9 Out. 2015. Disponível em: <<http://www.puggina.org/artigo/puggina/entao-vitima-boa-e-a-vitima-morta/3502>>. Acesso em: 22 Dez. 2017.

PURCHIO, Luisa. Será o fim da Barbie? **Isto é**. Edição n.2527 25/05. 4. Fev. 2015. Disponível em: <[https://istoe.com.br/402308\\_SERA+O+FIM+DA+BARBIE+/\[/\]\(#\)](https://istoe.com.br/402308_SERA+O+FIM+DA+BARBIE+/)>. Acesso em: 4 Mai. 2017.

QUAL FOI A MAIOR BATALHA ENTRE ÍNDIOS E O EXÉRCITO AMERICANO NO VELHO OESTE? **Revista Mundo Estranho On-line**, 18 Abr. 2011. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/historia/qual-foi-a-maior-batalha-entre-indios-e-o-exercito-americano-no-velho-oeste/>>. Acesso em: 30 Dez. 2017.

QUAIS SÃO AS OBRAS DE MISERICÓRDIA? **Opus Dei**, 30 Nov. 2015. Disponível em: <<https://opusdei.org/pt-br/article/obras-de-misericordia-jubileu/>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

QUEBRANDO O TABU. Meme. In: **Facebook**, 22 Mai. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.575920612464330.1073741825.165205036869225/889981747724880/?type=1&theater>>. Acesso em: 30 Nov. 2017.

QUEM É A MULHER CONSERVADORA? **LMC – Liga das Mulheres Conservadoras**, 4 Ago. 2013. Disponível em: <<http://ligademulheresconservadoras.blogspot.com/2013/08/quem-e-mulher-conservadora.html>>. Acesso em: 10 Jun. 2016.

RAGIP, Sheik Muhammad. A Virgem Maria segundo o Islamismo. **Masnavi**. 15 Jun. 2015. Disponível em:

<[http://www.masnavi.org/jerrahi/Artigos\\_\\_\\_Palestras/A\\_Virgem\\_Maria\\_segundo\\_o\\_Islam/a\\_virgem\\_maria\\_segundo\\_o\\_islam.html](http://www.masnavi.org/jerrahi/Artigos___Palestras/A_Virgem_Maria_segundo_o_Islam/a_virgem_maria_segundo_o_islam.html)>. Acesso em: 30 Jun. 2017.

RAGUSA, Helena. **A história dos cristãos-novos no Brasil colonial e a escrita nos livros didáticos**: um estudo comparativo. Dissertação (Mestrado em História Social). – Londrina, 2012. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/mesthis/HelenaRagusa\\_Dissertacao.pdf](http://www.uel.br/pos/mesthis/HelenaRagusa_Dissertacao.pdf)>. Acesso em: 20 Mai. 2017.

REGO, Gustavo. “O medo é conservador”, diz jovem ativista. **Instituto Humanitas UNISINOS**, 25 Jun. 2013. Entrevista concedida a Eduardo Maretti. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521339-o-medo-e-conservador-diz-jovem-ativista>>. Acesso em: 12 Nov. 2017.

REUTERS. Conservador italiano é o novo presidente do Parlamento europeu. **Globo.com**, 17 Jan. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/conservador-italiano-e-o-novo-presidente-do-parlamento-europeu.ghtml>>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Rosiane. A maldição africana. **Extra**, 15 Abr. 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/rosiane-rodrigues/a-maldicao-africana-1604345.html>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

RONDINELLI, Paula. Basquetebol: história e regras. **Brasil Escola**, 2017. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/basquetebol.htm>>. Acesso em: 29 Abr. 2017.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Exército romano: conquista, terror e violência. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral** [em linea] 2011, 3 (Enero-Junio): Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4497/449749237004/>> Acesso em: 17 Jul. 2017.

SÁ, Kelly. Mulher empoderada e do lar: abrir mão da carreira não é o fim da luta. **Plano Feminino**, 26 Out. 2018. Disponível em: <<http://planofeminino.com.br/mulher-empoderada-e-do-lar-abrir-mao-da-carreira-nao-e-o-fim-da-luta/>>. Acesso em: 28 Out. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. Coleção Polêmica.

SANT'ANNA, Daniel; GUEDES, Rosana (Org.). **Catecismo da Igreja Católica**. 5ª ed. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 1993.

SANTANA, Ana Lucia. História do Facebook. **InfoEscola**, 2017. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/internet/historia-do-facebook/>>. Acesso em: 05 Ago. 2018.

SANTOS, Alexsander Coletto dos *et al.* O uso das cores na construção de sentido do discurso publicitário. **REC – Revista Eletrônica de Comunicação - Uni-FACEF** 2008 – Edição 06 – Jul/Dez 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rec/article/view/448/429>> Acesso em: 27 Dez. 2017.

SANTOS, Elinaldo. Quem era João Ferreira de Almeida? **Bíblia**, 28 Set. 2017. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=10046>>. Acesso em: 26 Dez. 2017.

SCAGLIA, Alcides. A história do surgimento do futebol a partir das brincadeiras de bola com os pés. **Universidade do Futebol: transformação pelo conhecimento**. 15 Jun. 2008. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/a-historia-do-surgimento-do-futebol-a-partir-das-brincadeiras-de-bola-com-os-pes/>>. Acesso em: 10 Mai. 2017.

SCHNEIDER, Daniel. Brancos são mais inteligentes que negros? **Revista Super Interessante On-line**, 30 Nov. 2007. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/brancos-sao-mais-inteligentes-que-negros/>>. Acesso em: 30 Set. 2017.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo**. Tradução de Guilherme Ferreira Araújo. – 1ª ed. – São Paulo: É Realizações, 2015.

SERRA JUNIOR, Gentil Cutrim; ROCHA, Lourdes de Maria Leitão Nunes. A Internet e os novos processos de articulação dos movimentos sociais. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 205-213, Dec. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802013000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802013000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 Abr. 2017.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602008000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 Mai.2017.

SIGNIFICADO DA COR AZUL. **Significados**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cor-azul/>> Acesso em: 18 Ago. 2017.

SIGNIFICADO DA COR ROSA. **Dicionário de Símbolos**: significado dos símbolos e simbologia. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/significado-cor-rosa/>>. Acesso em: 18 Ago. 2017.

SIGNIFICADO DE COR ROXA. **Significados BR**. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/cor-roxa>>. Acesso em: 18 Ago. 2017.

SIGNIFICADO DA COR VERDE. **Dicionário de Símbolos**: significado dos símbolos e simbologia. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/significado-cor-verde/>>. Acesso em: 18 Ago. 2017.

SILVA, Antonio Ozaí da. O Pensamento Conservador. **Revista Espaço Acadêmico**. N.107. Abril 2010.

SILVA, Cintia L. R. de. **Fina Presença**: Psicologia, Consciência e Arte. Edição do autor: Salvador, 2012. ISBN 978-85-913567-0-6. *E-book*. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=9gJJBQAAQBAJ&pg=PA70&lpg=PA70&dq=discovery+channel+loira+burra&source=bl&ots=9qYyt8HD-h&sig=tHC7Ha9d0U85Pya8RB57FuiRtKM&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi7hYuJ05vXAhVEiJAKHeTQDv8Q6AEIPDAG#v=onepage&q=discovery%20channel%20loira%20burra&f=false>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

SILVA, José Otacílio. **Althusser**. In. OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SILVA, Priscilla Resende da. **Fundamentos do direito hebreu refletidos na legislação brasileira:** institutos do direito penal brasileiro sob a ótica do decálogo cristão. Monografia. (Bacharelado em Direito). Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/209/3/20504419.pdf>> Acesso em: 15 Mai. 2017.

SILVA, Susana Aparecida da. Diego Velázquez e os retratos de Felipe IV: a pintura barroca e a ideia de tempo na sociedade espanhola do século XVII. **Antíteses**. – ISSN: 1984-3356, 2012. Universidade Estadual de Londrina.

SILVEIRA, Ana Cláudia Ferreira da; FIGUEIREDO, Maria Flávia. O argumento de autoridade como estratégia retórico-argumentativa no artigo de opinião jornalístico. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**: v.9, n.2, p.127 – 141, Jul/Dez 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/783/607>>. Acesso em: 1 Dez. 2017.

SILVER, Diego. História do esporte – o basquetebol no Brasil. **Área Restritiva**, 7 Jul. 2016. Disponível em: <<http://www.arearestritiva.com.br/historia-do-esporte-o-basquetebol-no-brasil/>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

SINGER, Helena. Direitos Humanos e volúpia punitiva. **Revista USP**, Brasil, n. 37, p. 10-19, May 1998. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27017>>. Acesso em: 28 Mai. 2017.

SIVUCA (Policial José Guilherme Godinho) em: **Jô Soares Onze e Meia (SBT)**, 18 Out. 1993 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IFrGH78In4o>>. Acesso em: 29 Dez. 2017. (21m47s).

SOARES, Luis. Entenda por que o estado brasileiro ainda não é laico. **Pragmatismo Político**, 7 Mai. 2013. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/05/estado-brasileiro-nao-e-laico.html>>. Acesso em: 7 Mai. 2017.

SOLANO, Esther. A direita pop e a memificação da política. **Instituto Humanitas Unisinos**, 1 Out. 2018. Entrevista concedida a Patrícia Fachin. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/583242-a-direita-pop-e-a-memificacao-da-politica-entrevista-especial-com-esther-solano>>. Acesso em: 27 Out. 2018.

SOLIMEO, Gustavo Antônio; SOLIMEO, Luiz Sérgio. Natureza e origem do mal. **Catolicismo: Seção – Doutrina Católica**, Mai. 2015. Disponível em: <<http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/460A4199-B919-6ABD-DB2FD8E8A43030D5/mes/Maio2015>>. Acesso em: 30 Out. 2017.

SORANO, Vitor. Venda de armas bate recorde no País. **Último Segundo**, 1 Jun. 2015. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-06-01/venda-de-novas-armas-bate-recorde-no-pais.html>>. Acesso em: 12 Nov. 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 7ª.ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **O conservadorismo moderno:** esboço para uma aproximação. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 122, p. 199-223, Jun. 2015 Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282015000200199&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000200199&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em :30 Ago. 2017.

SOUZA, Sandra Duarte de. Corpo de mulher e violência simbólica. **Revista Tempo e Presença**. Seção Corpo & Estética. N. 322 Março/Abril de 2002. P. 23 – 25. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/uploads/TP%20322.pdf>>. Acesso em: 7 Dez. 2017.

STEIN, Leandro. O primeiro clube feminino da história surgiu já lutando pelos direitos das mulheres. **Trivela**, 8 Mar. 2015. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/o-primeiro-clube-feminino-da-historia-surgiu-ja-lutando-pelos-direitos-das-mulheres/>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

TOLEDO, José Roberto de. Eleitora “nem nem” desdenha os candidatos. **Piauí on-line**, 30 Jan. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/eleitora-nem-nem-desdenha-os-candidatos/>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

TOMAZELA, José. Aumento do número de ateus no Brasil preocupa Igreja Católica. **Correio 24 horas**, 9 Abr. 2016. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/aumento-do-numero-de-ateus-no-brasil-preocupa-igreja-catolica/>>. Acesso em: 30 Nov. 2017.

TRESE, Leo J. **A fé explicada**. Tradução de Isabel Perez. 7ª edição. São Paulo – Quadrante, 1999.

UE APROVA PUNIÇÃO A GOVERNO DE EXTREMA DIREITA DA HUNGRIA. **Terra**, 12 Set. 2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/uniao-europeia-aprova-punicao-a-governo-de-extrema-direita-da-hungria,ba55c34de9f08c855ae451ff2d959589g74ti2o4.html>>. Acesso em: 16 Nov. 2018.

URBEL, J. Perez de. **A vida de Cristo**. 3ª.ed. Quadrante – São Paulo: 2000. ISBN 9788574650258.

VANIER, Alain. Temos medo de quê? **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 285-298, Dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982006000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Out. 2017.

VARGAS LLOSA, Mário. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Tradução Ivone Benedetti – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VELÁZQUEZ, DIEGO RODRÍGUEZ DE SILVA Y. Cristo Crucificado. **Museo Del Prado**, 2015. Disponível em: <<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/cristo-crucificado/72cbb57e-f622-4531-9b25-27ff0a9559d7>>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

VERONA, Elisa Maria. O discurso médico e a construção da ideia de sexo frágil no Brasil oitocentista. **OP SIS**, Catalão, v.12, n. 1, p. 311-327, Jan/Jun 2012.

VICE DE BOLSONARO, general Mourão não descarta intervenção militar caso Lula seja candidato. **Revista Fórum**, 10 Ago. 2018. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/vice-de-bolsonaro-general-mourao-nao-descarta-intervencao-militar-caso-lula-seja-candidato/>>. Acesso em 15 Ago. 2018.

VIEIRA, Marcus André. **Nota sobre a criança, de Jacques Lacan: uma leitura.** 2005.

Disponível em:

<[http://www.litura.com.br/curso\\_repositorio/uma\\_leitura\\_de\\_notasobre\\_a\\_crianca\\_de\\_j\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/curso_repositorio/uma_leitura_de_notasobre_a_crianca_de_j_1.pdf)>. Acesso em: 13 Mar. 2017.

VILELLA, Shirley Elias. **(A precocidade do vazio): Barbie, tudo o que você quer ser!** Dissertação (Cultura Visual). Universidade Federal de Goiás. 2008.

VIOTTI, Frederico R. de Abranches. A cruz de Cristo, a quem incomoda? **Revista Catolicismo On-line**, Abr. 2012. Disponível em:

<<http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=22CF0C94-B122-A5D0-409C0797AB1D0C65&mes=Abril2012>>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

VITAL, Antonio. Porte de arma: estatísticas põem em dúvida eficácia do Estatuto do Desarmamento – Bloco 2. **Câmara dos Deputados**, 17 Ago. 2015. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/493968-PORTE-DE-ARMA-ESTATISTICAS-POEM-EM-DUVIDA-EFICACIA-DO-ESTATUTO-DO-DESARMAMENTO-BLOCO-2.html>>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

VÍTIMAS DO PERÍODO NAZISTA: ideologia racial nazista. **Ushmm**, 2017. Disponível em:

<<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007457>>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

VOCAÇÃO. **Dicionário do Aurélio Online**, 2017. Disponível em:

<<https://dicionariodoaurelio.com/vocacao>>. Acesso em: 20 Ago. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil.** 26 Ago. 2015. Flacso Brasil. P. 1-71. São Paulo. Disponível em:

<[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf)>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

WELLE, Deutsche. A nova onda conservadora no Brasil. **Carta Capital: Brasil**, 06 Dez.

2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-onda-conservadora-no-brasil>>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

WILLIAMS, Walter *et al.* Vinte anos que comprovam que a posse de armas deixa uma população mais segura. **Mises Brasil**, 19 Nov. 2014. Disponível em:

<<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1974>>. Acesso em: 29 Dez. 2017.

ZAPATER, Maíra. Como surgiram os Direitos Humanos? **Observatório Terceiro Setor**, 15

Abr. 2016. Disponível em: <<http://observatorio3setor.org.br/colunas/maira-zapater-direitos-humanos-e-sociedade/como-surgiram-os-direitos-humanos/>>. Acesso em: 24 Ago. 2017.

ZAVAGLIA, Claudia. Dicionário e cores. **Alfa Revista de Linguística**. São Paulo, 50 (2): 25 - 41, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1409/1110>>.

Acesso em: 22 Abr. 2017.